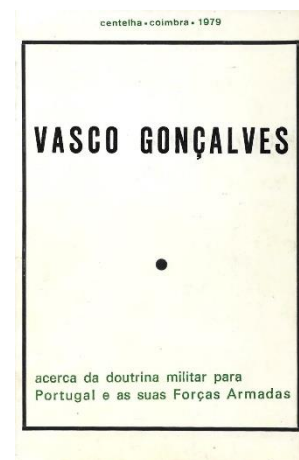
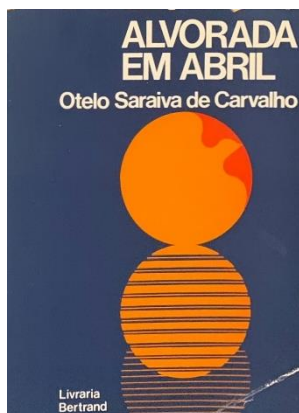
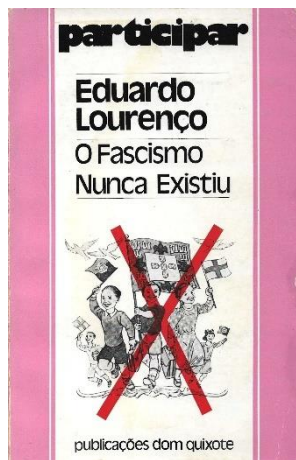
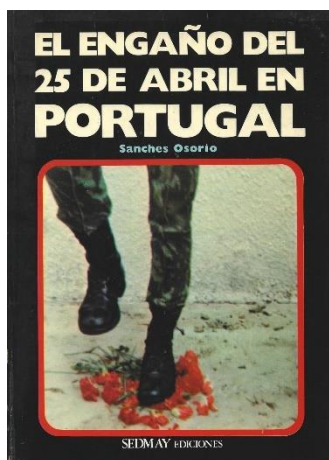
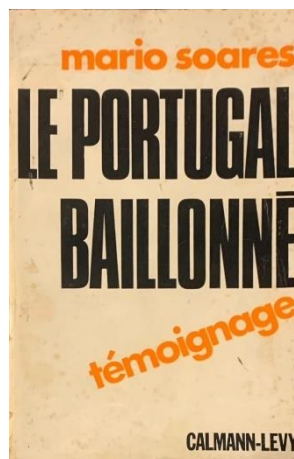
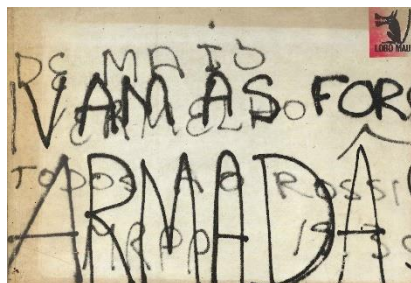
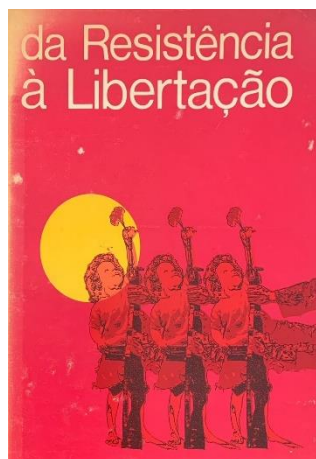


BOLETIM

TEMÁTICO N.º 3

50 Anos do 25 de Abril

Abril 2024



CONDIÇÕES GERAIS

- Os preços dos livros já incluem o IVA à taxa legalmente em vigor, que é de 6%
- Os livros apresentados encontram-se no estado em que estão descritos no momento da venda
- As encomendas podem ser feitas presencialmente, na nossa loja *online*, por telefone ou através do nosso e-mail: geral@letrograma.pt e serão tratadas por ordem de chegada
- Os livros encomendados poderão ser levantados fisicamente na livraria num prazo de **20** dias ou, caso opte pelo envio por correio, serão cobrados os respectivos portes
- Os pagamentos aceites em loja são em numerário ou através do Terminal de Pagamentos Automáticos (TPA) e, através da loja *online*, poderá pagar através de Transferência Bancária ou Referência Multibanco (aguarde a recepção da Nota de Encomenda para saber o valor dos portes sff)

Letrograma - Livraria, Alfarrabista, Arte e Antiguidades - Sociedade Unipessoal Limitada

Calçada dos Mestres, N.º 12A

1070-178 Lisboa

Telefone: 21 581 59 00

Telemóvel: 91 158 14 54

E-mail: geral@letrograma.pt

Horário de Funcionamento

Segunda-Feira a Sexta-Feira

9:30-13:00 e das 14:30-19:00

Sábado e Feriados

9:30-13:00

Estimados Clientes, Livreiros e Amigos,

É com grande prazer que a Letrografia apresenta o 3.º Boletim Temático em Abril de 2024, dedicado aos **50 Anos da Revolução de Abril (25/04/1974)**.

O dia 25 de Abril de 2024 marca a passagem dos 50 Anos sobre esta data, facto que tem sido amplamente difundido na Imprensa, com as mais diversas iniciativas.

Assim, decidimos assinalar esta data com um conjunto de 50 obras (o mesmo número de anos que decorreram desde a «Revolução») e que nos parecem pertinentes para fazer uma incursão, através da História de Portugal mais recente, no período do 25 de Abril de 1974 e nos tempos que se seguiram, até ao «Verão Quente» e o fim do Processo Revolucionário em Curso (PREC), a 25 de Novembro de 1975.

O Boletim, com um total de **50** obras seleccionadas, quase todas em **edição original** (havendo uma 2ª Edição e obras em que apresentamos a edição original e a tradução para o Português), tem valores que oscilam entre os 5€ e os 20€.

A obra “Portugal e o Futuro” de António de Spínola, publicada 2 meses antes da «Revolução», desencadeou um «Terramoto» no Regime do Estado Novo e anunciou esta mesma «Revolução», e está incluída nestes 50 livros.

As restantes obras apresentadas, numa tão vasta Bibliografia que existe sobre o 25 de Abril, pretendem ser apenas sugestões de leitura sobre o tema e abarcam as múltiplas facetas de um Regime Fascista que teve 48 Anos de existência, com alguns livros escritos pelos intervenientes directos e mais próximos no 25 de Abril, outros falando sobre eles (Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Gonçalves, Melo Antunes, entre outros).

Podemos encontrar Depoimentos e Textos de pessoas que estiveram no Exílio, como Mário Soares ou Álvaro Cunhal, testemunhos de pessoas que estiveram no Tarrafal (Correia Pires e o Cândido de Oliveira, o último um dos fundadores do jornal «A Bola» e que dá nome à «Supertaça» de Futebol em Portugal desde 1979), Ensaios de relevo de Eduardo Lourenço, Alberto Ribeiro Soares, João Martins Pereira, Mário Matos e Lemos e do conjunto de jornalistas Avelino Rodrigues, Cesário Borga e Mário Cardoso, e também crónicas da Natália Correia e do Alfredo Barroso, da época.

Encontramos, ainda, livros que denunciam os «Crimes» e Terror da P.I.D.E., sobre o Sindicalismo na altura, livros com Caricaturas e com os «slogans» políticos do momento nas «Paredes», livros que denunciam a Censura na Imprensa (a obra do José Pedro Castanheira sobre a Censura no «Expresso», sobre o Miguel Urbano Rodrigues e «O Diário», sobre o Nuno Rocha e «O Tempo» e a obra do João Paulo Guerra sobre Liberdade de Imprensa), mas também os «Livros Apreendidos» (uma obra que tem a relação dos livros apreendidos à época).

Procurou dar-se uma visão ampla daquilo que a «Revolução» significou na sua essência, com visões distintas dos acontecimentos, umas escritas na «Brasa» do momento, outras com análises mais distanciadas e a «frio» - as obras foram publicadas entre 1972 (“Le Portugal Baillonné” de Mário Soares, obra apreendida) e 2009, (“O Que a Censura Cortou,” uma obra mais recente do José Pedro Castanheira sobre a Censura do «Expresso»), havendo pelo meio algumas obras das décadas de 1980 e 1990.

A baliza temporal das obras vai desde o 25 de Abril de 1974 até ao 25 de Novembro de 1975, que põe um termo ao Processo Revolucionário em Curso (PREC), passando pela «Maioria Silenciosa» (28 de Setembro de 1974), «Intentona» (11 de Março de 1975) e o PREC em si.

Existem **oito** obras que destacamos, ou pelo interesse Histórico no contexto do 25 de Abril de 1974, ou por terem sido escritas pelos principais intervenientes na «Revolução»:

- “Le Portugal Baillonné” de Mário Soares (1ª Edição, 1972)
- “Não Percas a Rosa: Diário e Algo Mais (25 de Abril de 1974 - 20 de Dezembro de 1975)” de Natália Correia (1ª Edição, 1978)
- “Alvorada em Abril” de Otelo Saraiva de Carvalho (1ª Edição, 1977)
- “Acerca da Doutrina Militar Para Portugal e as Suas Forças Armadas” de Vasco Gonçalves (1ª Edição, 1979)
- “O Fascismo Nunca Existiu” de Eduardo Lourenço (1ª Edição, 1976)
- “El Engaño del 25 de Abril en Portugal” de Sanches Osório (1ª Edição, 1975)
- “As Paredes em Liberdade” de José Marques (1ª Edição, 1974)
- “Da Resistência à Libertação” de Autores Vários, com Coordenação de Orlando Neves (1ª Edição, 1977)

Esperemos que encontrem livros que sejam do vosso agrado e que possam complementar as vossas bibliografias com alguns títulos que ainda não possuam.

1. **AAVV - COMPANHEIRO VASCO.** (Colecção «Retrato em Movimento» - 1). Editorial Inova - Porto, 1977. 585, [10] pp., [2] folhas promocionais. B. (I-L-1223)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Com assinatura de posse safada no anterrosto.** Obra inaugural da Colecção «Retrato em Movimento» da Editorial Inova. **Direcção Gráfica de Armando Alves.** Revisão Tipográfica de J.M. de Sousa Pereira. Obra profusamente ilustrada, com fotografias a preto e branco e a cores. Com o preço antigo de 500\$ a lápis no anterrosto.

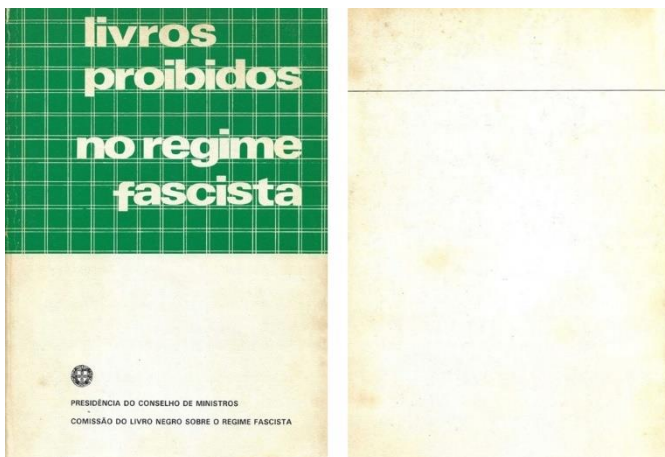
A presente obra surgiu de uma ideia da Editorial Inova, em Outubro de 1975, que colocou anúncios a pedir colaboração para um livro de Depoimentos diversos sobre Vasco Gonçalves e daí nasceu a obra "Companheiro Vasco" - a ideia foi recebida com grande interesse e dezenas de pessoas enviaram Cartas de Apoio, Recortes de Jornais e Sugestões Diversas. Conforme se pode ler nas badanas, "a obra chamou-se «Companheiro Vasco» por ser um nome consagrado então por uma grande massa do Povo Trabalhador que via no ex-Primeiro-Ministro a figura ímpar da Revolução de Abril, aquele que efectivamente cumprira o que prometera (sem o ter prometido, que é a melhor maneira de cumprir), o homem cuja acção tinha sido constantemente norteadada pelo interesse dos mais desprotegidos... Este livro ajudará a compreender que a figura de Vasco Gonçalves e o Processo que ela simboliza não podem ser diminuídos pela demagogia e/ou pela calúnia. A memória do Povo e a justiça da História unem-se para o impedir." (retirado da badana da frente).

A obra consiste em 4 Partes, mais a "Biografia Cronológica" e o "Índice das Ilustrações," a saber: 1.) "Entrevista com Vasco Gonçalves Realizada por Carlos Coutinho," 2.) "A Poesia e a Arte na Revolução" - Poemas de A. Garibáldi (Artur Garibáldi Pereira Braga), António Ramos Rosa, Armando da Silva Carvalho, Casimiro de Brito, E. M. de Melo e Castro, Eduardo Olímpio, Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade, Gastão Cruz, José Jorge Letria, José Barreiros, José Ferreira Monte, Maria da Graça Varela Cid, Maria do Rosário Pombo e Maria Teresa Horta e diversos Desenhos, Pinturas e Cartazes, 3.) "Depoimentos Inéditos e Não Inéditos" - Depoimentos de várias Personalidades ligadas à Cultura, com algumas Homenagens e Crónicas sobre Vasco Gonçalves no final, 4.) "A Tentativa de Transição Para o Socialismo em Portugal" - Ensaio de Mário Murteira, mais a "Biografia Cronológica" e o "Índice das Ilustrações."

Capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, um pequeno rasgão junto da lombada (à frente), com desgaste junto da lombada e das margens e com alguma sujidade e picos de acidez. Lombada vincada, com um pequeno rasgão, uma pequena mancha de humidade em cima, com picos de acidez e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos expressivos nos cantos, escurecido e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

7,50€

2. **AAVV - LIVROS PROIBIDOS NO REGIME FASCISTA.** Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista (Presidência do Conselho de Ministros) - Mem Martins, 1981. 117, [6] pp. B. (I-L-1230)



1ª Edição. **Tiragem de 5.000 exemplares.** Capa de Maria Manuela Carvalho dos Santos.

Nesta obra, organizada pela Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista, criada em 1977 para investigar os abusos cometidos durante o Estado Novo e que surgiu por proposta do então Primeiro-Ministro Mário Soares, como forma de combate ao ressurgimento de ideologias Fascistas, tendo como base as comunicações recebidas pelos Editores e Livreiros da Direcção dos Serviços de Censura e da Direcção Geral de Informação relativamente aos livros que iam sendo proibidos, foi feita uma Relação bastante extensa dos «Livros Proibidos» durante 48 anos - não abrange todo o volume desta Censura, mas oferece um quadro expressivo com grande significado político e cultural. Conforme referido na "Introdução" à obra, "O regime Fascista Português foi um regime de Anti-Cultura. A proibição dos livros, as apreensões, as destruições por meios mecânicos e pelo fogo purificante, são aspectos de um regime político de opressão, de perseguição, de Terror Policial, de Obscurantismo Cultural." (páginas 5-6).

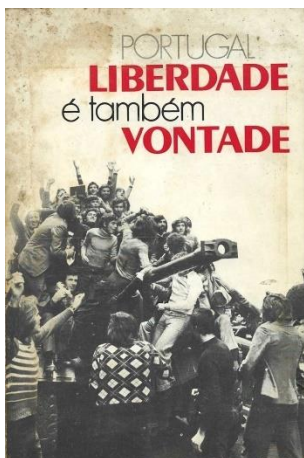
É de realçar que foram proibidas obras Portuguesas e Estrangeiras, mas não apenas aquelas publicadas depois de 1926 - houve obras anteriores a 1926, editadas nos primeiros anos da República, algumas até anteriores a 1910, que foram apreendidas, como é o caso de "A Rússia dos Sovietes" (1925) de José Carlos Rates.

A obra encontra-se dividida em 2 Capítulos, a saber: 1.) "Relação de Obras Proibidas" - organizada por ordem alfabética de autores e 2.) "Apêndice" - com 3 "Autos de Apreensão" de Livros pela P.I.D.E.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com desgaste junto da lombada, com pequenas faltas de papel e com picos de acidez. Lombada com picos de acidez. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos e com ocasionais picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Páginas 65-72 com excesso de papel nos cantos, de origem.

7,50€

3. AAVV - PORTUGAL: LIBERDADE É TAMBÉM VONTADE. Ministério da Comunicação Social - Lisboa, 1975. 102, [2] pp. B. (I-L-1249)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 50.000 exemplares.** Com a anotação "Conflitos de trabalho" a tinta azul no anterrosto. Execução Gráfica de Joaquim José de Almeida Baltazar. **Com uma Gravura de José Dias Coelho** na página 65. Obra profusamente ilustrada, com fotografias a preto e branco.

Esta obra, com o subtítulo «Liberdade é Também Vontade», resume "ou o que foi a Luta contra o Fascismo, ao longo de 48 anos, ou a razão por que o MFA e o Povo Português iniciaram a Revolução de 25 de Abril - tal o significado deste livro. Podem notar-se imprecisões, também, pois a tarefa é difícil - a História do Fascismo Português não está nas páginas dos jornais. Ao contrário, está silenciada na lembrança de alguns e até na ignorância de muitos. Há Depoimentos a fazer e com urgência." (em "Introdução" - página 5).

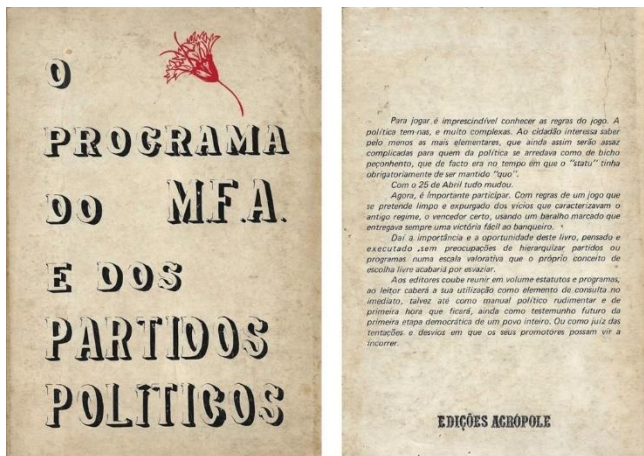
A obra encontra-se dividida em 5 Capítulos, a saber: 1.) "O País que Tínhamos," 2.) "Antecedentes ao 28 de Maio de 1926," 3.) "Portugal Sob o Fascismo," 4.) "Liberdade é Também Vontade" e 5.) "Citações." Começando por um perfil de como era Portugal antes do 25 de Abril de 1974, aborda o Golpe do 28 de Maio de 1926, que levaria Salazar ao poder, os anos do Estado Novo, em que Portugal viveu sob um Regime Fascista, e termina com o capítulo "Liberdade é Também Vontade," onde fala do período entre o 25 de Abril de 1974

até ao 1.º de Maio de 1974, contendo ainda no final uma lista de citações usadas no livro.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, marcas de exposição solar e de contacto com outros livros na contra-capa, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com acidez generalizada. Lombada escurecida, com alguns picos de acidez e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades limpos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

5€

4. **AAVV - O PROGRAMA DO M.F.A. E DOS PARTIDOS POLÍTICOS.** (Colecção «Política» - 2). Edições Acrópole - Alfragide, 1975. 407, [1] pp. B. (I-L-1228)



1ª Edição - saiu uma 2ª Edição em 1977, Revista e Actualizada com todos os Partidos Políticos Legalizados. Obra inserida na Colecção «Política» das Edições Acrópole. Edição e Direcção de **Neves Ramos**. Capa de Guida Pereira. Nota Prévia de Victor Dimas. Com o preço antigo de 150\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra contém o Manifesto ideológico do MFA e dos diferentes Partidos logo após o 25 de Abril de 1974, pois "A Revolução de Abril foi indiscutivelmente o acontecimento mais marcante da vida Portuguesa no ano de 1974... considerado pela Associação Internacional de Imprensa em Terceiro Lugar no panorama Político mundial... O Pluripartidarismo surge, portanto, não como consequência mas como necessidade. É com ele que têm de cimentar-se a Democracia, sem ele é impensável a escolha de uma via Democrática... Aos Editores coube reunir em volume Estatutos e Programas; ao Leitor caberá a sua utilização como elemento de consulta no imediato, talvez até como Manual Político rudimentar e de primeira hora que ficará, ainda como testemunho futuro da primeira etapa Democrática de um Povo inteiro..." (em "Nota Prévia" - páginas 5-6)

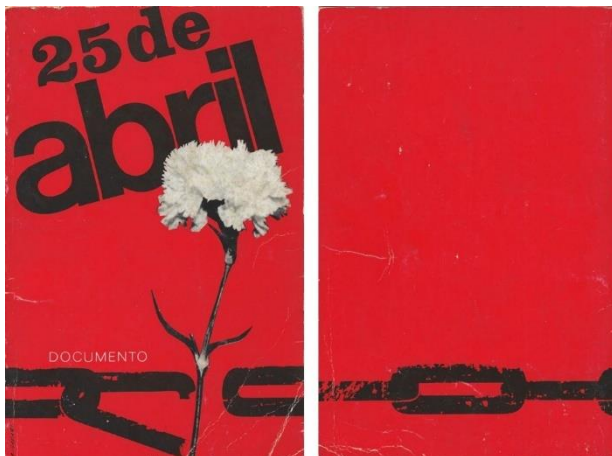
Assim, são apresentados os Estatutos e Programas, a par do Movimento das Forças Armadas (MFA), de 12 Partidos Políticos a saber: Partido Popular Democrático (PPD),

Partido da Democracia Cristã (PDC), Aliança Operária-Camponesa (AOC), Partido Comunista Português (PCP), Frente Eleitoral de Comunistas Marxistas-Leninistas (FEC), Partido Socialista (PS), Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP), Partido do Centro Democrático Social (CDS), Movimento Democrático Português/ Comissão Democrática Eleitoral (MDP/CDE), Partido Popular Monárquico (PPM), Movimento de Esquerda Socialista (MES) e União Democrática Popular (UDP).

Capas de brochura com vincos expressivos e dobras nos cantos, com sinais de manuseamento, vincos ao longo das capas, escurecidas e com picos de acidez e sujidade. Lombada vincada, com riscos, algumas marcas de tinta azul, com leves picos de acidez e sujidade e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos expressivos e dobras nos cantos, vincos ao longo das capas e escurecido. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez e humidade. Algumas páginas com vincos expressivos em cima e em baixo, nos cantos. Páginas 339-342 com pequeno rasgão na margem, sem afectar o texto.

7,50€

5. **AAVV - 25 DE ABRIL.** (Colecção «Documento»). Casaviva Editora, Lda. - Lisboa, 1974. 183, [4] pp. B. (I-L-1252)



1ª Edição - a 16 de Maio de 1974 saiu uma 2ª edição, Revista e Aumentada, publicada menos de duas semanas depois desta, que foi publicada a 5 de Maio de 1974. Obra inserida na Colecção «Documento» da Casaviva Editora. Coordenação dos Jornalistas **Afonso Praça**, Albertino Antunes, António Amorim, **Cesário Borga** e Fernando Cascais. Capa de Carlos Rafael. Ilustrado com reproduções de Fotografias da época. Com o preço antigo de 750\$00 a lápis no anterrosto.

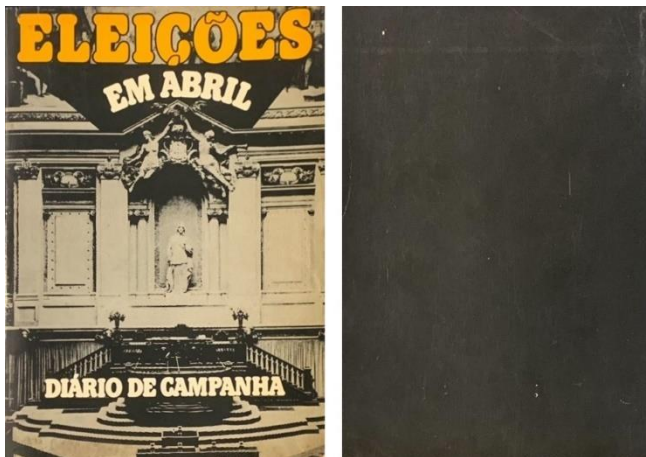
Esta obra, em que se apontaram os factos mais importantes antes, durante e depois do 25 de Abril de 1974, foram transcritos os mais significativos para a compreensão do que se passou em Portugal nesta altura - foi feita uma compilação das medidas Políticas e Sociais levadas a cabo pelo Movimento das Forças Armadas logo após o Golpe de Estado do 25 de Abril de 1974.

O livro pretendia "ajudar a compreender (e a recordar) como começou e vai provavelmente continuar o desmantelamento do Regime Fascista, na obra de Reconstrução de uma sociedade livre e democrática." (retirado da "Nota de Abertura" - página 6).

Capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, com sinais de manuseamento e com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel. Lombada vincada, um pouco quebrada em baixo e com diversas faltas de papel, sem afectar o texto. Interior das capas de brochura com vincos expressivos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo geralmente limpo, mas extremidades com ocasionais picos de acidez. Páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos. Algumas páginas com vincos e pequenas amolgadelas em cima e em baixo. Páginas 1-8 com um rasgão do centro até baixo, sem afectar o texto.

5€

6. **AAVV - ABREU (Manuel de Jesus Dinis de) (DINIS DE ABREU) - Compilação - ELEIÇÕES EM ABRIL: DIÁRIO DE CAMPANHA.** Liber - Editora e Publicidade Portugal Brasil, Lda. - Lisboa, 1975. 586, [2] pp., [2] folhas ilustradas. B. (I-L-1233)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 5.000 exemplares.** Fotografia da Capa de **José Antunes**. Com o preço antigo de 75\$00 a lápis no anterrosto.

Nesta obra, que incide no Acto Eleitoral para a Assembleia Constituinte de 25 de Abril de 1975, decorrido um ano depois da Revolução do 25 de Abril de 1974, foi abordado o período em questão "Durante 21 dias, o País suportou uma campanha de 12 Partidos Políticos, uns empenhados em conquistar ou alargar clientelas eleitorais que melhor espelhassem a sua implantação e adesão de massas, outros orientados na difusão dos seus princípios ideológicos, com diferentes graduações. É o «rosto» dessa campanha que este livro se propõe oferecer ao Leitor, como documento expositivo e acrítico que vale pelos elementos que contém, para um necessário estudo da geografia Política e Eleitoral Portuguesa..." (em Nota do Autor" - página 5). Com base na Imprensa Diária e Não-Diária Portuguesa durante a «Campanha Eleitoral» para a Assembleia Constituinte, foi feita uma recolha sistemática e criteriosa da informação mais essencial neste período e os ecos que a mesma teve no

Estrangeiro.

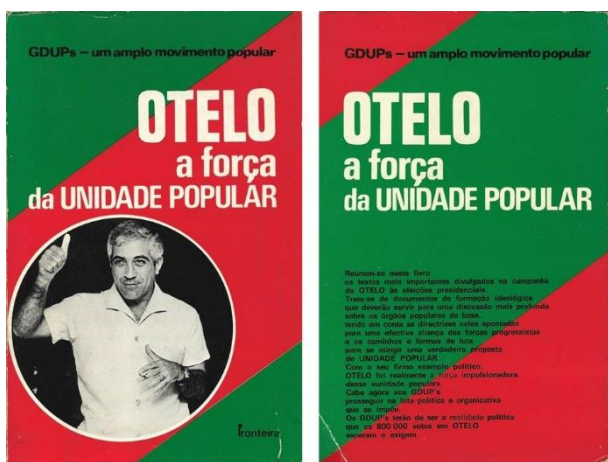
Encontra-se dividida em 18 Capítulos, a saber: 1.) "As Outras Constituintes," 2.) "As Constituições dos Outros," 3.) "A Lei e os Eleitores," 4.) "Lei Eleitoral," 5.) "Um Esclarecimento e um Projecto de Constituição," 6.) "A História dos Partidos," 7.) "Os Partidos e as Bases Programáticas," 8.) "«Luz Verde» Para a Campanha," 9.) "O Pacto-Plataforma," 10.) "Algumas Reacções (e Justificações) Perante o Pacto," 11.) "Investidura e Intervenção da Comissão Nacional de Eleições," 12.) "A Questão do Voto em Branco," 13.) "«Dossier» de Campanha," 14.) "Nas Vésperas das Eleições," 15.) "A Palavra dos Votos," 16.) "A Interpretação dos Votos," 17.) "Ecos da Campanha" e 18.) "Fotografias."

Dinis de Abreu é um Jornalista Português, e no seu percurso profissional foi Sub-Director do «Diário de Notícias» entre 1978 e 1986 e Director do mesmo jornal entre 1986 e 1988 e entre 1989 e 1992, em 1997 passou a dirigir a revista «Factos», pertencente ao grupo «Semanário», em 1998 abandonou o Conselho de Administração do grupo «Semanário» e em 2001 tornou-se Director da revista «Meios» e em 2002 foi Director de Comunicação e Relações Exteriores do Grupo Estoril-Sol, sendo actualmente Jornalista e Colunista do «Observador». Foi um dos Fundadores em 1980 do Clube Português de Imprensa e desde 2019 é Presidente do Conselho Director deste Clube, onde dirigiu os «Cadernos de Imprensa». Para além de coordenar a presente obra sobre a «Campanha» para a Assembleia Constituinte, coordenou uma obra sobre o «11 de Março», também publicada em 1975, e duas obras sobre Macau, uma sobre os últimos dias de Administração Portuguesa e um com textos dele e ilustrações do Cartoonista Zé Manel (pseudónimo de José Manuel Domingues Alves Mendes).

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, vincos ao longo das capas, um pequeno furo redondo na contra-capá, com sinais de manuseamento e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada vincada e com leve sujidade. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos, escurecido e com leves picos de acidez e humidade. Miolo e extremidades escurecidos, com picos de acidez e humidade. Algumas páginas com vincos em cima e em baixo, nos cantos. Páginas 49-64 por abrir. A partir da página 547, com um pequeno furo redondo, sem interferir na leitura.

10€

7. **AAVV - FERREIRA (Serafim) - Coordenação e Prefácio - OTELO: A FORÇA DA UNIDADE POPULAR - AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1976.** (Colecção «Revolução» - 8). Editorial Fronteira - Amadora, 1976. 174, [6] pp., [8] folhas ilustradas. B. (I-L-1224)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 4.100 exemplares.** Obra inserida na Colecção «Revolução» da Editorial Fronteira. Com Coordenação e Prefácio de **Serafim Ferreira**. Capa de Gil Perdigão. Fotografia da capa de **Eduardo Gageiro**. Com o preço antigo de 70\$00 a lápis no anterrosto.

Nesta obra, publicada no âmbito das Eleições Presidenciais de 1976, o foco foi a candidatura de Otelio Saraiva de Carvalho, que concorreu com o apoio da União Democrática Popular (UDP), Movimento de Esquerda Socialista (MES), Frente Socialista Popular (FSP) e Partido Revolucionário do Proletariado (PRP) - aproveitando o largo Movimento de Massas para se consolidarem os Grupos Dinamizadores de Unidade Popular (GDUPs), foi organizado o Comício "50 anos de Luta Contra o Fascismo - Otelio no Porto" a 29 de Maio de 1976, que foi "realmente para Otelio a confirmação de que a sua luta nas Eleições Presidenciais seria uma «arrancada» política com objectivos bem concretos e não a mera «aventura» de um homem e militar do MFA que... pretende agora dar a imagem verdadeira e autêntica da sua personalidade irradiante de simpatia, de calor humano, de profunda comunicabilidade..." (em "Prefácio" - página 9).

Serafim Ferreira reuniu os textos mais importantes durante a Campanha Eleitoral de Otelio, entre 13/05/1976 e 23/07/1976, ordenados cronologicamente - este viria a perder as Eleições para António Ramalho Eanes, que tinha o apoio do Partido Socialista (PS), Partido Popular Democrático (PPD), Centro Democrático Social (CDS) e Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP), obtendo cerca de 16% dos votos, ficando em 2.º Lugar.

Otelio Saraiva de Carvalho, nascido em Lourenço Marques (Moçambique), foi um Coronel de Artilharia Português, que fez o Tirocinio na Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas e durante a Guerra Colonial fez 3 Comissões, entre Angola e a Guiné (1961-1970), tendo sido Professor na Escola Central de Sargentos em Águeda (1967-1968) - um dos principais Estrategas do 25 de Abril de 1974, fez parte do «Conselho dos 20» e do «Conselho da Revolução».

Após a «Intentona» (11/03/1975), teve uma actuação polémica durante o PREC, usando o COPCON para prender adversários políticos, através da emissão de Mandados de Captura

em branco, tendo sido preso e Desgraduado depois do 25 de Novembro de 1975 - em Junho de 1984 foi novamente preso, acusado de ter fundado e dirigido a organização Terrorista «Forças Populares 25 de Abril» (FP-25) e tendo sido condenado em 1986 a 15 anos de prisão efectiva (mais tarde seriam 17 anos), mas este sempre recusou ter participado, ainda que mais tarde tenha aceite uma acusação de cumplicidade, e viria a ser Amnistiado dos crimes de Associação Terrorista em 1996 pela Assembleia da República. Controverso, foi homenageado, apoiado e acarinhado por muitos e, na maior parte das vezes, destaca-se o seu papel maior no 25 de Abril de 1974.

Serafim Ferreira, que escolheu os textos, foi um Escritor, Crítico Literário, Tradutor e Editor Português - foi Responsável Literário na Editora Ulisseia (1963-1964 e 1967-1970), trabalhou noutras editoras, foi Sub-Director de Programação do Círculo de Leitores (1971-1974) e depois do 25 de Abril de 1974 fundou duas editoras, a «Diábril» e a «Fronteira». Colaborou em diversos jornais e revistas como Crítico Literário, fez a Tradução para Português de diversas Obras Universais e organizou várias Antologias de Poesia e de Ficção importantes.

Capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada e com diversas faltas de papel, sem afectar o título. Interior das capas de brochura com vincos expressivos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas com vincos expressivos em baixo, no canto. Página 25 com uma leve marca de tinta vermelha.

7,50€

8. **AAVV - MERZ (Friedhelm) / REGO (Victor José Costa da Cunha) (VICTOR CUNHA REGO) - Compilação - LIBERDADE PARA PORTUGAL.** (Colecção «Documentos de Todos os Tempos»). Livraria Bertrand, 1976. 300 pp., [4] folhas ilustradas. B. (I-L-1250)



1ª Edição em Portugal - a edição original saiu na República Federal da Alemanha em Maio de 1976, uns meses antes desta, publicada em Outubro de 1976, e que desde então foi publicada em várias outras línguas. Obra inserida na Colecção «Documentos de Todos os Tempos» da Livraria Bertrand. **Capa de José Cândido.** Tradução dos textos Estrangeiros por Maria Natália Vasconcelos Pinto. Com o preço antigo de 100\$00 a lápis no anterrosto.

A presente obra trata-se da Tradução Portuguesa da obra referida, "Freiheit Für Den Sieger," publicada em 1976 na República Federal da Alemanha, com Documentação coligida e coordenada por Victor Cunha Rego e Friedhelm Merz e com a colaboração de Mário Soares e dos líderes Willy Brandt e Bruno Kreisky, que assinam os Prefácios à obra. A obra inicia-se com a Fundação do Partido Socialista e reuniu-se um conjunto de documentos sobre o Partido, abordando a História desde os acontecimentos da Revolução do 25 de Abril até ao 25 de Novembro de 1975 - com o mundo de olhos postos em Portugal depois do 25 de Abril de 1974, a obra apresenta "os esforços dos Socialistas Portugueses tendentes a impor uma forma de Governo democraticamente livre... particularmente no seu significado e contribuição para a construção na Europa do Socialismo Democrático." (retirado da contra-capá).

A obra encontra-se dividida em 7 Capítulos, mais os "Anexos," a saber: I.) - "Os Socialistas na Clandestinidade," II.) "A Revolução do 25 de Abril," III.) "Da Formação do I Governo Provisório à Demissão do General Spínola," IV.) "Da Renúncia do General Spínola ao Golpe de 11 de Março de 1975," V.) "As Eleições de Abril de 1975," VI.) "Do Caso «República» à Formação do VI Governo," VII.) "O Golpe do 25 de Novembro e a Consolidação da Democracia" e os "Anexos" - com Biografias dos Membros do Secretariado Nacional do P.S.

Victor da Cunha Rego foi um Jornalista e Diplomata Português, que fez uma Licenciatura em Direito na Universidade de Grenoble e que teve uma carreira marcante na vida Política Portuguesa enquanto Jornalista - aos 23 anos ingressou na Redacção do «Diário Ilustrado» (1956), mas com a Censura do Estado Novo viu-se forçado a fixar-se no Brasil, onde colaborou em diversos jornais entre 1958 e 1973, após o 25 de Abril de 1974 dirigiu o «Diário de Notícias» até Julho de 1976, trabalhou no jornal «A Tarde» (Brasil), foi Director de o «Semanário» até 1991 e nos últimos anos colaborou com o jornal «Diário de Notícias», onde tinha uma coluna diária. Participou no assalto ao "Santa Maria" em Janeiro de 1961 e, na sequência do Golpe Militar de 1964 no Brasil, esteve exilado em diversos países, regressando a Lisboa dias antes do 25 de Abril de 1974 - foi um dos Fundadores do Partido Socialista em 1973, Chefe de Gabinete de Mário Soares enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros dos I, II e III Governos Provisórios, em 1976 foi nomeado Secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro e foi Embaixador de Portugal em Espanha (1977-1980). Foi um dos Sócios Fundadores da Editora Perspectivas & Realidades em 1975 e foi Presidente da RTP entre Fevereiro e Julho de 1980 - para além da presente obra, publicou em 1999 o livro de Crónicas "Os Dias de Amanhã."

Friedhelm Merz foi um Jornalista Alemão, que depois se envolveu na Política, no Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), onde escreveu Discursos para o Willy Brandt e onde foi Editor da revista do Partido, sendo mais tarde o criador do Deutscher Spielepreis (DSP), um Prémio para jogos de Tabuleiro atribuído na Alemanha.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, com desgaste junto da lombada e das margens, com algumas faltas de papel, e com diversos sinais de manuseamento. Lombada vincada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos e com picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com picos de acidez. Folhas em extra-texto com picos de acidez.

7,50€

9. **AAVV - MÓNICA (Maria Teresa de Carvalho Godinho) (MARIA TERESA MÓNICA)/ RÊGO (Maria Manuela Pedrosa) (MANUELA RÊGO) - Concepção e Selecção - O 25 DE ABRIL NA IMPRENSA: MARÇO-MAIO 1974.** Presidência do Conselho de Ministros - Lisboa/ Secretaria de Estado da Cultura - Lisboa/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro - Lisboa, 1994. 151 pp. (não numeradas). B. (I-L-1234)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Livro esgotado.** Concepção e Selecção de Maria Teresa Mónica e Manuela Rêgo. Capa de Maria João Araújo. Fotografias de Humberto Caldeira.

A presente obra consiste numa colectânea de «Primeiras Páginas» de jornais da época entre os dias 25 de Abril de 1974 e 1 de Maio de 1974, publicada por ocasião do 20.º Aniversário do 25 de Abril, e que integraram uma Exposição no Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, em Lisboa - recuaram até algumas «Primeiras Páginas» de 16 de Março de 1974, mas como na altura havia Censura, não houve alusões ao acontecimento. O critério de ordenação das «Primeiras Páginas» entre os dias 25 de Abril de 1974 e 1 de Maio de 1974 foi começar pelos de âmbito Nacional (matutinos e vespertinos), seguindo-se outros, por ordem alfabética.

Maria Teresa Mónica fez uma Licenciatura em Sociologia e um Mestrado em História Cultural e Política na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a Tese "Errâncias Miguelistas(1834-1843)," apresentada em 1991 - foi Funcionária desde sempre da Biblioteca Nacional até à sua Reforma em 2020 e escreveu diversas obras, nomeadamente sobre o período «Miguelista», tendo colaborado na organização de algumas Exposições e Mostras Bibliográficas na Biblioteca Nacional.

Manuela Rêgo foi uma Funcionária Qualificada da Biblioteca Nacional, que desde 1979 que se dedicou ao estudo da freguesia de Alvalade, tendo publicado obras pioneiras como "Campo Grande Revisitado" (1994) em colaboração com Pedro Gomes Barbosa, "Campo Grande: Feiras e Mercados" (1994) ou "Um Passeio à Volta do Campo Grande" (1996) - foi Investigadora do Centro de Humanidades (CHAM) e do Centro de Estudos Históricos (CEH) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi Directora da revista «Cabra Cega» (1988-1989) da Associação Para A Promoção Cultural da Criança (A.P.C.C.), uma das Directoras da revista «Biblioteca: Revista das Bibliotecas Municipais de Lisboa» (1997-2002), Directora do Número Especial da revista «Esquerda» de 25 de Abril de 2003 e colaborou em diversas Exposições e Mostras Bibliográficas na Biblioteca Nacional.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada com algumas faltas de papel, sem afectar o texto. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades geralmente limpos, com ocasionais picos de acidez.

7,50€

10. AAVV - NEVES (Orlando Loureiro) (ORLANDO NEVES) - Coordenação - DA RESISTÊNCIA À LIBERTAÇÃO: HOMÓNIMO DA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO 3.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL - SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL. Mil Dias Editora - Lisboa, 1977. 152, [15] pp. B. (I-L-1254)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 10.000 exemplares em Brochura e 1.050 exemplares Encadernados**, este em Brochura. **Capa, Criação e Arranjo Gráfico de Sérgio Guimarães**. Textos de Mil Dias Editora, com Coordenação de **Orlando Neves**. Fotografias de Abel Fonseca, Alberto Gouveia, **Alfredo Cunha**, CIDAC, **Eduardo Gageiro**, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Hernando Domingues, João Paiva, José Tavares e Secretaria de Estado da Comunicação Social (SECS).

Abertura do livro com Versos de **Joaquim Namorado** no Prefácio "Meu povo, liberta-te, liberta-te!, Meu povo! - ou Morre."

Inclui um Índice de Fotografias em Português e Inglês. Com parte do talão de reposição da CDL - Central Distribuidora Livreira, no anterrosto.

Esta obra é um Álbum Fotográfico publicado na sequência de uma Exposição Comemorativa do 3.º Aniversário do 25 de Abril de 1974, realizada no Mercado do Povo, em Lisboa, em 1977, que esteve patente durante cerca de um mês. Como refere Orlando Neves no Prefácio "Vamos estar perante um alucinante filme do tempo mais perto de nós" e mais adiante refere "Constitui-se o livro de algumas centenas de fotografias, brevemente legendadas, que põem frente a nossos olhos os acontecimentos e as personalidades mais importantes, politicamente, desde a Implantação da 1.ª República (5 de Outubro de 1910) até pouco depois da Implantação da 2.ª República (25 de Abril de 1974)," passando, obviamente, pelos quarenta e oito anos de «Obscurantismo Fascista»."

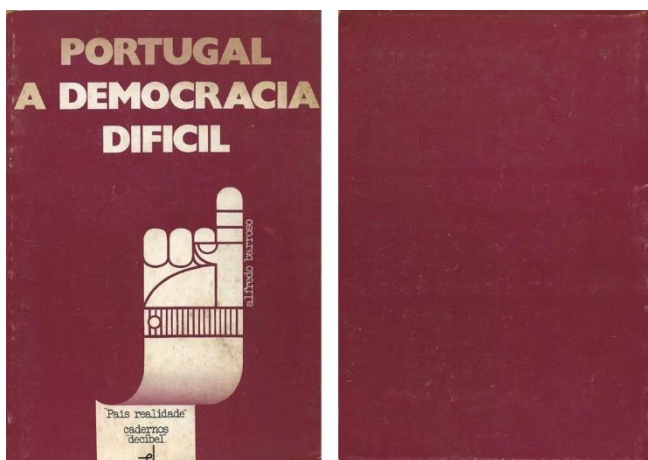
Orlando Neves foi um Ficcionista, Poeta, Dramaturgo, Cronista e Jornalista Português, que fez o Ensino Primário em Lisboa e nas Caldas da Rainha e o Secundário em várias cidades, tendo concluído uma Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1958 - exerceu diversas actividades ligadas à Cultura, de que se destacam Director Literário do Círculo de Leitores, Director Literário da Portugália Editora, em Fevereiro de 1975 fundador da Cooperativa Editorial «Diábril» e Director de Relações Públicas e Assessor do Teatro São Luiz. Publicou obras em diversos registos literários, como Poesia, Romance, Teatro e Literatura Infanto-Juvenil.

O editor da obra, Sérgio Guimarães, foi um Publicitário, Fotógrafo e Editor Português, responsável pelo Projecto Editorial da Mil Dias Editora, Edições «Saber Porquê» e Edições «Na Revolução». Aproveitando o fim da Censura, tentou a publicação de Banda Desenhada Erótica, à imagem de Eric Losfeld, em edições cuidadas. A Mil Dias Editora acabou por marcar o seu fim como Editor e entrou em falência, mas apesar dessa falência anunciada, publicou nesta editora mais três livros, de cuidado aspecto gráfico e profusamente ilustrados: "Diário de uma Revolução," "O 25 de Abril Visto pelas Crianças" e "As Paredes na Revolução," todos em 1978, publicando ainda algumas obras nas Edições «Saber Porquê» e Edições «Na Revolução». A sua referência mais importante é a foto da «Criança de Cabelo Encaracolado» a enfiar um Cravo no cano de uma «G3», que correu o mundo reproduzida em milhares de Cartazes, e que aparece na capa desta obra. Morreu em 1986, aos 53 anos, sem que fosse associado por muitos ao poster do "Menino com o Cravo na G3."

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com marcas de exposição solar junto da lombada, com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada e descolorada devido à exposição solar. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos. Algumas páginas com vincos expressivos em cima, no canto.

20€

11. **BARROSO (Alfredo José Somera Simões) (ALFREDO BARROSO) - PORTUGAL: A DEMOCRACIA DIFÍCIL.** (Colecção «País Realidade/ Cadernos Decibel»). Editora Decibel - Lisboa, 1975. 96 pp. B. (I-L-1248)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 6.500 exemplares.** Obra inserida na Colecção «País Realidade/ Cadernos Decibel» da Editora Decibel. Prefácio de **Victor da Cunha Rego**. Capa do Gabinete Técnico de Publicidade, Lda. Com o preço antigo de 50\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra é uma compilação de diversos Artigos Jornalísticos, Entrevistas, Intervenções, Textos e Documentos do autor, publicados entre 8 de Junho de 1974 e 7 de Maio de 1975, e ordenados cronologicamente, conforme se segue: 1.) "Descolonização em África e Abertura Internacional" (Artigo em «Portugal Socialista», N.º 6 - 08/06/1974), 2.) "Portugal Hoje, ou o Longo Caminho da Democracia" (Entrevista concedida a Gisela Traub em «BASLER AZ», Basileia - 04/10/1974), 3.) "A Dura Aprendizagem da Democracia" (Artigo em «Diário de Notícias» - 10/10/1974), 4.) "Contra o Aventureirismo e o «Socialismo de Caserna»" (Intervenção em Reunião do Conselho Directivo do Partido Socialista - 12/10/1974), 5.) "Uma Proposta Socialista para o Presente Português" (Documento elaborado por Alfredo Barroso e outros, divulgado na Imprensa diária - 12/12/1974), 6.) "Uma Política Internacional ao Serviço da Paz " (Texto de Apresentação e Justificação da Proposta de Alteração do "Programa de Política Internacional do Partido Socialista" - Dezembro de 1974, 7.) "Os Perigos da Supremacia do Poder Militar" (Artigo em «O Século» - 14/02/1975), 8.) "Liberdade, Socialismo e Independência Nacional" (Intervenções em Comícios do Partido Socialista durante a Campanha Eleitoral para a Assembleia Constituinte - 1975 e 9.) "Uma Análise Possível de um Sufrágio Histórico" (Artigo em três partes em «República» - 05/05/1975 a 07/05/1975).

Conforme Victor da Cunha Rego refere, "Para diante com aqueles que, como Alfredo Barroso, não pretendem apenas andar para os lados...Há condições objectivas para em Democracia Política em Portugal... em favor da coragem de construir a difícil Democracia Socialista, que é indivisível e exige uma só legalidade." (em "Prefácio" - páginas 7-8).

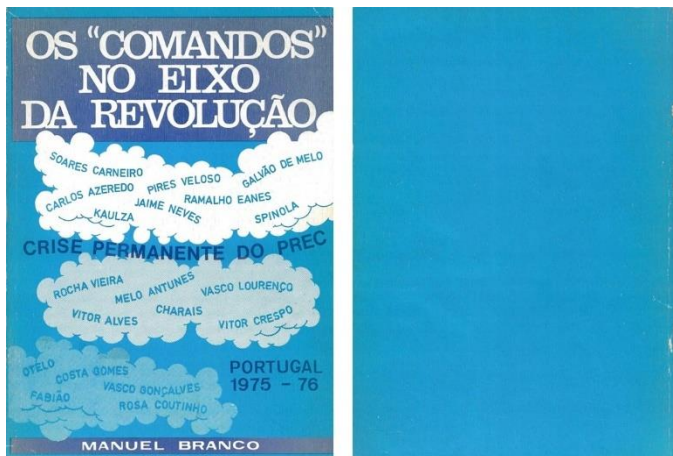
Alfredo Barroso é Cronista, Jornalista, Ex-Deputado e Ex-Secretário de Estado Português, que fez uma Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1968 - como Jornalista foi Redactor, entre 1969 e 1974, nos jornais «A Capital», «O Século» e «O Tempo e o Modo». Pertenceu à Acção Socialista Portuguesa e fez parte da Comissão

Coordenadora da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática, sendo Membro Fundador do Partido Socialista - na sua actividade Política, foi Deputado do Grupo Parlamentar do Partido Socialista pelo Círculo de Lisboa à Assembleia da República nas Eleições Legislativas de 1980, 1983 e 1985, foi Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros no IX Governo Constitucional (1983-1985) e foi Chefe da Casa Civil do Presidente da República Mário Soares. Autor de vários livros em que reuniu Textos Políticos, Crónicas, Diários, Ensaio e Retratos, traduziu também algumas obras de Política - foi ainda Colunista dos jornais «Diário de Notícias» e «Record», dos semanários «O Independente» e «Expresso» e Comentador ocasional no «Jornal das 9» do canal SIC Notícias.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com sinais de manuseamento e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada com pequenos vincos e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com picos de acidez. Páginas com uma pequena amolgadela e vincos em baixo, no canto.

5€

- 12. BRANCO (Manuel) [Pseudónimo de Manuel Amado Bernardo] - OS "COMANDOS" NO EIXO DA REVOLUÇÃO: CRISE PERMANENTE DO PREC.** Editorial Abril - Lisboa (Distribuição: Centro do Livro Brasileiro - Lisboa), 1977. 351, [1] pp. B. (I-L-1241)



1ª Edição. Com um prefácio de Martinho Simões. Com o preço antigo de 200\$00 a lápis no anterosto. Obra ilustrada no texto com fotografias a preto e branco. Nesta obra o autor apresenta diversos textos e notícias, por ordem cronológica, uns que foram publicados na Imprensa Portuguesa e outros que não o chegaram a ser, intercalados com informações inéditas recolhidas nos bastidores, entre o dia 1 de Maio de 1975 e Janeiro de 1977 (retirado da Introdução do autor, página 13).

O autor relata também, com recurso às suas Memórias, este período no pós 25 de Abril, nomeadamente, os acontecimentos em torno do Regimento de Comandos da Amadora durante todo o PREC (Processo Revolucionário Em Curso) e do "Verão Quente" e que culminaram com a aprovação da Constituição Portuguesa em Abril de 1976.

Manuel Amaro Bernardo, que publicou esta obra com o pseudónimo Manuel Branco, é um Oficial Reformado do Exército, pertenceu ao Movimento dos Capitães em Moçambique e em Lisboa e fez parte dos Intervenientes do Posto de Comando da Amadora, na contenção do Golpe de 25 de Novembro de 1975 - desde 1977 passou a dedicar-se à Investigação sobre a História Contemporânea e até 2021 já publicara 11 livros. Diplomado com o Curso Complementar de Ciências da Informação da Universidade Católica Portuguesa (1990-1993), colaborou em alguns jornais diários e semanários Lisboaetas entre 1975 e 1980, foi Redactor da revista «Mama Sume» da Associação de Comandos entre 1989 e 1993, no «Semanário» (1991), no «Combatente», da Liga dos Combatentes, desde 1991, no semanário regional «O Algarve» entre 1994 e 2004 e no Boletim da AFAP (Associação da Força Aérea Portuguesa).

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com pequenas faltas de papel, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com marcas de exposição solar à frente e com alguns picos de acidez. Miolo e extremidades geralmente limpos. Páginas 179-206 com uma pequena amolgadela em cima, sem afectar o texto. Página 343 mal numerada, por erro de impressão (numerada "433").

6€

13. BRITO (Rui de) - Textos/ GUIMARÃES (Luís António de Oliveira Monteiro) (LUÍS GUIMARÃES) - Desenhos - **FIGURAS QUE ABRIL DEU**. Liber - Editora e Publicidade Portugal Brasil, Lda. - Lisboa, 1977. 34 pp. (não numeradas). B. (I-L-1222)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 5.000 exemplares.** Textos de Rui de Brito. Desenhos de **Luís Guimarães**. Com o preço antigo de 90\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra é uma colectânea de Caricaturas de personagens da época do 25 de Abril de 1974 de Luís Guimarães, acompanhada de textos que o Rui Brito já publicara na Imprensa da época - as Caricaturas e os textos correm caminhos paralelos, pois os textos não foram feitos para acompanhar as Caricaturas e o inverso também é verdade.

O livro encontra-se dividido em 4 Partes, a saber: 1.) "A Revolução Fardada," 2.) "A Revolução Desfardada," 3.) "Condimentos Revolucionários" e 4.) "A Valsa do Poder."

Rui de Brito foi um Jornalista, Docente e Ex-Publicitário, que colaborou como Articulista, entre 1957 e 1998, nos jornais «República», «Diário de Lisboa», «O País», «A Capital» e «Correio da Manhã» - exerceu entre 1993 e 2001 a Docência no Ensino Superior, na área da Comunicação. Um Intelectual, conviveu com Poetas e Escritores da sua época, como Vasco de Lima Couto, Daniel Filipe, Miguel Torga, Urbano Tavares Rodrigues, Luís de Sttau Monteiro, José Carlos Ary dos Santos, Alexandre O'Neill, Carlos Eurico da Costa e João Aguiar, entre outros, e foi um Humanista e um Defensor intransigente da «Liberdade de Expressão» e da Democracia, antes e depois do 25 de Abril. Autor de Romances, Contos e livros de Crónicas, o seu livro "Banana Split" (2007) foi "considerado por alguns chocante e escabroso, representou uma importante ruptura com o «politicamente correcto» da tradição literária Portuguesa." (Publicações Europa-América).

Luís de Guimarães é um Cartoonista, Publicitário e Retratista Português que, tendo frequentado o 4.º Ano de Direito da Faculdade de Lisboa em simultâneo com o 1.º Ano da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), optou por entrar na Sociedade de Belas Artes, tendo frequentado durante 4 anos o Curso de Desenho e Pintura do Mestre Roberto Araújo - após um período em que exerceu a actividade de Publicitário, dedicou-se em paralelo à Caricatura logo após o 25 de Abril de 1974, tendo colaborado no semanário «Expresso», no «Jornal Novo» e no «Século Hoje», dedicando-se exclusivamente à Pintura e ao Retrato desde então. O seu período mais conhecido é o da Caricatura Política e do «Desenho de Intervenção», de que este livro é exemplo.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, com pequenos vincos ao longo das capas, com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada com vincos, pequenas quebras e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos e acidez generalizada. Miolo e extremidades escurecidos, com acidez generalizada.

10€

14. CARVALHO (Otelo Nuno Romão Saraiva de) (OTELO SARAIVA DE CARVALHO) - ALVORADA EM ABRIL. Livraria Bertrand, 1977. 650, [1] pp. B. (I-L-1258)



1ª Edição - em 2014 ia na sua 6ª Edição. Prefácio de **Eduardo Lourenço**. Capa de **José Cândido**. Com o preço antigo de 350\$00 a lápis no anterrosto. A obra tem reproduzidos vários documentos.

Nesta obra, o autor relata os tempos da conspiração dos «Capitães» que estiveram na origem do Movimento das Forças armadas (MFA), o Golpe que viria a culminar na Revolução de 25 de Abril de 1974, a queda do Governo liderado por Marcelo Caetano e as questões surgidas entre os Militares e a Junta de Salvação Nacional, composta por Generais. Trata-se de uma obra fundamental para reflectir sobre as causas e os efeitos da Revolução do 25 de Abril de 1974, tanto mais quanto o seu autor foi um dos principais intervenientes nesta Revolução. Como refere Eduardo Lourenço "Colocado no centro de uma acção que num dia longo alterará uma rotina que parecia eterna, Otelo Saraiva de Carvalho está mais indicado do que ninguém para desfibrar a trama daquilo que poderia ter sido apenas um Golpe Militar - desta vez bem-sucedido - e que acabou por ser, quer isso agrade ou não, uma Revolução das mais singulares da nossa História, e singular até no panorama dos Movimentos Revolucionários Contemporâneos...»." ("Prefácio" - página 10).

A obra encontra-se dividida em 4 Partes, mais os "Anexos" a saber: 1.) Parte I - "De 1954 a 1975: Em Que Medida a Portuguesa História Recente Contribuiu Para a Formação do «Movimento dos Capitães»?", 2.) Parte II - "A Penúltima Gota do Cálice ou de Como os «Capitães» Entram em Cólera," 3.) Parte III - "16 de Março: A Última Gota do Cálice ou de Como se Chega Finalmente à Conclusão de Que «Isto Só Vai à Porrada», 4.) "O Triunfalismo do Regime e a «Teimosia dos «Capitães» ou de Como Perder Uma Batalha Não Significa Necessariamente Perder a Guerra," mais os "Anexos" (no total 32).

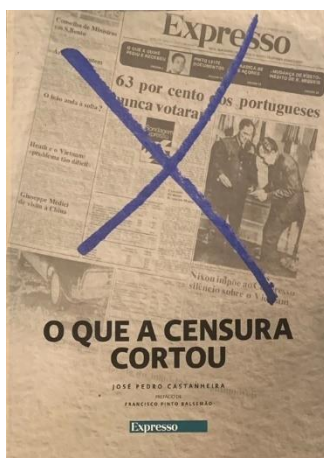
Otelo Saraiva de Carvalho, nascido em Lourenço Marques (Moçambique), foi um Coronel de Artilharia Português, que fez o Tirocínio na Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas e durante a Guerra Colonial fez 3 Comissões, entre Angola e a Guiné (1961-1970), tendo sido Professor na Escola Central de Sargentos em Águeda (1967-1968) - um dos principais Estrategas do 25 de Abril de 1974, fez parte do «Conselho dos 20» e do «Conselho da Revolução».

Após a «Intentona» (11/03/1975), teve uma actuação polémica durante o PREC, usando o COPCON para prender adversários políticos, através da emissão de Mandados de Captura em branco, tendo sido preso e Desgraduado depois do 25 de Novembro de 1975 - em Junho de 1984 foi novamente preso, acusado de ter fundado e dirigido a organização Terrorista «Forças Populares 25 de Abril» (FP-25) e tendo sido condenado em 1986 a 15 anos de prisão efectiva (mais tarde seriam 17 anos), mas este sempre recusou ter participado, ainda que mais tarde tenha aceite uma acusação de cumplicidade, e viria a ser Amnistiado dos crimes de Associação Terrorista em 1996 pela Assembleia da República. Controverso, foi homenageado, apoiado e acarinhado por muitos e, na maior parte das vezes, destaca-se o seu papel maior no 25 de Abril de 1974.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, um pequeno furo de papel (à frente), com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, desgaste da parte plastificada e com sinais de manuseamento. Lombada vinculada, com desgaste da parte plastificada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, um pequeno furo de papel (à frente) e com leves picos de acidez. Miolo geralmente limpo, mas extremidades levemente escurecidas, com ocasionais picos de acidez e sujidade. Algumas páginas com vincos expressivos em cima e em baixo, nos cantos. Páginas 1-10 com pequenos furos de papel, sem afectar o texto. Página 177 com uma leve marca de tinta preta.

10€

15. CASTANHEIRA (José Pedro) - O QUE A CENSURA CORTOU. Expresso - Lisboa, 2009. 237, [2] pp. (a 2 columnas). B. (I-L-1231)



1ª Edição - teve uma 2ª Edição em 2013. **Tiragem de 10.000 exemplares.** Prefácio de **Francisco Pinto Balsemão**. Capa: N.º 1 do «Expresso», de 6 de Janeiro de 1973. Contracapa: Fotografia do assalto, por Populares, às instalações do jornal «Época» e da Comissão de Exame Prévio de Lisboa, na manhã de 26 de Abril de 1974 - o mesmo episódio é mostrado na imagem nas páginas 224/225 (Fotografias de Mário Varela Gomes). Concepção Gráfica de Rui Guerra. Execução Gráfica de Érica Krithinas, João Matos, Rui Garcia e Rui Guerra.

Infografias de Jaime Figueiredo. Obra profusamente ilustrada no texto, com reproduções de Documentos diversos e Fotografias, a cores e a preto e branco.

Nesta obra, que assinala a passagem dos 35 anos do 25 de Abril de 1974, em 2009, encontram-se Reportagens, Entrevistas, Fotografias, Notícias, Opiniões e Cartoons que, até ao 25 de Abril de 1974, a Censura não deixou serem publicados. Como Francisco Pinto Balsemão refere no "Prefácio" (páginas 7-12), durante 68 Números o Semanário «Expresso» saiu com cortes da Censura, aos Sábados, desde que este fundou o jornal, a 6 de Janeiro de 1973, até 20 de Abril de 1974 (último Número submetido à Censura) e este livro ocupa-se de 59 destes Números Censurados (até 16 de Fevereiro de 1974), ordenados cronologicamente - como não podia haver espaços em branco quando os Números de jornal eram Censurados, frequentemente eram colocados anúncios com o texto "«Expresso», um jornal para saber ler" ou "«Expresso», o Semanário dos que sabem ver."

Tal como referido no "Prefácio," por Francisco Pinto Balsemão, "Os Censores propriamente ditos, quase todos Militares na Reforma, eram entidades misteriosas mas desinteressantes. Nunca os vimos, sabíamos os nomes de apenas alguns deles, falávamos pelo telefone para apurar se já havia provas vistas, e cedo aprendemos que não valia a pena discutir as decisões, porque não dispunham de poder nem de vontade para as alterar. A eles se aplicava, em pleno, a velha máxima praticada por todos os que detêm a possibilidade de impedir a liberdade de expressão: «Na dúvida, corta»." (Página 9).

José Pedro Castanheira é um Jornalista Profissional Português desde 1974, que estudou Economia no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF) e que fez uma Pós-Graduação em Jornalismo no ISCTE e na Escola Superior de Comunicação Social - foi Chefe de Redacção de «A Luta» e trabalhou 10 anos no Semanário «O Jornal», tendo ingressado no «Expresso» em 1989, onde é Repórter Principal. Especialista em Assuntos Sociais, tem-se dedicado à Grande Reportagem e ao Jornalismo de Investigação nos últimos anos, nomeadamente, sobre temas da História recente do País e das Ex-Colónias. É autor de cerca de uma dezena de livros e venceu alguns dos mais prestigiados prémios de Jornalismo atribuídos em Portugal, tendo tido actividade Sindical activa ao longo dos anos.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior esquerdo (na contra-capas) e com vincos nos outros cantos, com vincos ao longo das capas e com sinais de manuseamento. Lombada em bom estado de conservação. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior esquerdo (na contra-capas) e com vincos nos outros cantos e com acidez generalizada. Miolo geralmente limpo, mas extremidades com ocasionais picos de acidez. Páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos. Algumas páginas no final do livro com vincos expressivos em baixo, no canto.

15€

16. CORREIA (Natália de Oliveira) (NATÁLIA CORREIA) - NÃO PERCAS A ROSA: DIÁRIO E ALGO MAIS (25 DE ABRIL DE 1974 - 20 DE DEZEMBRO DE 1975). (Colecção «Participar» - 11). Publicações Dom Quixote, 1978. 383, [1] pp. B. (I-L-1257)



1ª Edição - em 2015 ia na sua 3ª Edição. Obra inserida na Colecção «Participar» das Publicações Dom Quixote. **Capa e Orientação Gráfica de Fernando Felgueiras.** Com uma Introdução da autora, intitulada "Previamente Breve."

Nesta obra, a autora que era avessa a registos sistemáticos, viu-se na estranheza de "iniciar este diário nas horas entusiásticas em que deflagraram os acontecimentos que lhe foram dando forma... Aberto abruptamente na madrugada de 25 de Abril um ciclo de conturbações sobressaturantes que iriam impôr a revisão de esquemas mentais e sacudir a subjectividade dos indivíduos, advertiu-me o supraconsciente que nesta inscreve de que soara a hora de inaugurar o documento vivencial do que iria ser a minha revolução interior..." (em "Previamente Breve" - página 7).

Trata-se de um Diário das vivências da autora desde o 25 de Abril de 1974 até ao fim do "Verão Quente," estendendo-se até ao final do ano de 1975.

Natália Correia foi uma Escritora, Tradutora e Deputada Portuguesa, sendo uma das personalidades mais destacadas da Literatura Portuguesa da segunda metade do Século XX - autora de livros de Poesia, Teatro, Romances, Ensaio, um Diário e Literatura de Viagens, foi também Jornalista, Guionista, Tradutora e Editora, sendo também autora de uma Antologia do Surrealismo na Poesia Portuguesa (1973), uma Antologia de Poesia de Mulheres (1973) e diversas antologias de divulgação dos Trovadores Galego-Portugueses e de Poesia Barroca.

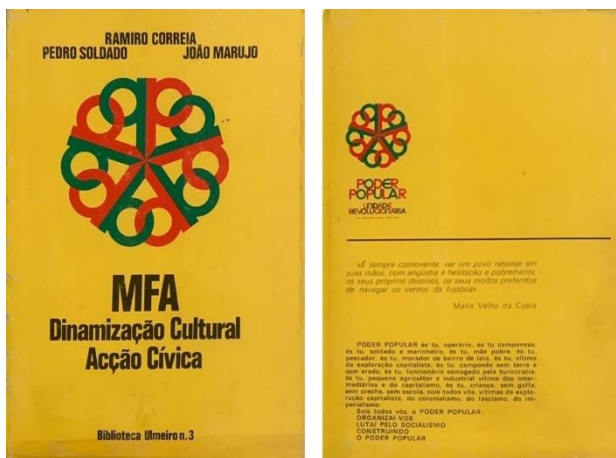
Ligada ao Movimento Surrealista, fundou em 1971 um espaço de tertúlia, o bar "Botequim," com Isabel Meyrelles, Júlia Marenha e Helena Roseta, frequentado por diversos escritores Portugueses e Estrangeiros consagrados e fez parte de diversos Movimentos de Oposição Anti-Fascista, tendo sido condenada a três anos de prisão, com pena suspensa, pela publicação da "Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica" em 1966 e processada pela Responsabilidade Editorial das "Novas Cartas Portuguesas" de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta em 1972, quando era Directora Literária dos Estúdios Cor - a par da actividade literária, foi Deputada ao Parlamento Português pelas listas do PPD/PSD entre 1979 e 1980 e entre 1980 e 1983, motivada pela sua amizade com

Francisco de Sá-Carneiro e Snu Abecassis e, mais tarde, pelo Partido Renovador Democrático (PRD) de Ramalho Eanes, como Independente, entre 1987 e 1991.

Capas de brochura com vincos nos cantos, vincos ao longo das capas, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com leve sujidade e picos de acidez. Lombada com pequenos vincos em cima e com alguns picos de acidez. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos, vincos ao longo das capas, com leve sujidade e picos de acidez e com pequenas marcas de cola no interior da capa de brochura posterior. Miolo levemente escurecido, mas extremidades com acidez generalizada em cima. O anterosto tem uma ínfima esfoladela de papel.

15€

17. CORREIA (Ramiro Pedroso) (RAMIRO CORREIA)/ SOLDADO (Pedro) / MARUJO (João)
- MFA: DINAMIZAÇÃO CULTURAL/ ACÇÃO CÍVICA. (Colecção «Biblioteca Ulmeiro» - 3).
Ulmeiro (Editor: José Fortunato - José Antunes Ribeiro), s.d. (1977). 256 pp. B. (I-L-1229)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 5.000 exemplares.** Obra inserida na Colecção «Biblioteca Ulmeiro» da Ulmeiro. Editor: José Fortunato, ou seja, **José Antunes Ribeiro.**

Com um texto na contra-capa de **Maria Velho da Costa**: "É sempre comovente ver um Povo retomar em suas mãos, com angústia e hesitação e pobremente, os seus próprios destinos, os seus modos preferidos de navegar os ventos da História."

Esta obra faz o relato da experiência das diversas Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica promovidas pelo Movimento das Forças Armadas (M.F.A.), de como se procuraram adaptar aos condicionamentos locais, às Populações e aos seus problemas, no pós 25 de Abril de 1974 - "Após o 25 de Abril de 74, o ideal revolucionário encontrou grandes dificuldades em chegar a todo o país. Por um lado o analfabetismo que impede o acesso à informação escrita. Por outro lado a falta de implantação de veículos transmissores da ideologia revolucionária, logo a seguir ao 25 de Abril, como Partidos, Sindicatos, e Associações de Carácter Cultural... A Dinamização Cultural, surge então como uma

necessidade sentida de rapidamente arrastar as camadas mais imobilistas e condicionadas pelos factores de obstrução Tradicionais, para transformar um Golpe de Estado em Revolução." (em "Prefácio" - página 9).

Descreve, ainda, como os Artistas, nomeadamente, Cantores, Pintores, Músicos e Actores conseguiram levar a sua Arte e Cultura a locais e populações que nunca antes tinham tido qualquer contacto com esse tipo de realidade.

A obra encontra-se dividida em 5 Partes, a saber: I.) "Uma Proposta de Dinamização Cultural/Campanhas," II.) "Uma Experiência de Dinamização e Acção Cívica/ Campanha «Maio-Nordeste», III.) "O Boletim do M.F.A. e o Socialismo," IV.) "Conclusões" e V.) "Anexos."

Ramiro Correia foi um Militar Português, que fez o 7.º Ano no Liceu Gil Vicente, sendo um grande Activista Desportivo e terminou o Curso na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1966 - ingressou na Marinha e foi promovido a Primeiro-Tenente em Janeiro de 1970, tendo desembarcado em Angola em Março de 1971, onde prestou serviço como Médico em Santo António do Zaire.

Foi Membro da Comissão Coordenadora do Programa do MFA da Marinha, fez parte da Junta de Salvação Nacional e foi Membro da 5.ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas, a qual dirigiu, tendo sido Coordenador Principal da Comissão Dinamizadora Central e Membro do «Conselho da Revolução» - a ele se deve a iniciativa depois do 25 de Abril das Campanhas de Dinamização Cultural e Esclarecimento Cívico do M.F.A. - depois de ter sido expulso do «Conselho da Revolução» e de lhe ter sido retirada a Direcção da 5.ª Divisão, foi Desgraduado do seu posto e perseguido na sequência do 25 de Novembro, tendo fugido para o Maputo, em Moçambique - a 16 de Agosto de 1977, quando a família passeava na Baía do Bilene, em Moçambique, o barco virou e todos morreram, excepto o seu filho mais velho, Ramiro Bernardino, que conseguiu nadar para terra, e publicou em vida uma obra de poesia em 1973, "Na Clivagem do Tempo."

Dos outros 2 autores, pouco se conhece - Pedro Soldado, que à data do livro (1976) tinha 24 anos, foi Pastor, trabalhou nas terras do Dr. Gouveia e fez a Guerra Colonial na Guiné e João Marujo, que à data do livro tinha 26 anos, nasceu em Alhandra, emigrou para o Canadá, entrou para a Marinha, fez um Curso, viajou muito e era Sindicalista.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, com marcas de exposição solar e contacto com outros livros, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com leve sujidade. Lombada com pequenos vincos em cima e em baixo e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos, com marcas de exposição solar e com leves picos de acidez. Miolo geralmente limpo, mas extremidades levemente escurecidas e com ocasionais picos de acidez.

18. CUNHAL (Álvaro Barreirinhas) (ÁLVARO CUNHAL) - A REVOLUÇÃO PORTUGUESA.
(Colecção «Participar» - 3). Publicações Dom Quixote, 1975. 472, [2] pp. B. (I-L-1219)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 5.200 exemplares.** Obra inserida na Colecção «Participar» das Publicações Dom Quixote. Selecção e Organização de Francisco Melo. **Capa e Orientação Gráfica de Fernando Felgueiras.** Com o talão de reposição original das Publicações Dom Quixote, com o preço antigo de 170\$00, no anterrosto.

Nesta obra, reuniram-se Entrevistas, Transcrições de Congressos e de Artigos, Discursos, Conferências, Intervenções, entre outros Textos, divididos em 3 Partes, a saber: I.) I Parte - "A Luta Pela Instauração de Uma Ordem Democrática" - compreende textos entre 1962 e 1969, II.) II Parte - "A Revolução Democrática e A Revolução Socialista" - compreende textos entre 1971 e 1974 e III.) III Parte - "O Reforço do Estado Democrático e a Defesa das Liberdades"/ "A Defesa da Estabilidade Económica e Financeira Com Vista ao Desenvolvimento"/ "O Prosseguimento da Descolonização" - compreende textos entre 30/04/1974 e 16/02/1975.

Álvaro Cunhal foi um Político, Escritor e Pintor Português, filho do Escritor e Advogado Avelino Cunhal, que dedicou a vida ao ideal Comunista e ao Partido Comunista Português (PCP), sendo descrito como uma das maiores personalidades Políticas e Intelectuais de Portugal do Século XX - oriundo de Coimbra, em 1924 mudou-se para Lisboa, onde fez o Exame de Admissão ao Liceu Pedro Nunes, transferindo-se para o Liceu Camões em 1929, onde jogou futebol como Extremo-Direito, Xadrez, Damas, Cartas e praticava, ainda, Atletismo, que viria a ser útil ao passar à Clandestinidade, pois tinha de percorrer milhares de quilómetros de bicicleta para falar com pessoas do Partido.

Após terminar o Liceu com média de 13 Valores, entrou na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1931, mas devido aos vários anos em que esteve preso, apenas conseguiu terminar o curso em 1940, escoltado pela Polícia à Faculdade, onde apresentou a sua Tese de Licenciatura, preparada e concluída na cadeia, sobre a temática do Aborto e a sua Despenalização, tema pouco vulgar para a época, e que apenas seria publicado em livro em 1997. Declarando-se Comunista aos 17 anos e, desde então, sempre dedicado a estes ideais, foi Secretário-Geral do PCP entre 1961 e 1992, sucedendo a Bento Gonçalves, tendo sido Deputado à Assembleia da República entre 1976 e 1987 e Conselheiro de Estado entre 1982 e 1992.

Vivendo quase sempre na Clandestinidade, manteve sempre a sua vida pessoal privada e raramente concedia entrevistas - foi também Pintor e, a par de Ensaios Políticos, escreveu diversos Romances, Novelas e Contos com o pseudónimo Manuel Tiago, que só revelou em 1994.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior esquerdo (na contra-capas) e com vincos nos outros cantos, leves marcas de tinta azul (à frente), uma esfoladela de papel em baixo (na contra-capas), desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com sinais de manuseamento e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada com vincos em cima e em baixo e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior esquerdo (na contra-capas) e com vincos nos outros cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasional sujidade e picos de acidez. Algumas páginas vincadas em baixo, no canto.

7,50€

19. CUNHAL (Álvaro Barreirinhas) (ÁLVARO CUNHAL) - A REVOLUÇÃO PORTUGUESA: O PASSADO E O FUTURO. (Colecção «Documentos Para a História do Partido Comunista Português/ Série Especial» - 02.06). Edições Avante - Lisboa, 1976. 438, [2] pp. B. (I-L-1218)



1ª Edição - saiu uma 2ª Edição em 1994, que inclui o artigo "A Revolução Portuguesa 20 Anos Depois." **Tiragem de 30.000 exemplares.** Revisão e Arranjo Gráfico: Colectivo das Edições «Avante». Com o preço antigo de 180\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra, que consiste no "Relatório Aprovado pelo Comité Central do Partido Comunista Português para o VIII Congresso, acaba por dar substância à Tese do PCP, formulada no VI Congresso em 1965, de que "nas condições Portuguesas, as Liberdades se defendem e a Democracia se consolida, se constrói e se prossegue no caminho do Socialismo" (em "Introdução - página 18).

O autor defende que antes do 25 de Abril "falar de Portugal era falar de Fascismo, de Miséria, de Repressão, de Colonialismo e de Guerra... Depois do 25 de Abril falar de Portugal não é

já falar de um país que marcha na retaguarda do desenvolvimento social e político, mas falar na «Revolução Portuguesa», falar no Povo e em Militares, nos Trabalhadores e nos Comunistas que, ante a surpresa do mundo, se mostraram e mostram decididos a construir na sua Pátria - um país da Europa Ocidental - uma sociedade nova, democrática, livre, independente, a caminho do Socialismo" (em "Introdução - páginas 11-12) - consta de 8 Capítulos, cada um com diversos Sub-capítulos.

Álvaro Cunhal foi um Político, Escritor e Pintor Português, filho do Escritor e Advogado Avelino Cunhal, que dedicou a vida ao ideal Comunista e ao Partido Comunista Português (PCP), sendo descrito como uma das maiores personalidades Políticas e Intelectuais de Portugal do Século XX - oriundo de Coimbra, em 1924 mudou-se para Lisboa, onde fez o Exame de Admissão ao Liceu Pedro Nunes, transferindo-se para o Liceu Camões em 1929, onde jogou futebol como Extremo-Direito, Xadrez, Damas, Cartas e praticava, ainda, Atletismo, que viria a ser útil ao passar à Clandestinidade, pois tinha de percorrer milhares de quilómetros de bicicleta para falar com pessoas do Partido.

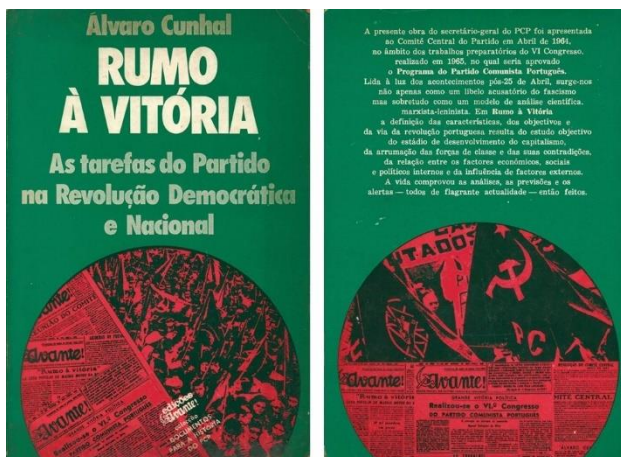
Após terminar o Liceu com média de 13 Valores, entrou na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1931, mas devido aos vários anos em que esteve preso, apenas conseguiu terminar o curso em 1940, escoltado pela Polícia à Faculdade, onde apresentou a sua Tese de Licenciatura, preparada e concluída na cadeia, sobre a temática do Aborto e a sua Despenalização, tema pouco vulgar para a época, e que apenas seria publicado em livro em 1997. Declarando-se Comunista aos 17 anos e, desde então, sempre dedicado a estes ideais, foi Secretário-Geral do PCP entre 1961 e 1992, sucedendo a Bento Gonçalves, tendo sido Deputado à Assembleia da República entre 1976 e 1987 e Conselheiro de Estado entre 1982 e 1992.

Vivendo quase sempre na Clandestinidade, manteve sempre a sua vida pessoal privada e raramente concedia entrevistas - foi também Pintor e, a par de Ensaios Políticos, escreveu diversos Romances, Novelas e Contos com o pseudónimo Manuel Tiago, que só revelou em 1994.

Capas de brochura com vincos nos cantos, sinais de manuseamento, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada vincada, escurecida e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasional sujidade e picos de acidez.

5€

20. CUNHAL (Álvaro Barreirinhas) (ÁLVARO CUNHAL) - RUMO À VITÓRIA: AS TAREFAS DO PARTIDO NA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E NACIONAL. (Colecção «Documentos Para a História do Partido Comunista Português»). Edições Avante - Lisboa, 1979. 322, [2] pp. B. (I-L-1217)



4ª Edição - a 1ª Edição saiu clandestinamente em 1964. **Tiragem de 3.500 exemplares.** Revisão e Arranjo Gráfico: Colectivo das Edições «Avante». Com o preço antigo de 200\$00 a lápis no anterrosto.

A presente obra, que foi apresentada ao Comité Central do Partido Comunista Português (PCP) em Abril de 1964, no âmbito dos Trabalhos Preparatórios do VI Congresso, realizado em 1965 e no qual seria aprovado o programa do PCP, "Lida à luz dos acontecimentos pós 25 de Abril, surge-nos não apenas como um libelo acusatório do Fascismo (que muitos pretendem hoje fazer esquecer ou edulcorar), mas sobretudo como um modelo de análise científica, Marxista Leninista... O que não quer dizer que todos os objectivos apontados para a Revolução Democrática e Nacional - assim se definiria a etapa actual da Revolução - tenham sido alcançados: é o caso nomeadamente da construção de um Estado Democrático e da libertação do Imperialismo, o que gerou e gera perigos que «Rumo à Vitória» com toda a clareza previra e para os quais com toda a veemência prevenira." (em "Nota dos Editores" - página 9).

O texto encontra-se conforme a edição clandestina de 1964, tendo sido apenas introduzidos Sub-títulos nas várias alíneas de cada capítulo para facilitar a leitura e a consulta - fundamental na Bibliografia de Álvaro Cunhal, consiste em 14 Capítulos.

Álvaro Cunhal foi um Político, Escritor e Pintor Português, filho do Escritor e Advogado Avelino Cunhal, que dedicou a vida ao ideal Comunista e ao Partido Comunista Português (PCP), sendo descrito como uma das maiores personalidades Políticas e Intelectuais de Portugal do Século XX - oriundo de Coimbra, em 1924 mudou-se para Lisboa, onde fez o Exame de Admissão ao Liceu Pedro Nunes, transferindo-se para o Liceu Camões em 1929, onde jogou futebol como Extremo-Direito, Xadrez, Damas, Cartas e praticava, ainda, Atletismo, que viria a ser útil ao passar à Clandestinidade, pois tinha de percorrer milhares de quilómetros de bicicleta para falar com pessoas do Partido.

Após terminar o Liceu com média de 13 Valores, entrou na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1931, mas devido aos vários anos em que esteve preso, apenas

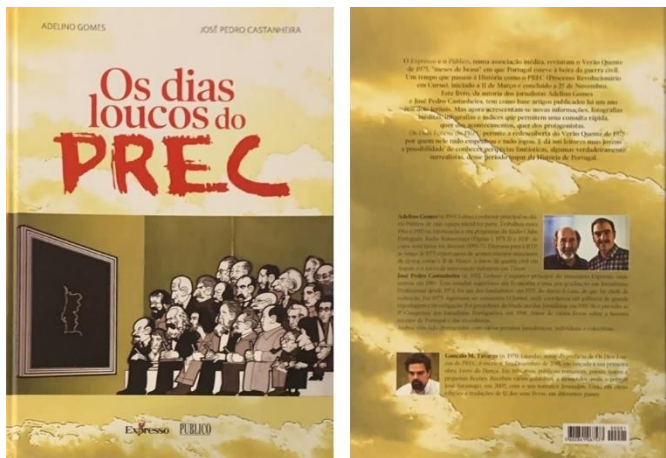
conseguiu terminar o curso em 1940, escoltado pela Polícia à Faculdade, onde apresentou a sua Tese de Licenciatura, preparada e concluída na cadeia, sobre a temática do Aborto e a sua Despenalização, tema pouco vulgar para a época, e que apenas seria publicado em livro em 1997. Declarando-se Comunista aos 17 anos e, desde então, sempre dedicado a estes ideais, foi Secretário-Geral do PCP entre 1961 e 1992, sucedendo a Bento Gonçalves, tendo sido Deputado à Assembleia da República entre 1976 e 1987 e Conselheiro de Estado entre 1982 e 1992.

Vivendo quase sempre na Clandestinidade, manteve sempre a sua vida pessoal privada e raramente concedia entrevistas - foi também Pintor e, a par de Ensaaios Políticos, escreveu diversos Romances, Novelas e Contos com o pseudónimo Manuel Tiago, que só revelou em 1994.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada com pequenos vincos e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com uma leve marca de tinta azul (à frente) e com picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

5€

21. GOMES (Adelino Clemente) (ADELINO GOMES)/ CASTANHEIRA (José Pedro) - OS DIAS LOUCOS DO PREC. Público/ Expresso - Lisboa, 2006. 431 pp. C. (I-L-1232)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Livro esgotado. Tiragem de 20.000 exemplares.** Prefácio de **Gonçalo M. Tavares**. Coordenação de Paulo Paixão. Capa com Cartoon de João Abel Manta, publicado pela primeira vez em «O Jornal» de 11/07/1975. Concepção Gráfica de Alcides Pinto. Execução Gráfica de Alcides Pinto, Francisco Alves, Pedro Morais e Teresa Hasse. Infografias de Helder Brites e Jaime Figueiredo. Pesquisa Iconográfica de Luísa Amaral. Ilustrado no texto com fotografias e reproduções de documentos.

Esta obra é uma recolha de textos publicados nos jornais «Expresso» e «Público» pelos jornalistas Adelino Gomes e José Pedro Castanheira, com perspectivas diversas. Como se refere no início da obra, "O «Expresso» e o «Público», numa associação inédita, revisitaram o Verão Quente de 1975, "Meses em Brasa" em que Portugal esteve à beira da Guerra Civil. Um tempo que passou à História como o PREC (Processo Revolucionário em Curso), iniciado a 11 de Março e concluído a 25 de Novembro de 1975.

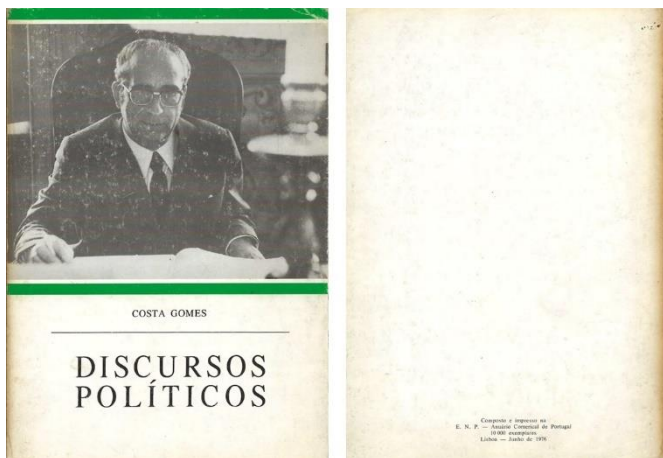
Este livro, da autoria dos jornalistas Adelino Gomes e José Pedro Castanheira, tem como base artigos publicados há um ano nos dois jornais. Mas agora acrescentam-se novas informações, fotografias inéditas, infografias e índices que permitem uma consulta rápida, quer dos acontecimentos, quer dos protagonistas (...)" (em "Uma Iniciativa Inédita," - página 5). Composta por 37 Capítulos, que correspondem às 37 Semanas do PREC, entre 11 de Março e 25 de Novembro de 1975, consolida textos que o Adelino Gomes publicou diariamente no «Público» e que o José Pedro Castanheira publicou semanalmente no «Expresso», 30 anos depois do PREC, em 2005 - unidos há longos anos por laços de amizade, respeito e cumplicidade profissionais, os dois autores propuseram aos respectivos Directores a edição conjunta dos textos, ideia que foi acolhida com agrado pelos Directores e Administrações dos dois jornais.

Adelino Gomes é um Jornalista e Docente Português, que frequentou o Liceu Nacional de Leiria e depois estudou Filosofia e Direito na Universidade de Lisboa, Cursos que nunca concluiu - foi Locutor do Rádio Clube Português, da Rádio Renascença e da Deutsche Welle e Director de informação e Realizador de Programas na Radiodifusão Portuguesa e na RTP. O trabalho que mais notoriedade lhe deu foi a cobertura da Revolução de 25 de Abril de 1974, mas cobriu também o 11 de Março de 1975, o início da Guerra Civil em Angola e a Guerra Civil em Timor. Foi um dos Fundadores do jornal «Público», Director-Adjunto e Redactor Principal de «O Jornal» e Provedor do Ouvinte da RDP (2008-2010). Como Docente, foi Professor na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) de Lisboa entre 1975 e 1981, na Escola Superior de Jornalismo do Porto em 1986 e na Universidade Autónoma de Lisboa (1992-2002). Fez um Doutoramento em Sociologia no ISCTE em 2011 e publicou diversas obras, nomeadamente relacionadas com a temática do 25 de Abril de 1974.

José Pedro Castanheira é um Jornalista Profissional Português desde 1974, que estudou Economia no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF) e que fez uma Pós-Graduação em Jornalismo no ISCTE e na Escola Superior de Comunicação Social - foi Chefe de Redacção de «A Luta» e trabalhou 10 anos no Semanário «O Jornal», tendo ingressado no «Expresso» em 1989, onde é Repórter Principal. Especialista em Assuntos Sociais, tem-se dedicado à Grande Reportagem e ao Jornalismo de Investigação nos últimos anos, nomeadamente, sobre temas da História recente do País e das Ex-Colónias. É autor de cerca de uma dezena de livros e venceu alguns dos mais prestigiados prémios de Jornalismo atribuídos em Portugal, tendo tido actividade Sindical activa ao longo dos anos.

Capas cartonadas com pequenos vincos junto da lombada. Lombada com pequenos vincos em cima e em baixo. Interior das capas cartonadas e folhas de guarda com alguns picos de acidez. Miolo extremidades geralmente limpos, mas com alguns picos de acidez.

22. GOMES (Francisco da Costa (COSTA GOMES) - DISCURSOS POLÍTICOS. Ministério da Comunicação Social: Direcção-Geral da Divulgação - Lisboa, 1976. 545, [24] pp. B. (I-L-1226)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 10.000 exemplares.** Com **assinatura de posse a tinta preta na página 3.** Com o preço antigo de 250\$00 a lápis no anterrosto. Apresentação e Recolha de Documentação diversa do jornalista **Dinis de Abreu.** Conforme se pode ler na Errata no final do livro, existe um salto na numeração das páginas 320 a 323, mas o texto encontra-se rigorosamente certo.

A presente obra encontra-se dividida em 3 Capítulos, a saber: I.) "Discursos," II.) "Entrevistas" e III.) "Documentação." Consiste numa recolha que inclui exemplares de Discursos proferidos pelo General Costa Gomes na qualidade de Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA) e de Chefe de Estado e inclui, ainda, um conjunto de Documentos relativos ao Ministro da Comunicação Social dos III, IV e V Governos Provisórios, o Capitão de Fragata Jorge Correia Jesuíno, e 3 Discursos do Primeiro Ministro Vasco Gonçalves. Contém 69 Discursos e Declarações e 30 Entrevistas entre 30 de Setembro de 1974, quando sucedeu ao General Spínola, e 24 de Abril de 1976. Profusamente ilustrado no texto, com 80 Fotografias a preto e branco, que ilustram a actividade Política de Costa Gomes, e cujo apoio fotográfico se deveu essencialmente ao Ministério da Comunicação Social.

Estes Discursos foram importantes para a compreensão do período do Processo Revolucionário em Curso (PREC), durante o qual foi realizada a Descolonização bem como diversas Nacionalizações.

Costa Gomes foi um Militar e Político Português, o 15.º Presidente da República Portuguesa, o 2.º após o 25 de Abril de 1974 – em 1944 concluiu uma Licenciatura em Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e, com uma longa carreira Militar, decorrida em grande parte nas Ex-Colónias do Império Português durante a Guerra Colonial, foi Secretário de Estado num Governo de Salazar (1958-1961), destituído devido à sua participação no Golpe de Estado falhado do General Botelho Moniz.

A 5 de Setembro de 1972 foi nomeado o 7.º Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas em substituição do General Venâncio Deslandes e a 13 de Março de 1974, pouco antes do 25 de Abril, foi exonerado, por se recusar a comparecer numa Cerimónia Pública de lealdade ao Governo de Marcello Caetano. Após o 25 de Abril, foi um dos 7 Militares que compuseram a Junta de Salvação Nacional e entre 29 de Abril de 1974 e 13 de Julho de

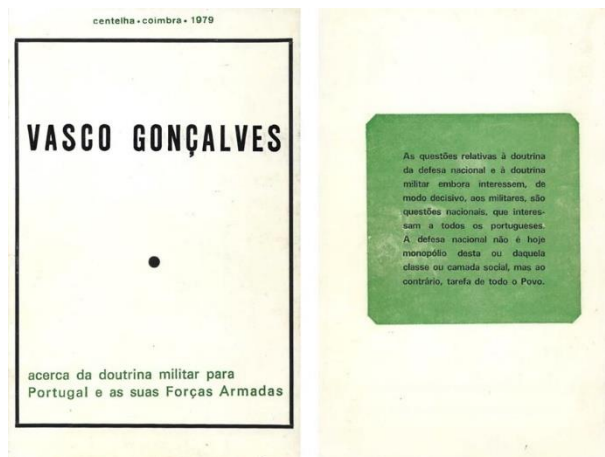
1976 foi o 9.º CEMGFA. Na sequência dos acontecimentos surgidos a partir da «Maioria Silenciosa» e do 28 de Setembro de 1974, após a demissão do General Spínola e dos outros membros da Junta de Salvação Nacional, sendo o elemento mais Graduado, foi nomeado por esta «Junta», tornando-se Presidente da República até Junho de 1976, altura das primeiras Eleições Livres.

Enquanto Presidente da República, o período foi marcado por situações que colocaram o país perto de uma Guerra Civil, mas conseguiu equilíbrios sucessivos entre as Forças em conflito. Durante o seu Mandato, foi concluído o processo de Independência das Ex-Colónias e aprovada a Constituição da República, a que se seguiram as primeiras Eleições Livres. Passou, então, à Reserva, promovido a Marechal em 1981, juntamente com António de Spínola.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, leves manchas de humidade junto da lombada, leves marcas de tinta preta na contra-capas, e com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel e com alguma sujidade. Lombada vincada, escurecida, com pequenas manchas de humidade, uma leve marca de tinta preta e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos e levemente escurecido. Miolo levemente escurecido e extremidades levemente escurecidas, com ocasionais picos de acidez e sujidade. Algumas páginas com vincos expressivos em cima, no canto.

6€

23. GONÇALVES (Vasco dos Santos) (VASCO GONÇALVES) - ACERCA DA DOCTRINA MILITAR PARA PORTUGAL E AS SUAS FORÇAS ARMADAS. (Colecção «Actualidade Nacional/ Estudos» - 7). Centelha - Coimbra, 1979. 76, [1] pp. B. (I-L-1259)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Obra inserida na Colecção «Actualidade Nacional/ Estudos» da Centelha. **Capa de Jorge Ulisses.**

A presente obra aborda a Doutrina da Defesa Nacional e da Doutrina Militar para Portugal no pós 25 de Abril e o autor defende que sem unidade entre o Povo e as Forças Armadas, não é possível uma Defesa Nacional - este trabalho pretendeu "suscitar a atenção e a reflexão

para o debate da questão fundamental que é a de saber qual deverá ser o conteúdo político da nova Doutrina Militar a adoptar, oficialmente, pelo Estado Português e as suas Forças Armadas." (em "Prefácio" - página 8).

A obra encontra-se dividida em 4 Capítulos, a saber: 1.) "Defesa Nacional e Política," 2.) "Algumas Considerações Acerca dos Principais Factores Determinantes de uma Nova Doutrina de Defesa Nacional Ajustada ao Novo Estado Democrático-Constitucional," 3.) "Algumas Considerações Acerca dos Principais Factores que Influenciam, Condicionam e Determinam o Conteúdo Político de uma Nova Doutrina Militar" e 4.) "Conclusão."

Vasco Gonçalves foi um Militar e Político Português, tendo sido Primeiro-Ministro de Portugal dos II, III, IV e V Governos Provisórios, no período, denominado "Gonçalvismo" ou Processo Revolucionário em Curso (PREC), acusado de proximidade ao Partido Comunista - frequentou a Britania School e a Escola Lisbonense, onde completou a Instrução Primária, fez os Estudos Secundários no Liceu Camões, onde conheceu Urbano Tavares Rodrigues, frequentou o Curso de Engenharia Militar nas Faculdades de Ciências da Universidade de Coimbra e de Lisboa e em 1947 fez o Tirocínio na Escola Prática de Engenharia, tendo-se formado como Engenheiro.

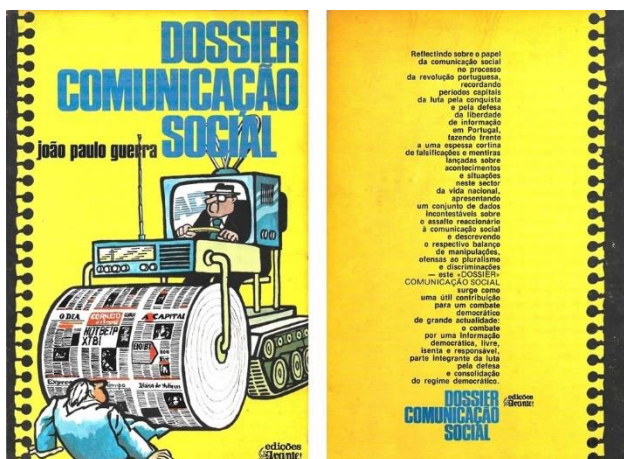
Professor na Escola do Exército, combateu durante a Guerra Colonial e aderiu, com o posto de Coronel, ao «Movimento dos Capitães», em Dezembro de 1973 e, na sequência da Revolução de 25 de Abril de 1974, foi um dos Coordenadores do Movimento das Forças Armadas (MFA), passando a ser o elemento de ligação com Francisco da Costa Gomes e tendo integrado o «Conselho da Revolução», Órgão criado pelo MFA em Março de 1975 - Primeiro-Ministro durante os II, III, IV e V Governos Provisórios, nesta fase foram implementadas medidas bastante controversas, como a Nacionalização da Banca, Seguros e centenas de outras empresas, bem como a radicalização da Reforma Agrária, tendo sido também durante os seus Governos que foram feitas as Descolonizações de Angola, Moçambique, Guiné, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Com a crescente contestação aos seus Governos, da Esquerda à Direita, foi demitido em Setembro de 1975, passando à Reforma, embora tenha permanecido no Activismo Político, tendo a sua última aparição pública numa Cerimónia Institucional acontecido a 25 de Abril de 2004, quando regressou à Residência Oficial de São Bento, a convite do então Primeiro-Ministro Durão Barroso, para assistir à inauguração de uma Galeria de Ex-Chefes de Governo, onde se encontra o seu retrato - o seu pai, Vítor Gonçalves, chegou a jogar futebol no Benfica e tem um filho, de seu nome também Vítor Gonçalves, que é Realizador de Cinema.

Capas de brochura com uma leve marca de tinta preta na contra-capas, com sinais de manuseamento e com leve sujidade. Lombada com pequenos vincos em cima e em baixo e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura em bom estado. Miolo e extremidades limpos.

10€

24. GUERRA (João Paulo) [Baptista Coelho Vieira] (JOÃO PAULO GUERRA) - «DOSSIER» COMUNICAÇÃO SOCIAL. (Colecção «Dossier» - 8). Edições Avante - Lisboa, 1981. 151 pp. B. (I-L-1235)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 3.000 exemplares.** Obra inserida na Colecção «Dossier» das Edições Avante. Com parte do talão de reposição original das Edições Avante no anterrosto.

A presente obra, "Reflectindo sobre o papel da Comunicação Social no Processo da Revolução Portuguesa, recordando períodos capitais da luta pela conquista e pela defesa da Liberdade de Informação em Portugal, fazendo frente a uma espessa cortina de falsificações e mentiras lançadas sobre acontecimentos e situações neste sector da vida Nacional, apresentando um conjunto de dados incontestáveis sobre o assalto Reaccionário à Comunicação Social e descrevendo o respectivo balanço de manipulações, ofensas ao Pluralismo e discriminações - este «Dossier» Comunicação Social surge como uma útil contribuição para um combate Democrático de grande actualidade: o combate por uma informação Democrática, Livre, Isenta e Responsável, parte integrante da luta pela defesa e consolidação do regime Democrático." (retirado da contra-capá).

A obra encontra-se dividida em 4 Capítulos, a saber: I.) "Introdução," II.) "A Conquista e Defesa da Liberdade de Informação nas Condições da Revolução Anti-Monopolista," III.) "A Ofensiva da Contra-Revolução nos Meios de Comunicação Social" e IV.) "Por Uma Informação Democrática, Responsável, Livre e Verdadeira."

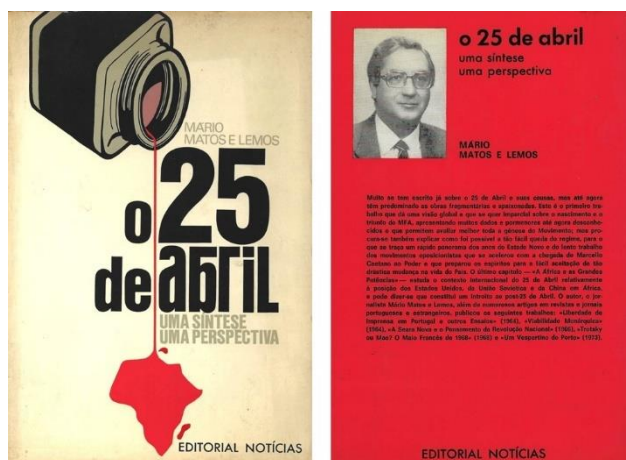
João Paulo Guerra é um Jornalista Português, que começou a actividade profissional em 1962, com um longo percurso na Imprensa Escrita, Rádio e Televisão. Na Imprensa Escrita, foi Colaborador, Chefe de Redacção, Redactor, Correspondente e Editor entre 1968 e 2012 em diversos jornais: «Diário de Lisboa», «A Capital», «República», «A Memória do Elefante», «Musicalíssimo», «Notícias da Amadora», Semanário «AE - Actividades Económicas» (1974, impedido de sair pela Censura), «Redactor», «O Diário», «Newsletter SouthScan», «Público», «O Jornal», «O Inimigo», «O Jogo» e «Diário Económico». Na Rádio, fez o Estágio na Rádio Renascença em 1962, e depois trabalhou em diversas estações, entre 1963 e 2017, no «Rádio Clube Português», «Rádio Renascença», «Emissora Nacional», «Rádio Nacional de Angola», foi Co-Fundador da «Telefonia de Lisboa», «TSF - Rádio Jornal», «Central FM» e «Antena 1». Na Televisão, já fez alguns Guiões para Séries e Documentários na SIC.

É Provedor do "Ouvinte da Rádio e Televisão de Portugal" desde Fevereiro de 2017 e Monitor de Cursos de Formação Profissional de Rádio na «Cooperativa de Rádio e Animação Cultural» (CRAC), na «Cooperativa TSF» e no Centro de Formação da RDP. É autor de diversos livros Jornalísticos, em particular sobre a Guerra Colonial e a Descolonização Portuguesa.

Capas de brochura com vincos nos cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez.

7,50€

25. LEMOS (Mário Augusto Madeira Matos e) (MÁRIO MATOS E LEMOS) - O 25 DE ABRIL: UMA SÍNTESE, UMA PERSPECTIVA. (Colecção «Sinal dos Tempos»). Editorial Notícias - Lisboa, s.d. (1986). 215 pp. B. (I-L-1246)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Obra inserida na Colecção «Sinal dos Tempos» da Editorial Notícias. **Capa de Luís Duran.** Com parte do talão de reposição da Livraria do Centro Comercial Arco-Íris no anterrosto.

Esta obra descreve uma visão global sobre o Nascimento e Triunfo do Movimento das Forças Armadas (MFA), do 25 de Abril de 1974, dos seus antecedentes, da Oposição, da Política e do Governo. O Capítulo final refere-se ao contexto Internacional do 25 de Abril, em relação aos Estados Unidos da América, à União Soviética à China e a África.

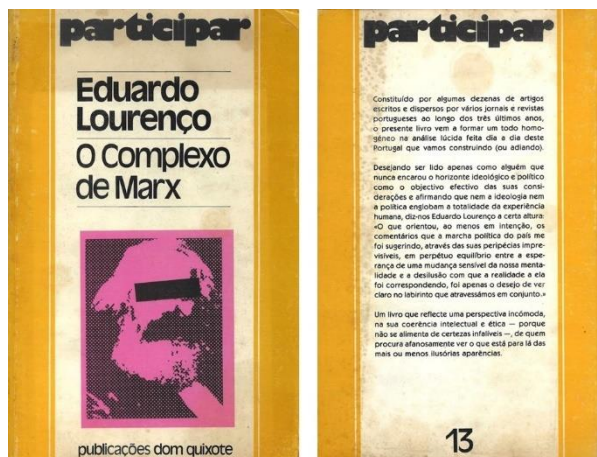
Esta obra é constituída por 10 Capítulos, a saber: 1.) "Preâmbulo," 2.) "O Professor e o General," 3.) "A Queda de Goa," 4.) "Portugal e o Futuro," 5.) "Cadetes, Milicianos, e o 25 de Abril," 6.) "O 16 de Março," 7.) "O Golpe," 8.) "Do 28 de Maio ao 25 de Abril," 9.) "A África e as Grandes Potências," e 10.) "Bibliografia."

Mário Matos e Lemos é um Jornalista Português, que fez uma Licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - foi Jornalista em vários meios de comunicação, como a «Agência de Notícias e Informações» (ANI), o «Diário de Notícias» e o «Diário do Norte» (1956-1972). Entre 1972 e 1998 desempenhou funções de Conselheiro Cultural e de Imprensa em diversas Embaixadas Portuguesas, foi Director do Centro Cultural Português de Bissau e, ainda, Director do Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (CENJOR). Tem diversas obras publicadas sobre o Estado Novo e a Descolonização Portuguesa, artigos em revistas especializadas de História sobre temas diversos, escreveu um "Dicionário de História Universal" em 2001 e traduziu para o Português várias obras de História e Política.

Capas de brochura com vincos nos cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com sinais de manuseamento e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada levemente descolorada em baixo, com pequenas faltas de papel e com leve sujidade. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

7,50€

26. LOURENÇO (Eduardo) [de Faria] (EDUARDO LOURENÇO) - O COMPLEXO DE MARX OU O FIM DO DESAFIO PORTUGUÊS. (Colecção «Participar» - 13). Publicações Dom Quixote, 1979. 263, [2] pp. B. (I-L-1242)



1ª Edição. Obra inserida na Colecção «Participar» das Publicações Dom Quixote. **Capa e Orientação Gráfica de Fernando Felgueiras.** Com parte do talão de reposição no anterrosto. Com o preço antigo de 320\$00 a lápis na última página.

Na presente obra, conforme se pode ler no "Prólogo Político Sem Política,": "pela sua simples existência as crónicas ou artigos recolhidos neste novo livro de reflexão ideológica sobre o imediato da nossa vida cívica nos últimos três anos colocam o seu autor em oposição total a essa exigência de preservação asséptica do Pântano político... o inimigo está dentro da fortaleza. Só a resistência unânime da Esquerda Portuguesa (mas não é ela mesma o

exemplo do «Reino Dividido»?) poderá deter essa deterioração de todas as perspectivas abertas pelo 25 de Abril... Mas é por não poder fingir que partilho as esperanças Socialistas traídas e por fidelidade a um futuro que um dia lhes será mais propício que abandono a «morna planície» onde o impulso revolucionário já não se alimenta de análises, nem exortações éticas." (páginas III-VII).

Encontram-se reunidos textos dispersos, de forma cronológica, que abrangem um período que vai desde 1 de Abril de 1976 até 11 de Dezembro de 1978, pouco antes da obra ser publicada.

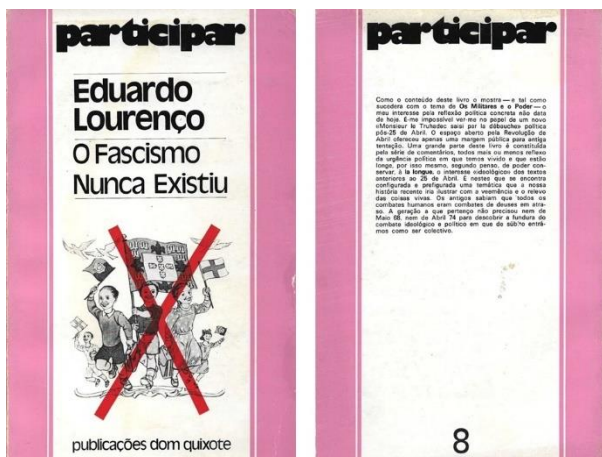
Eduardo Lourenço foi um Filósofo, Ensaísta e Professor Universitário Português, tendo feito a Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas em Coimbra, em 1946, onde viria a ser Assistente entre 1947 e 1953 - leccionou em diversas universidades estrangeiras e colaborou nalgumas revistas e publicações periódicas Portuguesas e uma faceta muito importante foi a sua actividade como Crítico e Ensaísta Literário, sobretudo na área da poesia.

Venceu os seguintes Prémios: "Prémio Camões" em 1996, "Prémio Vergílio Ferreira" em 2001, "Prémio da Latinidade «Troféu Latino»" em 2003, "Premio Extremadura a la Creación" em 2006, "Prémio Pessoa" em 2011, "Prémio Autores SPA" em 2011, "Prémio Universidade de Lisboa" em 2012, "Prémios Literários do «Festival Literário Tábula Rasa»" em 2015, "Prix du Rayonnement de la Langue et de la Littérature Françaises" da Académie Française em 2016 e o "Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural" em 2016. Foram-lhe atribuídos os títulos de "Grande-Oficial da Ordem de Sant'iago da Espada" em 1981, "Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique" em 1992, "Grã-Cruz da Ordem de Sant'iago da Espada" em 2003 e a "Grã-Cruz da Ordem da Liberdade" em 2014 e recebeu, ainda, títulos honoríficos em França e Doutoramentos «Honoris Causa» de universidades em Portugal e no Brasil.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com picos de acidez e humidade. Lombada escurecida, com um pequeno vinco e uma pequena mancha de humidade em cima, com leves picos de acidez e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez e sujidade. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos. Algumas páginas no início do livro e páginas 239-258 com um vinco expressivo em cima, no canto.

7,50€

27. LOURENÇO (Eduardo) [de Faria] (EDUARDO LOURENÇO) - O FASCISMO NUNCA EXISTIU. (Colecção «Participar» - 8). Publicações Dom Quixote, 1976. 248, [5] pp. B. (I-L-1260)



1ª Edição - esta obra foi reeditada pela Gradiva em 2022. Obra inserida na Colecção «Participar» das Publicações Dom Quixote. **Capa e Orientação Gráfica de Fernando Felgueiras.** Ilustração da capa do «Livro Único» para a 3.ª Classe do Ensino Primário durante os últimos anos do Regime Salazarista-Caetanista. Com parte do talão de reposição da Livraria Kaya Kahina (Drugstore Caleidoscópio), em Lisboa, e com parte de um outro talão de reposição no anterrosto.

Nesta obra o autor, tal como na obra anterior "Os Militares e o Poder" (1975), demonstra o seu interesse pela reflexão política, o qual já vinha de trás - tal como o autor afirma na "Necessária e Inútil Justificação": "É-me impossível ver-me no papel de um novo «Monsieur le Truhadec saisi par la débauche» política pós-25 de Abril. O espaço aberto pela Revolução de Abril ofereceu apenas uma margem pública para antiga tentação. Uma grande parte deste livro é constituída pela série de comentários, todos mais ou menos reflexo da urgência política em que temos vivido e que estão longe, por isso mesmo, segundo penso, de poder conservar, à lá longue, o interesse ideológico dos textos anteriores ao 25 de Abril... A geração a que pertencemos não precisou nem de Maio 68, nem de Abril de 74 para descobrir a fundura do combate ideológico e político em que de súbito entrámos como ser colectivo." (páginas 9-13).

Encontram-se reunidos textos dispersos, de forma cronológica, que abrangem um período que vai desde Março de 1959 até 1 de Maio de 1976, pouco antes da obra ser publicada.

Eduardo Lourenço foi um Filósofo, Ensaísta e Professor Universitário Português, tendo feito a Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas em Coimbra, em 1946, onde viria a ser Assistente entre 1947 e 1953 - leccionou em diversas universidades estrangeiras e colaborou nalgumas revistas e publicações periódicas Portuguesas e uma faceta muito importante foi a sua actividade como Crítico e Ensaísta Literário, sobretudo na área da poesia.

Venceu os seguintes Prémios: "Prémio Camões" em 1996, "Prémio Vergílio Ferreira" em 2001, "Prémio da Latinidade «Troféu Latino»" em 2003, "Premio Extremadura a la Creación" em 2006, "Prémio Pessoa" em 2011, "Prémio Autores SPA" em 2011, "Prémio Universidade

de Lisboa" em 2012, "Prémios Literários do «Festival Literário Tábula Rasa»" em 2015, "Prix du Rayonnement de la Langue et de la Littérature Françaises" da Académie Française em 2016 e o "Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural" em 2016. Foram-lhe atribuídos os títulos de "Grande-Oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada" em 1981, "Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique" em 1992, "Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada" em 2003 e a "Grã-Cruz da Ordem da Liberdade" em 2014 e recebeu, ainda, títulos honoríficos em França e Doutoramentos «Honoris Causa» de universidades em Portugal e no Brasil.

Capas de brochura com vincos nos cantos, uma mancha de humidade junto da margem (à frente), desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com sinais de manuseamento e com leve sujidade e picos de acidez. Lombada com pequenos vincos e picos de acidez. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos, uma mancha de humidade junto da margem (à frente) e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez, e em baixo com leves marcas de tinta azul. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

10€

- 28. MAIA (José de [Matos] Fernandes) (MATOS MAIA) - AQUI EMISSORA DA LIBERDADE: RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS 04.26 - 25 DE ABRIL DE 1974.** Rádio Clube Português - Lisboa, 1975. 211, [4] pp., [72] folhas Ilustradas. B. (I-L-1238)



1ª Edição - saiu uma 2ª Edição em 1999 na Editorial Caminho. Capa e Arranjo Gráfico de João Viegas. Fotografias de Rui Pacheco, Beatriz Ferreira (Arquivos de «O Século»), Carlos Coelho da Silva e E.F. Neves & Bruno, Lda. Profusamente ilustrado com fotografias em extra-texto, a preto e branco. Com o preço antigo de 70\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra relata o papel que o Rádio Clube Português, juntamente com os seus Jornalistas, teve nas primeiras horas e dias da Revolução de 25 de Abril de 1974, na queda do Estado Novo e no fim da Guerra Colonial. Na noite de 24 para 25 de Abril de 1974, o então Rádio Clube Português (R.C.P.) foi tomado pelo Movimento das Forças Armadas e a ocupação desta Emissora pelos Militares é relatada pormenorizadamente neste livro. O 1.º Comunicado do Movimento das Forças Armadas (MFA) foi lido por Joaquim Furtado e transmitido na madrugada do 25 de Abril de 1974, no R.C.P - na sequência desta Revolução, passou a denominar-se a "Emissora da Liberdade."

Conforme o autor refere, "Tentámos, nestas páginas, reportar as horas importantes e fundamentais, dramáticas e expectantes, alegres e eufóricas da tomada do R.C.P. e da orgulhosa transformação em Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas... Nas dezenas de páginas que ficaram para trás, estão depoimentos verdadeiros, episódios reais, histórias autênticas, casos pitorescos... para reforçar a autenticidade e marcar a isenção, duas razões bastam: os depoimentos feitos e quem os fez e a imparcialidade editorial." (retirado de "A Fechar" - página 181).

A obra é constituída por 12 Capítulos, mais um Apêndice (dividido em 3 Partes), a saber: 1.) Já Antes Connosco," 2.) "Eram 3.12 da Madrugada," 3.) "Objectivo: Sampaio e Pina, 26," 4.) "R.C.P. no Porto e em Miramar," 5.) "Luanda: A Ansiedade," 6.) "Os Comunicados... e os «Voluntários»," 7.) "Quando a Informação Chegou," 8.) "E... os Directores?," 9.) "O Desespero da Reacção," 10.) "Os Casos de um «Caso», 11.) "A Mulher na Revolução" e 12.) "A Fechar" (Epílogo), mais um "Apêndice" em 3 partes: i.) "Biografias" - pequenos retratos dos intervenientes no nascimento da "Emissora," ii.) "Curiosidades" - factos interessantes da obra e iii.) "Rectificações" - pequenas correcções à obra.

Matos Maia foi um Radialista e Autor Português, que começou a sua carreira Radiofónica aos 18 anos na Rádio Peninsular, em Lisboa, onde trabalhou em parceria com Henrique Mendes. Colaborou como Produtor e Realizador em diversas Emissoras, como a Rádio Peninsular, Voz de Lisboa, Rádio Graça, Clube Radiofónico de Portugal e Rádio Restauração. Em 1958 realizou na Rádio Renascença a emissão "A Invasão dos Marcianos," baseada no livro "A Guerra dos Mundos", de H. G. Wells, que foi interrompida pela P.S.P., tendo sido detido e interrogado pela P.I.D.E. Realizou também programas de grande popularidade como "Quando o Telefone Toca," "Bossa Nova," "Lisboa e o Tejo" ou "Discoteca." Adaptou, dirigiu e realizou vários Folhetins, baseados nos Romances "A Queda de um Anjo" de Camilo Castelo Branco, "Quando os Lobos Uivam" de Aquilino Ribeiro, "A Cidade e as Serras" de Eça de Queirós, e "Mau Tempo no Canal", de Vitorino Nemésio.

Após o 25 de Abril, participou na transformação do Rádio Clube Português na Rádio Comercial, no âmbito da Radiodifusão Portuguesa (R.D.P.), onde foi Director, e foi também Director da Sociedade Portuguesa de Autores - escreveu alguns livros sobre o Mundo Radiofónico, de que é exemplo a presente obra.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com marcas de exposição solar junto da lombada e com leve sujidade. Lombada vincada, descolorada devido à exposição solar e com leve sujidade. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos e com leve sujidade. Miolo e extremidades limpos. Ilustrações em bom estado, sem sujidade e sem picos de acidez.

7,50€

29. MARQUES (José) - AS PAREDES EM LIBERDADE. (Colecção «Lobo Mau»). Editorial Teorema - Lisboa, 1974. 78 folhas (não numeradas) - maioritariamente ilustradas. B. (I-L-1255)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Obra inserida na Colecção «Lobo Mau» da Editorial Teorema. Fotografias de **José Marques**. Maquete de **Fernando Felgueiras** e **Amália Afonso**. Com o preço antigo de 350\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra, toda ilustrada com fotografias a preto e branco, retratou uma realidade em que "Ao longo de 48 anos, as paredes e os muros fizeram parte da Imprensa clandestina Portuguesa. Na calada da noite, arriscando a integridade física, mãos anónimas redigiam apressadamente a palavra de ordem, a crítica, o ataque Anti-Fascista... Com o 25 de Abril, já conquistada a Liberdade, as inscrições Murais multiplicaram-se, verificando-se uma extrema diversidade de directrizes e de opiniões... As inscrições recolhidas neste livro foram fotografadas em Maio/Junho de 1974, em Lisboa... Ao fazer tal recolha houve a preocupação de nada ocultar e de proporcionar a mais ampla visão de tais inscrições. Elas aí ficam com o seu Lirismo, a sua Agressividade, a sua Esperança, a sua Ingenuidade, o seu Ódio, o seu Humor, a sua Firmeza Revolucionária." (em "Introdução" - página 5, não numerada).

As 151 reproduções de Fotografias que foram captadas por José Marques ficam como um Testemunho de uma época - a maioria das inscrições (senão todas) nas Paredes que vemos neste livro já não existem, sobrepostas por interesses vários, novas Construções, palavras que possam ter sido apagadas pelo tempo, mas fica a Força destas imagens, porque como diz o cliché, atribuído a Confúcio, "uma imagem vale mais do que mil palavras."

José Marques foi um Fotógrafo Português, incontornável na cena Teatral Portuguesa do Século XX, tendo estabelecido uma relação privilegiada com a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro desde o final da década de 1950 até à sua extinção em 1974 - apesar desta relação duradoura, fotografou também nos Teatros do Parque Mayer, o «Maria Vitória», o «Capitólio», o «Variedades» e o «ABC», no Teatro da Trindade, no Teatro Municipal São Luís e produziu um imenso testemunho da actividade de Grupos como a Companhia Portuguesa de Comediantes, a Casa da Comédia, o Teatro Experimental de Cascais (TEC), o Teatro Estúdio de Lisboa (TEL), o Novo Grupo», o Teatro Adoque e, ainda, espectáculos de Teatro Infantil e grupos de Teatro Amador.

O seu espólio, adquirido em 2013 pelo Teatro Nacional D. Maria II, conta com mais de 100.000 imagens, evidenciando a capacidade que teve de colocar a Fotografia de Teatro noutra relação com o Palco, garantindo-lhe um lugar de referência nesta actividade. Teve Estúdios Fotográficos na Rua da Atalaia e em Benfica, em Lisboa, e foi também Fotógrafo da Vida Social, como Freelancer ou, com mais assiduidade, para a revista «Nova Gente». A par da actividade como Fotógrafo de Teatro, as suas imagens de Murais e Grafittis Políticos, foram publicadas na presente obra.

Capas de brochura com vincos nos cantos, marcas de exposição solar e contacto com outros livros e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada escurecida, com uma pequena mancha de humidade em cima e com alguns picos de acidez e sujidade. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez e sujidade. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

15€

30. OLIVEIRA (Cândido Fernandes Plácido de) (CÂNDIDO DE OLIVEIRA) - TARRAFAL: O PÂNTANO DA MORTE. (Colecção «Documentos»). Editorial «República» - Lisboa, 1974. 152, [2] pp. B. (I-L-1220)



1ª Edição, publicada a título **póstumo** após o 25 de Abril de 1974 - esta obra nunca foi reeditada. Obra inserida na Colecção «Documentos» da Editorial «República». **Capa de Stuart de Carvalhais.** Com uma "Nota Prévia" de **José Magalhães Godinho.** Com o preço antigo de 1000\$00 a lápis no anterrosto.

A presente obra, dedicada "à memória dos 30 mortos que repousam no Cemitério do Tarrafal, aos Mártires do Campo de Concentração do Tarrafal de Santiago de Cabo Verde e aos Heróis e Mártires da luta Anti-Fascista," é um testemunho do autor, em que este denuncia os tempos que vivenciou no Tarrafal entre 1942 e 1944, em que lhe "quebraram quase todos, senão todos os dentes." (em "Nota Prévia" - página 8).

A obra contém uma lista com os 30 mortos (entre 1937 e 1945) a quem o autor dedica a obra, no início, e termina com o número total de dias de Internamento na «Frigideira», a Câmara de Cimento do Tarrafal – 2.824 dias, que equivalem a 7 anos e 269 dias de prisão.

Encontra-se dividida em 10 Capítulos, a saber: 1.) "Nota Prévia," 2.) "Pelourinho," 3.) "Os Mortos do Tarrafal," 4.) "Colónia Penal Não!," 5.) "O Arame Farpado," 6.) "Ex-Homens!," 7.) "A Eliminação Pelo Paludismo," 8.) "E Tudo Acabou. Não! O Tarrafal Continua!," 9.) "O Pântano da Morte" e 10.) "Frigideira: A Câmara de Cimento."

Cândido de Oliveira foi um Jogador e Treinador de Futebol, Atleta de Luta Greco-Romana, Jornalista Desportivo e Escritor português - começou a jogar Futebol na Casa Pia de Lisboa,

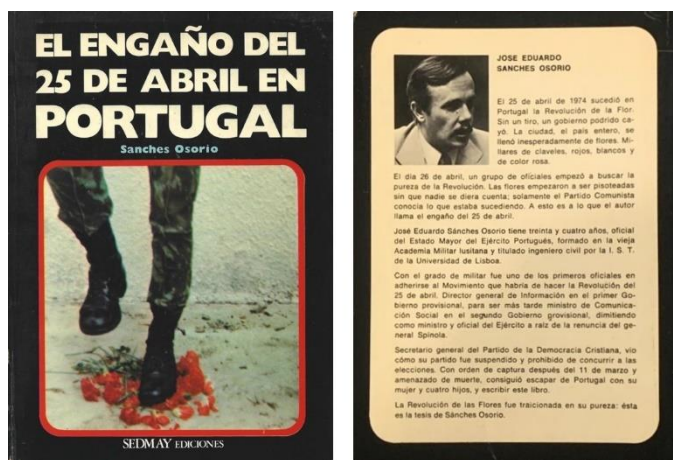
entre 1915 e 1921 foi Médio-Centro e Capitão da Primeira Categoria do Sport Lisboa e Benfica, em 1920 criou o Casa Pia Atlético Clube e foi Capitão da Selecção Nacional, no primeiro jogo, em 1921. Muitos desconhecem, mas foi também Campeão de Luta Greco-Romana em Médios A (71 quilos) em 1919. Foi, ainda, Seleccionador Nacional de Futebol, tendo orientado a equipa Portuguesa que chegou aos Quartos-de-Final dos Jogos Olímpicos de 1928, Técnico do Sporting Clube de Portugal, onde ganhou o Campeonato Nacional de 1946/1947 e onde conquistou dois Campeonatos, uma Taça de Portugal e chegou à Final da Taça Latina em 1947/1948, e Treinador da equipa do Clube de Regatas do Flamengo, no Brasil, em 1950.

Em 1945 fundou, com António Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo, o jornal então bissemanário «A Bola», no qual colaboraria até à sua morte em 1958 - pelo seu papel no Futebol Português, foi dado o seu nome à "Supertaça," que foi instituída pela Federação Portuguesa de Futebol, a partir de 1978.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito e dobradas (à frente) e com vincos nos outros cantos, com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com ocasional sujidade e picos de acidez, e com pequenas faltas de papel. Lombada com uma pequena mancha de humidade e algumas faltas de papel, que afectam parte do texto em baixo. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito e dobradas (à frente) e com vincos nos outros cantos e com ocasionais picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez e sujidade. Páginas com vincos expressivos no canto, em baixo, e dobradas.

7,50€

31. OSÓRIO (José Eduardo Fernandes de Sanches) (SANCHES OSÓRIO) - EL ENGAÑO DEL 25 DE ABRIL EN PORTUGAL. Sedmay Ediciones - Madrid, 1975. 173, [3] pp. B. (I-L-1261)



1ª Edição - esta obra saiu, mais ou menos em simultâneo, em Espanha, Portugal e Brasil, no ano de 1975. Editor: José Mayá. Capa de Marco Antonio Katalinic. Com o preço do editor à época, 175 Pesetas, na última página. **Com a data "Agosto 1975, Sevilha" a tinta azul na página 5.** Com parte do talão de reposição do El Corte Inglés (Departamento de Libreria) no anterrosto.

Esta obra, cujo original foi remetido pelo autor a partir de Roma, foi publicada devido ao interesse e actualidade do conteúdo, achando o editor que deveria ser conhecida pelos leitores Espanhóis (página 6).

A obra é constituída por 13 Capítulos, mais as "Notas," a saber: 1.) "Introducción," 2.) "La Conspiración," 3.) "16 de Marzo," 4.) "25 de Abril," 5.) "Primer Gobierno Provisional," 6.) "Notas Acerca del Segundo Gobierno Provisional," 7.) "28 de Septiembre," 8.) "Las Barricadas," 9.) "Las Cárceles," 10.) "Dimisión," 11.) " Actividad de Partido," 12.) "11 de Marzo," 13.) "El Exilio," mais as "Notas."

Neste livro, o autor fala desde a génese do Movimento das Forças Armadas, passando pelo 25 de Abril de 1974, o Golpe de 11 de Março de 1975, até ao seu exílio no pós-25 de Abril - na "Introdução" o autor refere que "O Movimento das Forças Armadas, que mereceu a adesão do Povo Português, deixou de ser a expressão actuante da vivência racional para se transformar num instrumento da luta desesperada de um Partido para incendiar uma sociedade, disfarçando-se com flores que na realidade espezinham, e com sedutoras palavras de ordem cujo conteúdo é puramente demagógico... Aos meus Camaradas que se entregaram totalmente a um ideal e foram traídos por uma minoria Comunista, é tempo de se darem conta do logro e do equívoco, dando-se também conta de que é tempo de reflectir e, reflectindo, é tempo de agir e participar na verdadeira salvação de Portugal." (páginas 9-10).

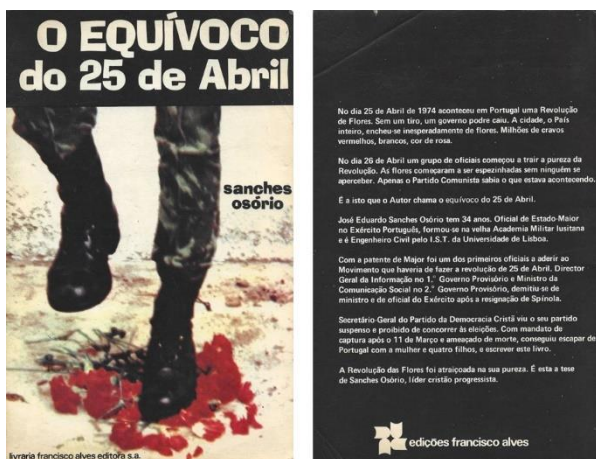
José Sanches Osório é um Militar, Político, Professor e Advogado Português, que fez uma Licenciatura em Engenharia Militar (sendo Major de Engenharia do Exército e Professor da Academia Militar), uma Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e que foi um dos «Capitães de Abril», sendo um dos seis Oficiais que organizou o Golpe de Estado que ocupou o Posto de Comando do MFA, na Pontinha - foi Director-Geral da Informação e Ministro da Comunicação Social no II Governo Provisório (1974), função da qual se demitiu a 28 de Setembro, na sequência da «Maioria Silenciosa», fundou o Partido da Democracia Cristã (PDC), ilegalizado durante o PREC, e mais tarde esteve conotado com a Direita Conservadora e Extrema-Direita, acabando o Partido por ser extinto em 2004.

Devido às implicações no Golpe de 11 de Março de 1975 («Intentona»), teve de se exilar, escapando de Portugal com a mulher e quatro filhos, esteve ligado ao Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), regressou a Portugal no ano seguinte e, em 1979, aderiu ao Partido do Centro Democrático Social (CDS), sendo Deputado de 1979 a 1983, altura em que abandona o Partido.

Capas de brochura com vincos nos cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com algum desgaste das partes plastificadas. Lombada com algum desgaste das partes plastificadas e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com alguns picos de acidez. Página 59 e a última página com uma pequena mancha de sujidade.

10€

32. OSÓRIO (José Eduardo Fernandes de Sanches) (SANCHES OSÓRIO) - O EQUÍVOCO DO 25 DE ABRIL. (Colecção «Documentos»). Livraria Francisco Alves Editora, S.A. - Rio de Janeiro (Brasil), 1975. 156, [2] pp. B. (I-L-1240)



1ª Edição no Brasil - esta obra saiu, mais ou menos em simultâneo, em Espanha, Portugal e Brasil, no ano de 1975. Impresso no Brasil. Capa de Studio Jet Press. Esta obra foi gravada e o texto corrigido e revisto pelo Autor em Maio de 1975 (página 4).

A obra é constituída por 14 Capítulos, mais as "Notas," a saber: 1.) "Introdução," 2.) "A Conspiração," 3.) "16 de Março," 4.) "25 de Abril," 5.) "1.º Governo Provisório," 6.) "2.º Governo Provisório," 7.) "28 de Setembro," 8.) "As Barricadas," 9.) "As Prisões," 10.) "Resignação," 11.) "Actividade Partidária," 12.) "11 de Março," 13.) "O Exílio," 14.) "O Epílogo," mais as "Notas."

Neste livro, o autor fala desde a génese do Movimento das Forças Armadas, passando pelo 25 de Abril de 1974, o Golpe de 11 de Março de 1975, até ao seu exílio no pós-25 de Abril - na "Introdução" o autor refere que "O Movimento das Forças Armadas, que mereceu a adesão do Povo Português, deixou de ser a expressão actuante da vivência racional para se transformar num instrumento da luta desesperada de um Partido para incendiar uma sociedade, disfarçando-se com flores que na realidade espezinham, e com sedutoras palavras de ordem cujo conteúdo é puramente demagógico... Aos meus Camaradas que se entregaram totalmente a um ideal e foram traídos por uma minoria Comunista, é tempo de se darem conta do logro e do equívoco, dando-se também conta de que é tempo de reflectir e, reflectindo, é tempo de agir e participar na verdadeira salvação de Portugal." (páginas 9-10).

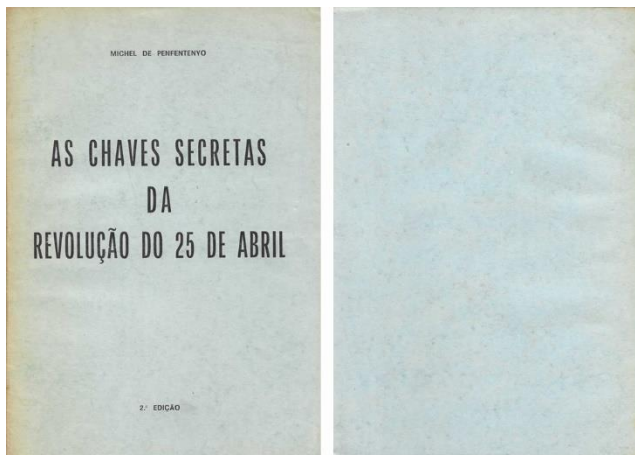
José Sanches Osório é um Militar, Político, Professor e Advogado Português, que fez uma Licenciatura em Engenharia Militar (sendo Major de Engenharia do Exército e Professor da Academia Militar), uma Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e que foi um dos «Capitães de Abril», sendo um dos seis Oficiais que organizou o Golpe de Estado que ocupou o Posto de Comando do MFA, na Pontinha - foi Director-Geral da Informação e Ministro da Comunicação Social no II Governo Provisório (1974), função da qual se demitiu a 28 de Setembro, na sequência da «Maioria Silenciosa», fundou o Partido da Democracia Cristã (PDC), ilegalizado durante o PREC, e mais tarde esteve conotado com a Direita Conservadora e Extrema-Direita, acabando o Partido por ser extinto em 2004. Devido às implicações no Golpe de 11 de Março de 1975 («Intentona»), teve de se exilar,

escapando de Portugal com a mulher e quatro filhos, esteve ligado ao Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), regressou a Portugal no ano seguinte e, em 1979, aderiu ao Partido do Centro Democrático Social (CDS), sendo Deputado de 1979 a 1983, altura em que abandona o Partido.

Capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, uma leve marca de tinta azul (à frente), um pequeno rasgão em baixo, na contra-capas, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada, com um pequeno rasgão em baixo, e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, escurecido e com um pequeno rasgão em baixo, na contra-capas. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Páginas com vincos expressivos em cima e em baixo, nos cantos.

7,50€

33. PENFENTENYO (Michel de) – AS CHAVES SECRETAS DA REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL. Editorial Resistência (Edição de autor) - Lisboa, 1976. 39 pp. B. (I-L-1247)



2ª Edição - a 1ª Edição saiu no mesmo ano, em Janeiro de 1976. Com o preço antigo de 100\$00 a lápis no anterosto.

A presente obra foi um estudo sobre o 1.º Ano da Revolução do 25 de Abril de 1974, considerado talvez o estudo mais importante publicado no Estrangeiro sobre o tema - os editores referem que "ainda que não estejamos de acordo com o Autor em muitos pormenores e mesmo nalgumas linhas gerais, que consideramos menos correctamente observadas, e mesmo às vezes injustas para a capacidade de resistência do Povo Português, sendo noutros casos demasiado esquemáticas e preconcebidas para darem a exacta noção da realidade... É igualmente inexacto que o Processo Revolucionário alguma vez tenha chegado a criar na população o sentimento de que «era inútil alguém opor-se à esmagadora fatalidade do Comunismo»... De qualquer modo, um notável estudo, e seguramente dos poucos, publicados no Estrangeiro, de que poderemos tirar real proveito." (em "Introdução" - pagina 5).

A obra encontra-se dividida em 2 Partes, a saber: 1.) Primeira Parte - "O Processo Revolucionário em Portugal" e 2.) Segunda Parte - "Lições de Portugal: Invencível o Comunismo?."

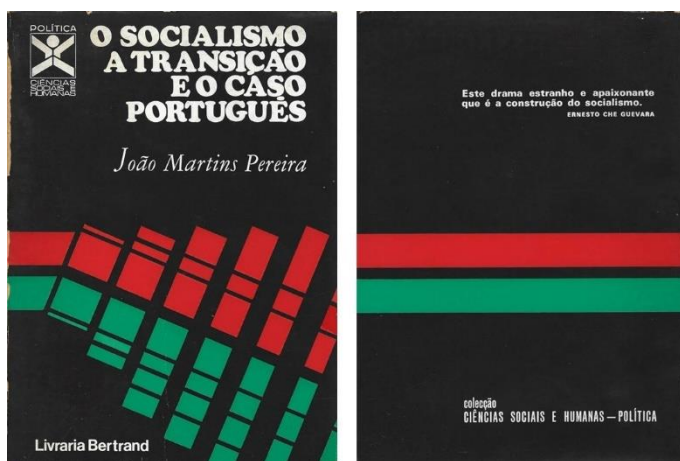
Michel de Penfentenyo foi um Activista Político e Ensaísta Francês, pertencente à Nobreza Bretã, com profundas raízes Católicas, tendo dedicado toda a sua vida ao Apostolado - foi um dos pilares da «La Cité Catholique», onde ingressou em 1957, sendo um dos mais importantes colaboradores de Jean Ousset e com Michel Creuzet, Amédée D'Andigné, Jean Beaucoudray, Arnaud de Lassus e Jacques Tremolet de Villers, foi um dos principais líderes desta Organização.

Quando em 1963 «La Cité Catholique» se converteu no «Office International des Oeuvres de Formation Civique et D'Action Culturelle Selon le Droit Naturel et Chrétien», foi o seu Director Geral, esteve na criação do Centre D'Études des Entreprises (C.E.E.) e fundou o SICLER - Secrétariat d'Information des Collectivités Locales et Régionales para ajudar as Autoridades Locais a restabelecer Redes de Solidariedade, às quais se dedicou exclusivamente na década de 1980 - convencido de que a França tinha perdido o sentido da sua vocação, lutou para dar a conhecer melhor os fundamentos da sua História.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com leves marcas de exposição solar e com leves picos de acidez. Lombada com pequenos vincos e escurecida. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos, com leves marcas de exposição solar e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez.

6€

34. PEREIRA (João Manuel Midosi Bahuto Pereira da Silva Martins) (JOÃO MARTINS PEREIRA) - O SOCIALISMO, A TRANSIÇÃO E O CASO PORTUGUÊS. (Colecção «Ciências Sociais e Humanas - Política»). Livraria Bertrand, 1976. 331, [1] pp. B. (I-L-1245)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Obra inserida na Colecção «Ciências Sociais e Humanas/ Política» da Livraria Bertrand. **Capa de José Cândido.**

Nesta obra, que abre com a citação do Che Guevara "Esse drama estranho e apaixonante que é a construção do Socialismo," o autor investiga, no quadro do pós 25 de Abril e do 11 de Março de 1975, aquilo que porventura teria sido a «Transição para o Socialismo» em Portugal, que ele defende nunca passou da fase pré-Revolucionária, ou seja, nunca terá tido início - tendo pertencido ao IV Governo Provisório (26 de Março de 1975 a 8 de Agosto de

1975), permitiu-lhe "autopsiar" a impotência deste Governo e analisar por dentro o «Aparelho de Estado» nos meses decisivos entre Março e Julho de 1975.

A obra encontra-se dividida em 3 Capítulos, mais os "Anexos," conforme se segue: 1.) "Que Socialismo?," 2.) "Pré-Revolução e Transição," 3.) "O Caso Português," mais os "Anexos" (num total de 5).

João Martins Pereira foi um Engenheiro Industrial, Economista, Jornalista, Ensaísta e Político Português, que fez o Ensino Liceal no Colégio Valsassina entre 1944 e 1949, em 1957 termina a Licenciatura em Engenharia Químico-Industrial, no Instituto Superior Técnico (IST), com média final de 17 Valores, e em 1963 vai estudar para Paris, no Institut des Sciences Sociales du Travail, onde obtém os Certificados de "Sociologia do Trabalho," "Economia do Trabalho" e "Problemas do Trabalho em Países em Vias de Desenvolvimento" - em Setembro de 1956 é chamado a fazer o Serviço Militar, sendo incorporado na Tropa no Regimento de Artilharia de Costa (R.A.C.) em Oeiras, para fazer o Curso de Oficiais Milicianos, onde se torna amigo do Artista Plástico José Escada.

No âmbito da actividade profissional, trabalhou na CUF e na Siderurgia Nacional em 1958, fazendo diversos Estágios no Estrangeiro, e em 1962 foi Director do Centro Vidriero de Venezuela, em Guarenas, propriedade de Carlos Galo, um industrial Vidreiro da Marinha Grande. Como Jornalista, fez parte da Redacção da revista «Seara Nova», foi Fundador e colaborador da 2.ª série da revista «O Tempo e o Modo», Coordenador da secção de "Economia" da revista «Vida Mundial», Director Interino do semanário «Gazeta da Semana» e Director da «Gazeta do Mês», colaborando também na revista «Arte Opinião» (1978-1982).

Na actividade Política, entre Março e Agosto de 1975 foi Secretário de Estado da Indústria e Tecnologia do IV Governo Provisório, presidido por Vasco Gonçalves, no Ministério da Indústria e Tecnologia, tutelado por João Cravinho, tendo sido autor da Nacionalização de grandes empresas industriais nas áreas da Siderurgia, Cimentos, Estaleiros Navais, Química Pesada, Petroquímica e Celuloses.

Capas de brochura com vincos nos cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos, escurecido e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades geralmente limpos, com ocasionais picos de acidez. Páginas 197-210 e 265-275 com um vinco expressivo em cima, no canto.

35. PIRES (José) - GREVES E O 25 DE ABRIL. (Colecção «O Povo em Acção»). Edições Base - Lisboa, s.d. (1976). 277, [1] pp. B. (I-L-1253)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Obra inserida na Colecção «O Povo em Acção» das Edições Base. Capa de Nuno Carinhos. **Com assinatura de posse a tinta preta na página 7.** Com parte do talão de reposição da Livraria «O Século» (Lisboa) no anterrosto.

Esta obra divide-se em 4 Partes, mais o "Anexo," a saber: 1.) "Introdução" - O que é a Greve?, 2.) I Parte - "Acção Grevista Antes do 25 de Abril" - apresenta as Greves efectuadas antes do 25 de Abril de 1974, 3.) II Parte - "Acção Grevista Depois do 25 de Abril" - refere-se às Greves depois desta data e 4.) "A Lei da Greve ou a Lei «Anti-Greve»" - faz uma reflexão sobre aspectos relacionados com as Greves e o "Anexo," com legislação do «Direito à Greve».

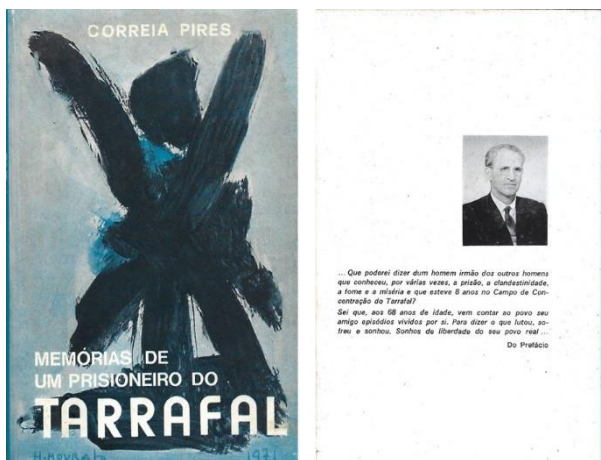
Trata-se de uma "antologia" das principais lutas desenvolvidas após o 25 de Abril nas Empresas, cujo eco despertou nos Trabalhadores de todo o mundo, particularmente na Europa, a esperança de uma alteração radical da organização Capitalista do trabalho, escrito na base de Contactos e Entrevistas que o autor teve com os principais Activistas envolvidos, descrevendo as motivações e o conteúdo Revolucionário das suas principais reivindicações, sendo indispensável para o conhecimento de um período importante da «Luta dos Trabalhadores» Portugueses pelo reconhecimento da dignidade do trabalho - o livro está valorizado e fundamentado por situações concretas de Greves em grandes Empresas como a Carris, Efacec, T.A.P., entre outras.

Não dispomos de elementos biográficos do autor.

Capas de brochura com vincos nos cantos, vincos ao longo das capas, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos, vincos ao longo das capas, levemente escurecido e com alguns picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

5€

36. PIRES (José Correia) (CORREIA PIRES) - MEMÓRIAS DE UM PRISIONEIRO DO TARRAFAL. Edições Dêagá - Lisboa, 1975. 306, [1] pp, [3] folhas ilustradas. B. (I-L-1221)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 5.000 exemplares. Com rubrica de posse a tinta azul no anterrosto.** Com uma "Introdução" de António Madeira Santos. **Capa e ilustrações de Henrique Mourato.** Ilustrado em extra-texto com 3 desenhos a preto e branco, sobre papel couché.

Nesta obra, dedicada pelo autor à mulher aos 5 filhos, este foi interpelado por Edgar Rodrigues, figura importante do movimento Anarquista Luso-Brasileiro, para responder a um Inquérito com 75 quesitos, aos quais respondeu a 22/11/1972, sendo essa a base deste livro, que começou por ser um trabalho que o autor inicialmente nem tinha intenção de publicar - aproveitou, então, essas "Notas" para fazer as suas Memórias, onde descreve para além da sua experiência pessoal, as relações dos Comunistas e dos Anarquistas e descreve em pormenor a organização prisional no Campo de Concentração do Tarrafal, bem como a vida dos Presos, Resistentes ao Regime Ditatorial, fazendo ainda relatos sobre a Clandestinidade, as Prisões e a violência do Regime Salazarista.

O seu amigo António Madeira Santos, escritor à época, na "Introdução," a 20 de Maio de 1975, refere qual o motivo para se recusar a escrever um Prefácio para este livro, que ainda não tinha lido - "Que poderei dizer sobre um homem que aos 14 anos, idade de ser menino e brincar, trabalha como homem e começa a sua luta por uma Sociedade mais justa e humana?... Sei que, aos 68 anos de idade, vem contar ao povo seu amigo episódios vividos por si. Para dizer o que lutou, sofreu e sonhou. Sonhos de Liberdade do seu povo real... O seu livro, meu caro Correia Pires, foi, afinal, a vida que o escreveu. Você foi, apenas, um irmão que sofreu e lutou pela liberdade, pela igualdade e pela fraternidade." (em "Introdução" - páginas 10-11). O autor teve uma vida que o levou a 13 anos no Exílio, na Clandestinidade, nas Prisões e no Tarrafal - esteve preso cerca de 8 ou 9 anos no Tarrafal.

Correia Pires foi um Publicista, Libertário e Carpinteiro Português, que desde novo aderiu à orientação Revolucionária da Confederação Geral do Trabalho (CGT) e à ideologia Anarquista e, ainda jovem, entrou nas «Juventudes Sindicalistas», lutando até ser preso em 1932, cumprindo pena na Prisão do Aljube de Lisboa - depois de libertado, voltou à luta e participou na «Revolta de 18 de Janeiro de 1934», vendo-se obrigado a exilar-se em Espanha, onde chega clandestinamente. Foi opositor ao Regime Salazarista e foi preso em 1936, enviado para o Campo de Concentração do Tarrafal, onde permaneceu cerca de 8 ou

9 anos, acabando por ser devolvido à liberdade, sem julgamento, em 1945.

Depois de solto, continuou a actividade contra o Regime, integrando o Comité de Acção Especial Anarquista e o Comité Confederal, passou a viver em Almada, onde desenvolveu uma intensa actividade Associativa, nomeadamente na "Cooperativa Piedense" e na "Incrível Almadense," da qual foi Presidente da Mesa da Assembleia-Geral - após o 25 de Abril de 1974, uniu-se aos seus Companheiros e publicou o jornal «A Batalha», mais tarde, fundando o jornal «Voz Anarquista», onde colaborou até morrer em Novembro de 1976. Publicou ainda, "A Revolução Social e a Sua Interpretação Anarquista" (1975).

Capas de brochura com desgaste junto da lombada e das margens, com sinais de manuseamento e com leves picos de acidez e sujidade. Lombada vincada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com leves picos de acidez e sujidade. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com picos de acidez e humidade.

10€

37. RAMA (Maria Manuela Morato de Sousa) (MANUELA DE SOUSA RAMA)/ PLANTIER (Carlos) - MELO ANTUNES: TEMPO DE SER FIRME. Liber - Editora e Publicidade Portugal Brasil, Lda. - Lisboa, 1976. 298, [3] pp. B. (I-L-1227)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 10.000 exemplares.** Capa: Team.

Nesta obra, os autores inicialmente hesitantes em escrevê-la, viram que a mesma fazia sentido "Com a divulgação do «Documento dos Nove», com a proximidade de Melo Antunes a Pinheiro de Azevedo, na difícil tarefa de superação de uma crise que ameaçava (ameaça ainda) lançar Portugal no caos da anarquia, julgámos de utilidade, numa tentativa de sistematização de todo o trabalho desenvolvido ao longo de ano e meio de intenso labor, dar a conhecer melhor, no enquadramento espinhoso da situação política que se tem vivido, a personalidade e a obra levada a cabo por um Homem da Revolução de quem há, ainda, muito a esperar - cremos - neste cada vez mais «Tempo de Ser Firme»... Sem especulações. Nem ataques. Nem laudas." (em "Nota Inicial" - páginas 5-6).

A obra encontra-se dividida em 4 Partes, a saber: I.) Parte I - "Perfil/ Um Homem Antes da Revolução," II.) Parte II - "Testemunhos," III.) Parte III - "Documentos" e IV.) Parte IV - "Epílogo" - umas páginas no final, já depois de terminado o livro sobre o 25 de Novembro de 1975.

Manuela de Sousa Rama é uma Jornalista, Escritora e Actriz Portuguesa, que foi Finalista do Curso de Direito na Universidade de Lisboa, mas que enveredou pelo Jornalismo, tendo sido Directora da revista «Modas & Bordados» e Jornalista-Adjunta da Administração da Sociedade Nacional de Tipografia, que era proprietária do diário «O Século» e dos semanários «O Século Ilustrado», «Mulher - Modas e Bordados» e «Vida Mundial». É autora de um livro de cariz Jurídico, "Divórcio: Da Concordata à Revolução" (1975), a presente obra, a biografia do Pedro Caldeira, um Romance, uma colectânea de Crónicas e Contos e um Romance Histórico, tendo traduzido algumas obras para o Português. Conhecida no mundo Televisivo, por integrar a «Informação» na RTP, onde fez e apresentou vários programas, actualmente é actriz na Companhia Maior, em residência no Centro Cultural de Belém.

Carlos Plantier foi um Jornalista Português, que foi Sub-Chefe, Chefe de Redacção e Redactor do semanário «O Século Ilustrado» e Redactor do diário «Jornal Novo», um jornal de vocação Socialista Democrática, tendo tido também colaboração dispersa em vários órgãos da Imprensa Portuguesa. Autor da obra de cariz Jurídico, "Divórcio: Da Concordata à Revolução" (1975) com Manuela de Sousa Rama e da presente obra, com a mesma autora, traduziu também algumas obras para o Português.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com uma pequena amolgadela em cima (à frente), desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com desgaste de algumas partes plastificadas e com leve sujidade. Lombada com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos, com uma pequena amolgadela em cima (à frente) e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades limpos. Algumas páginas com vincos em cima e em baixo, nos cantos. Algumas páginas no início do livro com uma pequena amolgadela em cima, sem afectar o texto.

6€

38. REPÓRTER SOMBRA [Pseudónimo] - DOSSIER P.I.D.E.: OS HORRORES E CRIMES DE UMA POLÍCIA. Agência Portuguesa de Revistas - Lisboa, 1974. 159, [1] pp, [24] folhas ilustradas. B. (I-L-1251)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Com assinatura de posse a tinta azul na página 4.** Com texto de **Mário Castrim** na badana da frente e de Carlos Coutinho na badana da contra-capla. Com folhas em extra-texto, a meio do livro e no final do livro, a preto e branco. Com o preço antigo de 70\$00 a lápis no anterrosto. Com parte do talão de reposição da Livraria Bertrand na badana da frente.

A presente obra expôs os crimes da P.I.D.E. durante o Estado Novo, "Os Portugueses têm - disse um dia a escritora Agustina Bessa-Luís - tendência para eleger bodes expiatórios. E neste caso, os Agentes, Inspectores, Informadores ou Escriurários da P.I.D.E. passaram a ser os responsáveis por todos os crimes cometidos. Condenada a P.I.D.E. como monstro-todo-culpado, muita gente lavou daí as suas mãos... As «Delegaões» da P.I.D.E. estendiam-se às Fábricas, aos Quartéis, aos Bairros, aos Escritórios, às Oficinas, actuavam nos Correios, nos Telefones, nas Escolas, nas Universidades... Os «Bufos» estavam em toda a parte...Esta «pequena amostra» é apenas uma pequena pedra para o monumental livro dos crimes da P.I.D.E. Quarenta e oito anos de Arquivos exigiriam desse livro uma dimensão que ultrapassa a mais delirante das imaginaões. Mas o que esta amostra contém chega por si só para se acordarem as consciências porventura adormecidas com a fácil vitória do 25 de Abril. É preciso castigar os Criminosos e os seus Comparsas - ou o ressurgimento de Portugal não passará de uma palavra bonita encobrimdo uma monstruosa realidade." (em "O Porquê Deste Livro" - páginas 7-11).

A obra encontra-se divida em 2 Partes, a saber: I.) I Parte - "Os Mecanismos da P.I.D.E." e II.) II Parte - "Um Grupo de Vítimas do Terror."

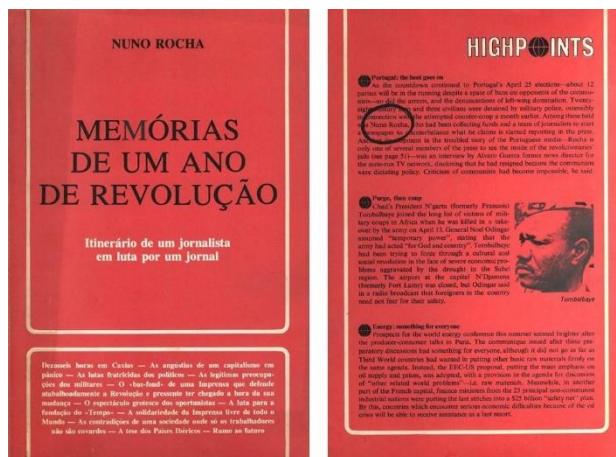
A obra foi publicada anonimamente, desconhecendo-se o autor da mesma.

Capas de brochura com vincos nos cantos, uma leve marca de tinta preta à frente, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com leve sujidade e picos de acidez. Lombada vincada, com vestígios de uma etiqueta autocolante arrancada em baixo, uma leve marca de tinta preta e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos e com picos de acidez e humidade. Miolo e extremidades

escurecidos, com acidez generalizada. Páginas 11-14 e 67-69 por abrir.

5€

39. ROCHA (Nuno Augusto Ferreira Alves) (NUNO ROCHA) - MEMÓRIAS DE UM ANO DE REVOLUÇÃO: ITINERÁRIO DE UM JORNALISTA EM LUTA POR UM JORNAL. Edição Somuna - Lisboa, 1975. 171, [1] pp. B. (I-L-1237)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 5.000 exemplares.** Capa de Maria do Sameio Souto. Com folha de Errata na página 170, sobreposta ao texto. Com o preço antigo de 370\$00 a lápis no anterrosto.

Nesta obra, o autor descreve as suas Memórias passado um ano sobre a Revolução do 25 de Abril de 1974, e a sua luta para fundar o Semanário «Tempo», que viria a ser fundado a 29 de Maio de 1975, nas vésperas do «Verão Quente».

A obra encontra-se dividida em 11 Capítulos, a saber: 1.) "Dezasseis Horas em Caxias," 2.) "As Angústias de Um Capitalismo em Pânico," 3.) "As Lutas Fratricidas dos Políticos," 4.) "As Legítimas Preocupações dos Militares," 5.) "O «Bas-Fond» de Uma Imprensa Que Defende Atabalhoadamente a Revolução e Pressente ter Chegado a Hora da Sua Mudança," 6.) "O Espectáculo Grotesco dos Oportunistas," 7.) "A Luta Para a Fundação do «Tempo»," 8.) "A Solidariedade da Imprensa Livre de Todo o Mundo," 9.) "As Contradições de Uma Sociedade Onde Só os Trabalhadores Não São Covardes," 10.) "A Tese dos Países Ibéricos" e 11.) "Rumo ao Futuro."

Nuno Rocha foi um Jornalista Português, que começou a carreira no Jornalismo Desportivo, passando depois pelo «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Primeiro de Janeiro» e «Diário Ilustrado», tendo sido um dos primeiros Membros da SEDES - Associação para o Desenvolvimento Económico e Social - por tentar fundar o «Tempo», foi preso a 13 de Abril de 1975, em casa, por membros do COPCON (Comando Operacional do Continente), tendo ficado detido durante 16 horas em Caxias.

A 29 de Maio de 1975 consegue fundar o «Tempo», um Semanário que saía às Quintas-Feiras e seguia um modelo gráfico inspirado no «Le Monde» (durou até 1990), com uma ideologia de Centro-Direita, próxima do PSD, onde Vera Lagoa e Manuel de Portugal se

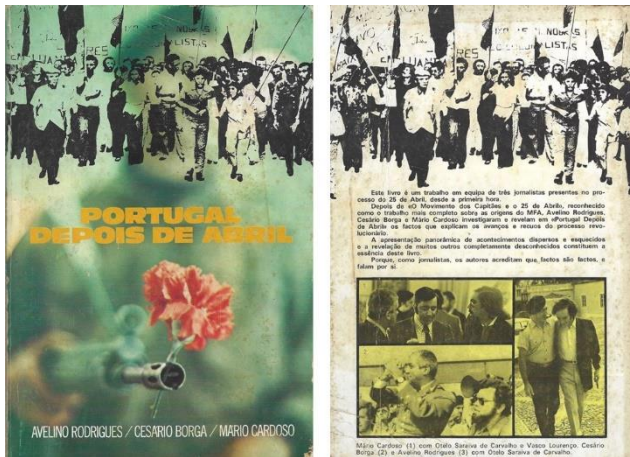
56

destacavam como Colunistas de sucesso, e onde implementou um estilo que, mais tarde, viria a inspirar Paulo Portas e Miguel Esteves Cardoso em «O Independente» - foi também um impulsionador do «Correio da Manhã», juntamente com Carlos Barbosa e Vítor Direito, e de «Publituris», uma revista especializada na área do Turismo. Foi Professor Convidado da Universidade Independente, em Cadeiras ligadas ao Jornalismo, onde lançou a revista «Media XXI» e em Espanha e escreveu alguns livros de Reportagens e a presente obra, em que conta as suas Memórias um ano depois do 25 de Abril de 1974, no caminho para fundar o «Tempo».

Capas de brochura com vincos nos cantos, marcas de exposição solar e contacto com outros livros (à frente), desgaste junto da lombada e das margens, e com leve sujidade. Lombada com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos e escurecidos. Miolo e extremidades geralmente limpos, mas com ocasionais picos de sujidade. Páginas 142-143 com alguma sujidade.

6€

40. RODRIGUES (Avelino)/ BORGIA (Cesário)/ CARDOSO (Mário) - PORTUGAL DEPOIS DE ABRIL. Intervoz, Publicidade, Lda - Lisboa, 1976. 326, [2] pp. B. (I-L-1243)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Editor: António dos Reis. Maquetização de António Martins. **Fotografias da Capa de Carlos Gil**. Revisão de Eugénio Canto e Castro. Com o preço antigo de 100\$00 a lápis no anterrosto.

Esta obra, que consiste num trabalho em equipa de 3 Jornalistas presentes no processo do 25 de Abril desde o início, pertence a uma trilogia e dá continuidade à obra anterior dos mesmos autores, "O Movimento dos Capitães e o 25 de Abril," publicada em 1974, tendo-se seguido "Abril nos Quartéis de Novembro," publicada em 1979 - aborda, para além da Revolução de 25 de Abril de 1974, as balizas temporais do Pós 25 de Abril, como o "28 de Setembro de 1974," («Maioria Silenciosa») O "11 de Março de 1975" («Intentona») e o "25 de Novembro de 1975" («Fim do PREC»).

A obra encontra-se dividida em 4 Partes, mais os "Documentos," a saber: 1.) I Parte - "Democratizar/Descolonizar," 2.) II Parte - "A Revolução Alarga o Passo," 3.) III Parte - "O Avanço e o Retrocesso," 4.) IV Parte - "Os Fantasmas de Novembro," mais os "Documentos"

no final (são 16 Documentos no total).

Avelino Rodrigues é um Jornalista Português, que chegou a ser um dos Padres «Progressistas» da «Geração de 1960» e foi um Capelão nas origens do Movimento dos Capitães - em 1959 fez um Curso Superior (Equiparação Oficial), em 1969 terminou o Curso de Jornalismo do Sindicato dos Jornalistas, entre 1977 e 1979 fez Cursos de Formação e em 2000/2001 fez uma Pós-Graduação em Jornalismo no ISCTE. Jornalista profissional desde 1968, iniciou a carreira no jornal «O Século» (1968-1971), depois foi Chefe de Reportagem do «Diário de Lisboa» entre 1971 e 1974, altura em que sai esta obra, e até 2000 teve um percurso que passou pela RTP, RTP 2 e Teledifusão de Macau (TDM). Como Docente, foi Professor de Filosofia no Instituto Superior de Serviço Social, em Lisboa, de 1962 a 1964 e Docente Orientador do Centro de Formação Profissional da RTP (Área de Jornalismo) entre 1979 e 1981.

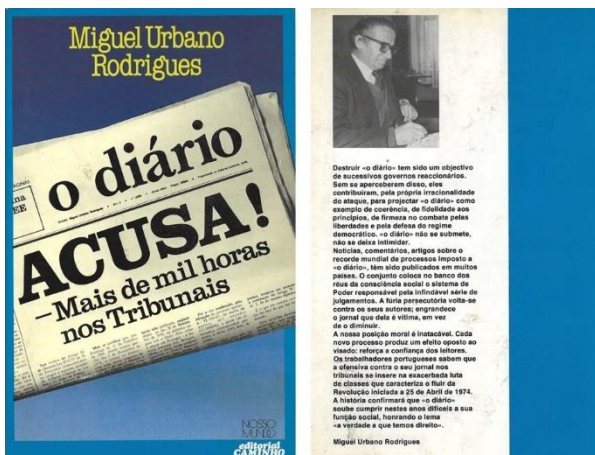
Cesário Borga, oriundo de uma humilde família rural, é um Jornalista Português, que entrou para a Juventude Operária Católica em Torres Novas, onde escrevia Artigos, fazia Reportagens e participava na Montagem do Jornal, entre outras actividades - frequentou a Escola Comercial em Torres Novas até ao 3.º Ano e, já em Lisboa, fez o 1.º Ciclo do Liceu e parte do 2.º no Liceu Camões. Em 1964 começou a colaborar com a revista «Flama» e em 1968 foi mobilizado para a Guerra Colonial e enviado para Moçambique - em 1970 completou o 2.º Ciclo do Liceu e fez duas disciplinas do 7.º Ano, procurando de seguida trabalho como Jornalista. Começou a trabalhar no jornal «A Capital» como Repórter, depois foi Director do «Voz de Trabalho» durante dois anos e em 1972 passou a pertencer à Direcção do Sindicato dos Jornalistas, onde esteve até 1975, e trocou «A Capital» pelo «Diário de Lisboa» (onde o Avelino Rodrigues se encontrava na altura, e aí se manteve até ao Verão de 1974). Ainda em 1974, muda para a RTP, onde esteve até 2010, mantendo a actividade Sindical. Em 2008 defendeu a Tese de Mestrado em "Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação" no ISCTE.

Mário Cardoso é um Advogado Independente em Macau desde 2011 - anteriormente foi Jornalista de «A Capital», «Diário de Lisboa» (onde também estiveram Avelino Rodrigues e Cesário Borga), RTP e Teledifusão de Macau (TDM) entre 1969 e 1997 - entre 1998 e 2011 foi Técnico Superior da Administração Pública de Macau.

Capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com alguns picos de acidez. Lombada vincada, com um pequeno rasgão em cima, com algumas faltas de papel e com leves picos de acidez. Interior das capas de brochura com vincos expressivos nos cantos, escurecido e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Páginas 195-242 com um vinco expressivo em baixo, no canto.

5€

41. RODRIGUES (Miguel Urbano Tavares) (MIGUEL URBANO RODRIGUES) - O DIÁRIO ACUSA!: MAIS DE MIL HORAS NOS TRIBUNAIS. (Colecção «Nosso Mundo»). Editorial Caminho, 1984. 249, [1] pp., [4] folhas ilustradas. B. (I-L-1236)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Tiragem de 10.000 exemplares.** Obra inserida na Colecção «Nosso Mundo» da Editorial Caminho. Capa de Delgado Godinho. Revisão Tipográfica da «Secção de Revisão da Editorial Caminho». Com parte do talão de reposição original da Editorial Caminho no anterosto. Com uma Introdução de **Fernando Luso Soares**, Advogado de Miguel Urbano Rodrigues, intitulada "Depoimento."

Nesta obra, escrita em 10 semanas, mas com material que, em condições normais, exigiria uma classificação e análise que demoraria mais de um ano, são relatados os anos em que o autor foi Director de «O Diário», entre 1976 e 1985, tendo o jornal sido notícia pelo recorde mundial de processos impostos ao mesmo, o que foi noticiado internacionalmente.

Em 1984 o autor era o único Jornalista Português cujas saídas do país dependiam da autorização expressa de um Juiz, facto que estava ferido de ilegalidades - as "mais de mil horas nos Tribunais" a que o autor foi sujeito mostram que "Dez anos após uma das rupturas Revolucionárias mais belas que a Europa conheceu neste século, o Poder é exercido em Portugal por uma classe cujos representantes, para intimidarem os jornais e os Jornalistas, fazem da perseguição a «O Diário» um mostruário da sua política e mundividência. Utilizam como instrumento repressivo das liberdades uma «Lei de Imprensa» concebida e promulgada para as defender e garantir... Destruir «O Diário» tem sido um objectivo de sucessivos Governos Reaccionários... A História confirmará que «O Diário» soube cumprir nestes anos difíceis a sua função social, honrando o lema »A verdade a que temos Direito«. (em "Introdução" - páginas 18-19).

Miguel Urbano Rodrigues foi um Jornalista e Escritor Português, que foi Redactor do «Diário de Notícias» entre 1949 e 1956 e Chefe de Redacção do «Diário Ilustrado» entre 1956 e 1957 em Portugal, antes de se exilar no Brasil - no exílio, foi Editoralista Principal de «O Estado de S. Paulo» entre 1957 e 1974 e Editor Internacional da revista Brasileira «Visão» entre 1970 a 1974 e, ao mesmo tempo, participava do «Portugal Democrático», órgão dos Anti-Fascistas Portugueses, que foi publicado, entre 1956 e 1975, também em São Paulo.

Regressou a Portugal depois do 25 de Abril de 1974, tendo sido Chefe de Redacção do «Avante!» (1974-1975), Director de «O Diário» (1976-1985) e, ainda, Assistente de História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre 1974 e 1975. Na actividade Política, foi Presidente da Assembleia Municipal de Moura entre 1977 e 1978, Deputado à Assembleia da República pelo Partido Comunista Português entre 1990 e 1995 e Deputado às Assembleias Parlamentares do Conselho da Europa e da União da Europa Ocidental, tendo sido Membro da Comissão Política desta última. Autor de mais de uma dezena de livros publicados em Portugal e no Brasil, era irmão de Urbano Tavares Rodrigues e teve dois filhos, Maria da Paz Trefaut, Jornalista Freelancer e Artista indígena Brasileira e Sérgio Tréfaut, Cineasta Brasileiro.

Capas de brochura com vincos nos cantos e leve sujidade. Lombada vincada. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com uma leve mancha de humidade/acidez em cima, na contra-capa. Miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez.

7,50€

42. SANTOS (Carlos Pinto)/ NEVES (Orlando Loureiro) (ORLANDO NEVES) - EANES: UM PRESIDENTE NO CURSO DA CONSTITUIÇÃO. Edições «Na Revolução» - Lisboa, s.d. (1978). 140 pp. B. (I-L-1225)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. **Ideia e Concepção Gráfica de Sérgio Guimarães.** Fotos de Luís Vasconcelos, **Alfredo Cunha**, Fernando Baião, Vasco Trancoso e **Sérgio Guimarães**. Obra profusamente ilustrada, com fotografias a preto e branco.

Esta obra pretendia ter como tema fundamental o percurso político do Presidente da República, o General Ramalho Eanes, mas logo os Coordenadores aceitaram com reserva, pela "expressão permanente de um desacordo básico com as posições do General Ramalho Eanes" e para não fazer um livro "segundo um esquema que se aproximaria das célebres obras encomiásticas que antes do 25 de Abril fabricavam sobre os Presidentes da era Fascista," conforme referem no Prefácio (página 7) - tendo em conta que a História Portuguesa, especialmente do Século XX, viveu sob a influência decisiva das Forças Armadas e a evolução do Processo Político iniciado com o 25 de Abril de 1974 e a elaboração de uma Constituição Democrática, "A 2 anos e meio da sua eleição, pode hoje dizer-se que o actual Presidente da República, durante esse lapso, recusou qualquer carisma autoritário

(e nisso a sua firmeza tem sido inalterável) e transmitiu uma imagem até então desconhecida na figura de um alto Militar: a imagem do Soldado Democrático, que busca a isenção Partidária, que respeita a Lei Fundamental do País - em suma, a imagem do Militar Republicano da qual 48 anos de Fascismo nos tinham completamente afastado. O balanço definitivo da sua actuação e influência na vida Portuguesa não pode ainda ser feito, sobretudo se levarmos em conta as críticas a que tem sido sujeito: à Direita por não tomar as rédeas do poder de forma mais autoritária; à Esquerda por, embora reconhecendo-se-lhe o esforço realizado na defesa da Constituição de 1976, não estimular, desde já e activamente, a caminhada para o Socialismo que a própria Constituição prevê." (em "Prefácio - páginas 8-9).

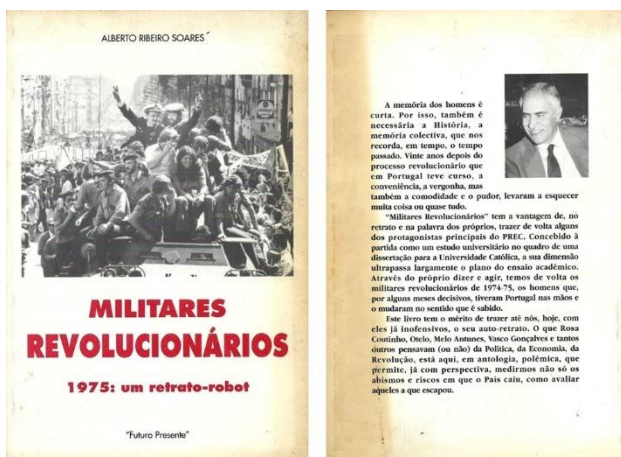
Carlos Pinto Santos foi um Jornalista Português, que começou a sua actividade em 1975 - antes do 25 de Abril de 1974 desertou do Exército Colonial Português, fugindo para a Bélgica e depois para Paris, regressando a Portugal apenas no próprio dia da «Revolução». Ao longo dos anos, fez grandes Reportagens pelo mundo fora, fez parte das Redacções do «Página Um», «Cadernos do Terceiro Mundo» e «Europeu», foi Correspondente das revistas «Macau» e «Ecologia e Desenvolvimento» e teve colaboração dispersa no «Expresso» e no «Público». Na década de 1980 viveu uns anos no Brasil, onde colaborou nos «Cadernos do Terceiro Mundo», e em 2006 foi um dos Fundadores da revista «África 21», uma revista sobre a actualidade Africana em língua portuguesa. A par da presente obra, escreveu "De Longe à China-Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas," uma Antologia em 4 Volumes, e o "Dicionário Obsceno da Língua Portuguesa."

Orlando Neves foi um Ficcionista, Poeta, Dramaturgo, Cronista e Jornalista Português, que fez o Ensino Primário em Lisboa e nas Caldas da Rainha e o Secundário em várias cidades, tendo concluído uma Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1958 - exerceu diversas actividades ligadas à Cultura, de que se destacam Director Literário do Círculo de Leitores, Director Literário da Portugália Editora, em Fevereiro de 1975 fundador da Cooperativa Editorial «Diabril» e Director de Relações Públicas e Assessor do Teatro São Luiz. Publicou obras em diversos registos literários, como Poesia, Romance, Teatro e Literatura Infanto-Juvenil.

Capas de brochura com vincos nos cantos, com pequenas faltas de papel, com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada vincada em baixo e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo geralmente limpo, mas extremidades com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

7,50€

43. SOARES (Alberto Ribeiro) - MILITARES REVOLUCIONÁRIOS: 1975 - UM RETRATO-ROBOT (OBTIDO DA LEITURA DO «EXPRESSO»). Edições "Futuro Presente" - Lisboa, 1994. 247 pp., [2] folhas desdobráveis. B. (I-L-1244)



1ª Edição. Tiragem de 2.000 exemplares. Prefácio de Jorge Borges de Macedo. Capa de Vítor Mestre, com **fotografia de Eduardo Gageiro**. Orientação Gráfica de João Águas.

A presente obra, cujo objectivo foi a caracterização do Militar Português durante um período Revolucionário bem definido, o ano de 1975, no Pós 25 de Abril de 1974, teve como base uma análise que foi transmitida à Opinião Pública pela Comunicação Social, tendo o autor escolhido o «Expresso», o Semanário de maior expansão e audiência à época - em 1975 o «Expresso» publicou 60 Edições (N.º 105 a N.º 164) e foram utilizados exclusivamente os textos deste jornal sobre os Militares ou relativamente às suas atitudes, acções ou omissões. (em "Nota do Autor" - página 25).

O trabalho que serviu de base a este livro foi apresentado como Dissertação Final no Curso Complementar de Ciências da Informação (1980-1983) da Universidade Católica Portuguesa (um Mestrado Não Oficial), o primeiro em Portugal - a obra encontra-se prefaciada pelo Professor Doutor Jorge Borges de Macedo, que orientou este trabalho.

Encontra-se dividido em 10 Capítulos, a saber: 1.) "Perfil Político," 2.) "Perfil Sociológico," 3.) "Perfil Económico," 4.) "Perfil Cultural," 5.) "Perfil Militar," 6.) "Humor e Ironia," 7.) "Conclusões," 8.) "Anexos," 9.) "Apêndice" e 10.) "Bibliografia."

Alberto Ribeiro Soares é um Coronel de Artilharia do Exército Português, com Curso de Estado-Maior, que nasceu em Luanda e que fez 4 Comissões Militares em África durante a Guerra Colonial (entre 1961 e 1974), foi Membro activo do «Movimento dos Capitães" e depois do Movimento das Forças Armadas (MFA) em 1973, foi Sub-Chefe do Estado-Maior do Quartel General do Governo Militar de Lisboa - QG/RMS em 1985, Comandante do Regimento de Artilharia Anti-Aérea 1 entre 1988 e 1989 e em 1989 passou à situação de Reserva para trabalhar no sector privado.

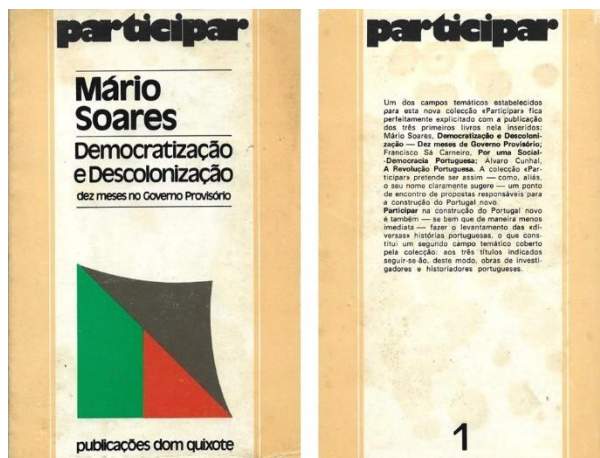
Fez o Curso de Ciências Pedagógicas na Universidade de Luanda em 1972, um Mestrado (Não Oficial) em Ciências da Informação na Universidade Católica Portuguesa entre 1980 e 1983 (onde apresentou como Dissertação Final esta obra) e foi Professor Convidado no Curso de Ciências da Informação na Universidade Católica entre 1991 e 1992 - depois de

passar à Reserva foi Director Operacional da VASP - Distribuição de Publicações entre 1989 e 1990. Desde 1976 que tem colaborado em diversos jornais e revistas Militares e foi Director da Gazeta dos Desportos em 1996 - é autor de algumas obras sobre temas Militares e Coordenador de Projectos como "Os Generais do Exército Português" (2003-2016), "Imprensa Militar Portuguesa: Catálogo da Biblioteca do Exército" (2003), "Bodas de Ouro dos Cursos Entrados na Escola do Exército em 1956" (2006) e "A Mulher na Guerra e nas Forças Armadas" (2008).

Capas de brochura com vincos nos cantos, marcas de exposição solar e contacto com outros livros junto das extremidades e com alguns picos de acidez e sujidade. Lombada com pequenos vincos, sinais de manuseamento e picos de acidez. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades escurecidos, com picos de acidez.

6€

- 44. SOARES (Mário Alberto Nobre Lopes) (MÁRIO SOARES) - DEMOCRATIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO: DEZ MESES NO GOVERNO PROVISÓRIO.** (Colecção «Participar» - 1). Publicações Dom Quixote, 1975. 290, [2] pp. B. (I-L-1216)



1ª Edição - esta obra nunca foi reeditada. Obra inaugural da Colecção «Participar» das Publicações Dom Quixote. **Capa e Orientação Gráfica de Fernando Felgueiras. Selecção e Coordenação de Alfredo Barroso. Com a data 5 de Abril de 1975 a tinta preta e uma etiqueta autocolante "Vota PS," descolada, da época, na página 3.** Com o talão de reposição original das Publicações Dom Quixote, com o preço antigo de 125\$00, e parte do talão de reposição da Drugstore Apolo 70 no anterrosto.

Esta obra corresponde a um período de cerca de 10 meses, entre o 25 de Abril de 1974 e 24 de Fevereiro de 1975, quando Mário Soares foi Ministro dos Negócios Estrangeiros no I, II e III Governo Provisório (16/05/1974 - 26/05/1975) - entre os textos reunidos estão Entrevistas, Tomadas de Posição, Discursos, entre outros textos, ordenados cronologicamente, e que incidem sobretudo nos temas da Descolonização e Política Externa Portuguesa.

Mário Soares foi um Advogado e Político Português, Ministro dos Negócios Estrangeiros no I Governo Provisório (1974), Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional (1976) e do II (1978), Primeiro-Ministro de Portugal (1976-1978 e 1983-1985) e Presidente da República Portuguesa em dois mandatos consecutivos (1986-1991 e 1992-1996) - foi Co-Fundador do Partido Socialista em 1973 (Secretário-Geral de 1973 a 1986) e no início do percurso político foi Militante de base do Partido Comunista Português, pertencendo também ao MUNAF e ao MUD e, mais tarde, juntando-se à oposição não Comunista.

Detido 12 vezes pela PIDE, esteve preso cerca de 3 anos no Aljube, Caxias e no Estabelecimento Prisional de Lisboa - filho do Professor e antigo Sacerdote João Lopes Soares, que viria a fundar o Colégio Moderno em 1936, fez uma Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951 e outra em Direito na Faculdade de Direito desta universidade em 1957, mas impedido de dar aulas, juntou-se aos pais na gestão do Colégio.

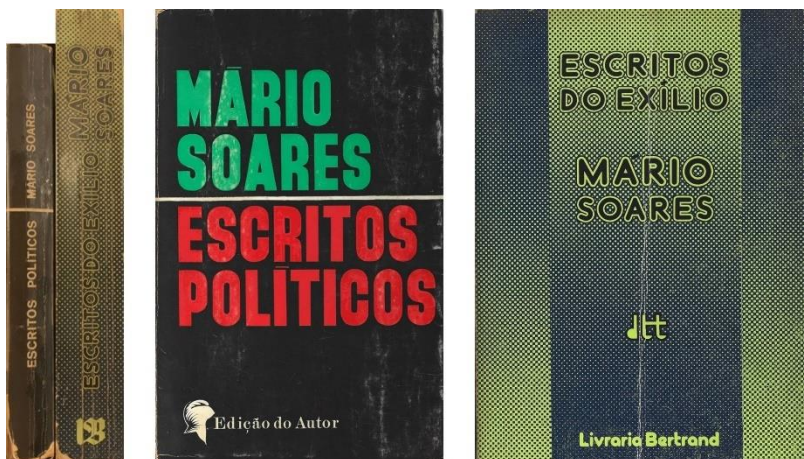
Como Advogado, fez o estágio com o Dr. Leopoldo do Vale e depois abriu um escritório na Rua do Ouro, em Lisboa, onde teve em mãos processos com bastante visibilidade, entre eles a defesa de Presos Políticos. Em 1996 criou a Fundação Mário Soares, com um Espólio Documental de 2 Milhões de Documentos legado por ele e em 2020 ampliou os arquivos, mudando o nome desta para Fundação Mário Soares e Maria Barroso, após a morte de Maria Barroso. Publicou diversas obras de cariz Político, de Memórias, de Ensaio e alguns livros em que concedeu Entrevistas a diversos jornalistas - recebeu diversos títulos Honoríficos e Doutoramentos «Honoris Causa» em Portugal e no Estrangeiro.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente), com uma pequena amolgadela, e com vincos nos outros cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com sinais de manuseamento e com picos de acidez e sujidade. Lombada vincada, com sinais de manuseamento, com leve sujidade e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto inferior direito (à frente), com uma pequena amolgadela, e com vincos nos outros cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

10€

45. SOARES (Mário Alberto Nobre Lopes) (MÁRIO SOARES) - ESCRITOS POLÍTICOS: VOLUME 1 - VOLUME 2. (Coleção «Escritos Políticos» - 1-2). Edição do Autor - Lisboa (Depositária: Editorial Inquérito, Lda. - Lisboa)/ Livraria Bertrand - Lisboa, 1969-1975. 2 Vols. B. (I-L-1213)

Volume 1 - 242, [4] pp., Volume 2 - 423, [2] pp.



1ª Edição - o Volume 1 teve 4 edições no mesmo ano, logo esgotadas. Obra completa - são 2 Volumes. O Volume 1 foi um **livro apreendido à época**, uma Edição de Autor distribuída pela Editorial Inquérito. O Volume 1 tem um **texto na contra-capa e na badana posterior de Raul Rego sobre Mário Soares**. O Volume 2 tem **capa de José Cândido**.

A presente obra consiste em 2 Volumes, a saber: Volume 1- "Escritos Políticos" (Edição de Autor, 1969) e Volume 2 - "Escritos do Exílio" (Livraria Bertrand, Junho 1975) - inserido na Coleção «Documentos de Todos os Tempos».

Os 2 Volumes reúnem Escritos Políticos, o mesmo é que dizer Artigos, Entrevistas, Conferências/Discursos, Tomadas de Posição, entre outros - surgem da necessidade de luta Anti-Fascista e Anti-Colonialista do autor, abrangendo o Volume 1 os anos entre 1965 e 1969 e o Volume 2 os anos do exílio, entre 1970 e 27 de Abril de 1974, altura em que Mário Soares regressa a Portugal.

Mário Soares foi um Advogado e Político Português, Ministro dos Negócios Estrangeiros no I Governo Provisório (1974), Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional (1976) e do II (1978), Primeiro-Ministro de Portugal (1976-1978 e 1983-1985) e Presidente da República Portuguesa em dois mandatos consecutivos (1986-1991 e 1992-1996) - foi Co-Fundador do Partido Socialista em 1973 (Secretário-Geral de 1973 a 1986) e no início do percurso político foi Militante de base do Partido Comunista Português, pertencendo também ao MUNAF e ao MUD e, mais tarde, juntando-se à oposição não Comunista.

Detido 12 vezes pela PIDE, esteve preso cerca de 3 anos no Aljube, Caxias e no Estabelecimento Prisional de Lisboa - filho do Professor e antigo Sacerdote João Lopes Soares, que viria a fundar o Colégio Moderno em 1936, fez uma Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951 e outra em Direito na Faculdade de Direito desta universidade em 1957, mas impedido de dar aulas, juntou-se aos pais na gestão do Colégio.

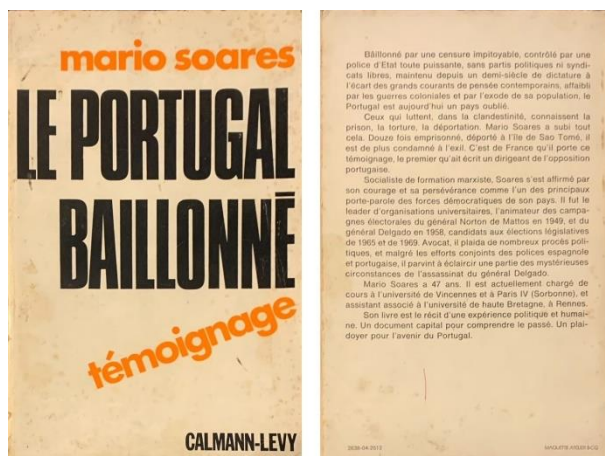
Como Advogado, fez o estágio com o Dr. Leopoldo do Vale e depois abriu um escritório na Rua do Ouro, em Lisboa, onde teve em mãos processos com bastante visibilidade, entre eles a defesa de Presos Políticos. Em 1996 criou a Fundação Mário Soares, com um Espólio Documental de 2 Milhões de Documentos legado por ele e em 2020 ampliou os arquivos, mudando o nome desta para Fundação Mário Soares e Maria Barroso, após a morte de Maria Barroso. Publicou diversas obras de cariz Político, de Memórias, de Ensaio e alguns livros em que concedeu Entrevistas a diversos jornalistas - recebeu diversos títulos Honoríficos e Doutoramentos «Honoris Causa» em Portugal e no Estrangeiro.

O Volume 1 tem as capas de brochura com vincos nos cantos, sinais de manuseamento, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel e com picos de acidez e sujidade na contra-capa e o Volume 2 com um vinco expressivo no canto superior esquerdo (na contra-capa) e com vincos nos outros cantos, vincos ao longo das capas, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e leves picos de acidez. O Volume 1 tem a lombada vincada e algumas faltas de papel, sobretudo em baixo, e o Volume 2 tem a mesma vincada, escurecida e com algumas faltas de papel. O Volume 1 tem o interior das capas de brochura e badanas com vincos nos cantos, escurecido e com alguns picos de acidez e o Volume 2 com um vinco expressivo no canto superior esquerdo (na contra-capa) e com vincos nos outros cantos, vincos ao longo das capas, escurecido e com leve sujidade. O Volume 1 tem o miolo e extremidades escurecidos, com ocasionais picos de acidez e sujidade e o Volume 2 escurecidos, tendo as extremidades uma pequena amolgadela em cima.

Os 2 Volumes têm algumas páginas com vincos em cima, no Volume 2 expressivos. o Volume 2 tem algumas páginas mal abertas e algumas páginas aparadas em cima e de lado (de origem?). Páginas 159-162 do Volume 2 com um vinco expressivo em baixo, no canto.

15€

46. SOARES (Mário Alberto Nobre Lopes) (MÁRIO SOARES) - LE PORTUGAL BAILLONNÉ.
Calmann-Lévy - Paris, 1972. 314, [2] pp. B. (I-L-1256)



1ª Edição - foi reeditada em 1974 em Portugal e, mais recentemente, em 2023. **Livro apreendido à época.** Com o **Prefácio do Mário Soares, em Francês.** Tradução do Português por Édouard Bailly.

Trata-se edição original do livro, tendo sido depois traduzido para o Inglês e Alemão em 1973, publicado na Venezuela em 1973, traduzido para o Espanhol, Italiano e Grego em 1974, sendo apenas editado em Portugal em Outubro de 1974 - viria a ser traduzido para o Chinês, em 1993.

Uma das principais obras de Mário Soares, começou por ser escrito quando esteve deportado em São Tomé em 1968, interrompido quando regressou a Portugal em Novembro do mesmo ano e viria a ser continuado depois das Eleições de 1969, quando em Agosto de 1970 foi forçado ao exílio - escrito em 1971, quando se encontrava refugiado na casa de campo de um amigo em Itália, sendo uma parte escrita num modesto quarto de hotel em Paris, foi um testemunho daquilo que viveu nos tempos do Fascismo, entre 1942 e 1971, sendo que os acontecimentos entre 1972 e os 25 de Abril de 1974 não foram reflectidos na obra - apesar da pressão do editor para acrescentar correcções e acrescentar novos capítulos, optou por manter o texto como nesta edição original. Em 1972, quando foi publicado, o Director da editora era Alain Oulmann, filho da Nicole Calmann-Lévy (filha do editor Calmann-Lévy).

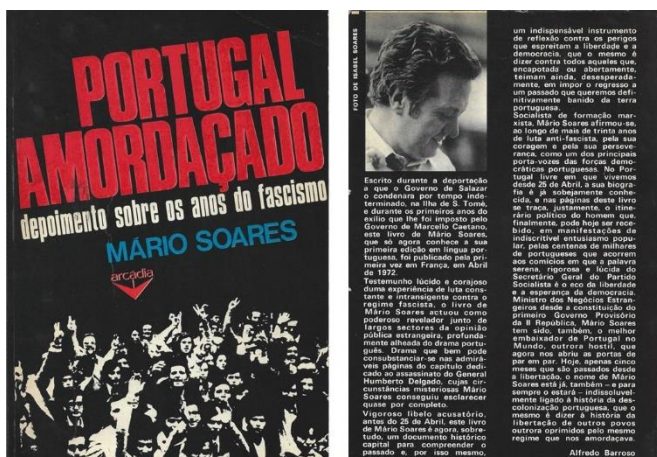
Mário Soares foi um Advogado e Político Português, Ministro dos Negócios Estrangeiros no I Governo Provisório (1974), Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional (1976) e do II (1978), Primeiro-Ministro de Portugal (1976-1978 e 1983-1985) e Presidente da República Portuguesa em dois mandatos consecutivos (1986-1991 e 1992-1996) - foi Co-Fundador do Partido Socialista em 1973 (Secretário-Geral de 1973 a 1986) e no início do percurso político foi Militante de base do Partido Comunista Português, pertencendo também ao MUNAF e ao MUD e, mais tarde, juntando-se à oposição não Comunista.

Detido 12 vezes pela PIDE, esteve preso cerca de 3 anos no Aljube, Caxias e no Estabelecimento Prisional de Lisboa - filho do Professor e antigo Sacerdote João Lopes Soares, que viria a fundar o Colégio Moderno em 1936, fez uma Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951 e outra em Direito na Faculdade de Direito desta universidade em 1957, mas impedido de dar aulas, juntou-se aos pais na gestão do Colégio.

Como Advogado, fez o estágio com o Dr. Leopoldo do Vale e depois abriu um escritório na Rua do Ouro, em Lisboa, onde teve em mãos processos com bastante visibilidade, entre eles a defesa de Presos Políticos. Em 1996 criou a Fundação Mário Soares, com um Espólio Documental de 2 Milhões de Documentos legado por ele e em 2020 ampliou os arquivos, mudando o nome desta para Fundação Mário Soares e Maria Barroso, após a morte de Maria Barroso. Publicou diversas obras de cariz Político, de Memórias, de Ensaio e alguns livros em que concedeu Entrevistas a diversos jornalistas - recebeu diversos títulos Honoríficos e Doutoramentos «Honoris Causa» em Portugal e no Estrangeiro.

Capas de brochura com vincos nos cantos, uma leve marca de tinta vermelha na contracapa, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, com sinais de manuseamento e com acidez generalizada. Lombada vincada, com acidez generalizada e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e com leves picos de acidez. Miolo escurecido e extremidades escurecidas, com acidez generalizada em cima. Marcas de tinta branca nas extremidades, em baixo.

47. SOARES (Mário Alberto Nobre Lopes) (MÁRIO SOARES) - PORTUGAL AMORDAÇADO: DEPOIMENTO SOBRE OS ANOS DO FASCISMO. Editora Arcádia - Lisboa, 1974. 728, [7] pp. B. (I-L-1212)



1ª Edição em Português - a edição original saiu em Abril de 1972 em Paris, publicado pela Calmann-Lévy. **Capa e Plano Gráfico de Manuel Dias. Fotografia da contra-capa de Isabel Soares.** Revisão de Dália Eda Lyra. Com o **Prefácio à 1ª Edição Portuguesa (1974) e à edição original de 1972, publicada em França.** Com um texto de Alfredo Barroso sobre o livro na contra-capa.

Trata-se da versão original e integral do livro vertida para o Português, tendo sido depois traduzido para o Inglês e Alemão em 1973, publicado na Venezuela em 1973, traduzido para o Espanhol, Italiano e Grego em 1974, sendo apenas editado em Portugal em Outubro de 1974 - viria a ser traduzido para o Chinês, em 1993.

Uma das principais obras de Mário Soares, começou por ser escrito quando esteve deportado em São Tomé em 1968, interrompido quando regressou a Portugal em Novembro do mesmo ano e viria a ser continuado depois das Eleições de 1969, quando em Agosto de 1970 foi forçado ao exílio - escrito em 1971, quando se encontrava refugiado na casa de campo de um amigo em Itália, sendo uma parte escrita num modesto quarto de hotel em Paris, foi um testemunho daquilo que viveu nos tempos do Fascismo, entre 1942 e 1971, sendo que os acontecimentos entre 1972 e os 25 de Abril de 1974 não foram reflectidos na obra - apesar da pressão do editor para acrescentar correcções e acrescentar novos capítulos, optou por manter o texto como na edição original. Em 1972, quando foi publicado, o Director da editora era Alain Oulmann, filho da Nicole Calmann-Lévy (filha do editor Calmann-Lévy).

Mário Soares foi um Advogado e Político Português, Ministro dos Negócios Estrangeiros no I Governo Provisório (1974), Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional (1976) e do II (1978), Primeiro-Ministro de Portugal (1976-1978 e 1983-1985) e Presidente da República Portuguesa em dois mandatos consecutivos (1986-1991 e 1992-1996) - foi Co-Fundador do Partido Socialista em 1973 (Secretário-Geral de 1973 a 1986) e no início do percurso político foi Militante de base do Partido Comunista Português, pertencendo também ao MUNAF e ao MUD e, mais tarde, juntando-se à oposição não Comunista.

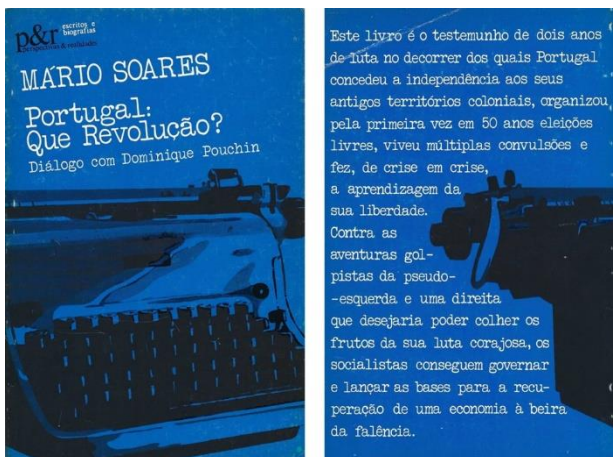
Detido 12 vezes pela PIDE, esteve preso cerca de 3 anos no Aljube, Caxias e no Estabelecimento Prisional de Lisboa - filho do Professor e antigo Sacerdote João Lopes Soares, que viria a fundar o Colégio Moderno em 1936, fez uma Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951 e outra em Direito na Faculdade de Direito desta universidade em 1957, mas impedido de dar aulas, juntou-se aos pais na gestão do Colégio.

Como Advogado, fez o estágio com o Dr. Leopoldo do Vale e depois abriu um escritório na Rua do Ouro, em Lisboa, onde teve em mãos processos com bastante visibilidade, entre eles a defesa de Presos Políticos. Em 1996 criou a Fundação Mário Soares, com um Espólio Documental de 2 Milhões de Documentos legado por ele e em 2020 ampliou os arquivos, mudando o nome desta para Fundação Mário Soares e Maria Barroso, após a morte de Maria Barroso. Publicou diversas obras de cariz Político, de Memórias, de Ensaio e alguns livros em que concedeu Entrevistas a diversos jornalistas - recebeu diversos títulos Honoríficos e Doutoramentos «Honoris Causa» em Portugal e no Estrangeiro.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos, com desgaste junto das margens, com pequenas faltas de papel e com sinais de manuseamento. Lombada vincada, com desgaste das partes plastificadas e com pequenas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior direito (à frente) e com vincos nos outros cantos e com leves picos de acidez. Miolo geralmente limpo, mas extremidades levemente escurecidas, com mancha de humidade em baixo de tom rosa. Páginas 33-34 e 605-626 com um vinco expressivo em baixo, no canto.

7,50€

48. SOARES (Mário Alberto Nobre Lopes) (MÁRIO SOARES) - PORTUGAL: QUE REVOLUÇÃO? - DIÁLOGO COM DOMINIQUE POUCHIN. Perspectivas & Realidades - Lisboa, 1976. 235, [1] pp. B. (I-L-1215)



3ª Edição, 2ª em Portugal - Tradução para o Português no mesmo ano em que saiu em Paris. **Capa de Alda Rosa, Salette e José Brandão. Tradução de Isabel Soares.**

A presente obra, que viria a ser traduzida para o Alemão, Italiano e Castelhana (Caracas, Venezuela) em 1976, consiste num Diálogo/Entrevista de Dominique Pouchin com Mário Soares - conforme se pode ler na contra-capa da edição Portuguesa, "Este livro é um testemunho de dois anos de luta no decorrer dos quais Portugal concedeu a Independência aos seus antigos territórios Coloniais, organizou, pela primeira vez em 50 anos Eleições Livres, viveu múltiplas convulsões e fez, de crise em crise, a aprendizagem da sua liberdade. Contra as aventuras golpistas da pseudo-Esquerda e uma Direita que desejaria poder colher os frutos da sua luta corajosa, os Socialistas conseguem governar e lançar as bases para a recuperação de uma economia à beira da falência."

Dominique Pouchin, o Entrevistador, é um Jornalista e Repórter Francês, que em 1972 foi expulso do Partido Socialista Unificado e que em 1973 integrou o Centre de Formation des Journalistes, uma Escola Superior de Comunicação Social em Paris, e já foi Chefe de Redacção e Conselheiro Editorial de alguns jornais importantes em França.

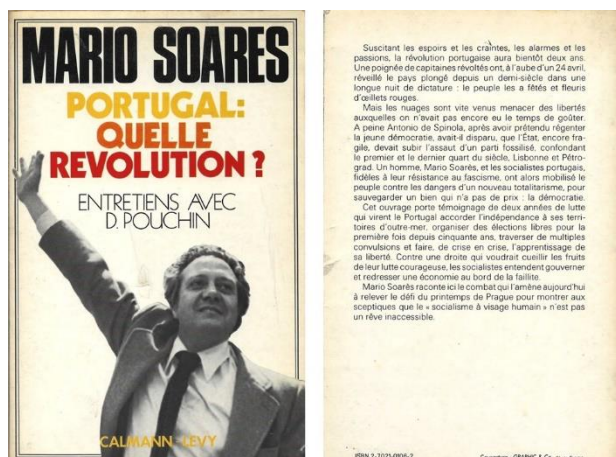
Mário Soares foi um Advogado e Político Português, Ministro dos Negócios Estrangeiros no I Governo Provisório (1974), Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional (1976) e do II (1978), Primeiro-Ministro de Portugal (1976-1978 e 1983-1985) e Presidente da República Portuguesa em dois mandatos consecutivos (1986-1991 e 1992-1996) - foi Co-Fundador do Partido Socialista em 1973 (Secretário-Geral de 1973 a 1986) e no início do percurso político foi Militante de base do Partido Comunista Português, pertencendo também ao MUNAF e ao MUD e, mais tarde, juntando-se à oposição não Comunista.

Detido 12 vezes pela PIDE, esteve preso cerca de 3 anos no Aljube, Caxias e no Estabelecimento Prisional de Lisboa - filho do Professor e antigo Sacerdote João Lopes Soares, que viria a fundar o Colégio Moderno em 1936, fez uma Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951 e outra em Direito na Faculdade de Direito desta universidade em 1957, mas impedido de dar aulas, juntou-se aos pais na gestão do Colégio.

Como Advogado, fez o estágio com o Dr. Leopoldo do Vale e depois abriu um escritório na Rua do Ouro, em Lisboa, onde teve em mãos processos com bastante visibilidade, entre eles a defesa de Presos Políticos. Em 1996 criou a Fundação Mário Soares, com um Espólio Documental de 2 Milhões de Documentos legado por ele e em 2020 ampliou os arquivos, mudando o nome desta para Fundação Mário Soares e Maria Barroso, após a morte de Maria Barroso. Publicou diversas obras de cariz Político, de Memórias, de Ensaio e alguns livros em que concedeu Entrevistas a diversos jornalistas - recebeu diversos títulos Honoríficos e Doutoramentos «Honoris Causa» em Portugal e no Estrangeiro.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior esquerdo (na contra-capa) e com vincos nos outros cantos, desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com sinais de manuseamento. Lombada com vincos em cima e em baixo, com sinais de desgaste e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior esquerdo (na contra-capa) e com vincos nos outros cantos. Miolo e extremidades levemente escurecidos. Algumas páginas no final do livro com um vinco expressivo em cima, no canto. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

49. SOARES (Mário Alberto Nobre Lopes) (MÁRIO SOARES) - PORTUGAL: QUELLE RÉVOLUTION? - ENTRETIENS AVEC DOMINIQUE POUCHIN. Calmann-Lévy - Paris, 1976. 253, [3] pp. B. (I-L-1214)



1ª Edição - viria a ser traduzido para o Português no mesmo ano, uns meses depois. Capa: Graphic & Co. - Photo Sygma.

A presente obra, que viria a ser traduzida para o Alemão, Italiano e Castelhana (Caracas, Venezuela) em 1976, consiste num Diálogo/Entrevista de Dominique Pouchin com Mário Soares - na contra-capá vem um resumo da obra em Francês.

Dominique Pouchin, o Entrevistador, é um Jornalista e Repórter Francês, que em 1972 foi expulso do Partido Socialista Unificado e que em 1973 integrou o Centre de Formation des Journalistes, uma Escola Superior de Comunicação Social em Paris, e já foi Chefe de Redacção e Conselheiro Editorial de alguns jornais importantes em França.

Mário Soares foi um Advogado e Político Português, Ministro dos Negócios Estrangeiros no I Governo Provisório (1974), Primeiro-Ministro do I Governo Constitucional (1976) e do II (1978), Primeiro-Ministro de Portugal (1976-1978 e 1983-1985) e Presidente da República Portuguesa em dois mandatos consecutivos (1986-1991 e 1992-1996) - foi Co-Fundador do Partido Socialista em 1973 (Secretário-Geral de 1973 a 1986) e no início do percurso político foi Militante de base do Partido Comunista Português, pertencendo também ao MUNAF e ao MUD e, mais tarde, juntando-se à oposição não Comunista.

Detido 12 vezes pela PIDE, esteve preso cerca de 3 anos no Aljube, Caxias e no Estabelecimento Prisional de Lisboa - filho do Professor e antigo Sacerdote João Lopes Soares, que viria a fundar o Colégio Moderno em 1936, fez uma Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951 e outra em Direito na Faculdade de Direito desta universidade em 1957, mas impedido de dar aulas, juntou-se aos pais na gestão do Colégio.

Como Advogado, fez o estágio com o Dr. Leopoldo do Vale e depois abriu um escritório na Rua do Ouro, em Lisboa, onde teve em mãos processos com bastante visibilidade, entre eles a defesa de Presos Políticos. Em 1996 criou a Fundação Mário Soares, com um Espólio Documental de 2 Milhões de Documentos legado por ele e em 2020 ampliou os arquivos, mudando o nome desta para Fundação Mário Soares e Maria Barroso, após a morte de Maria

Barroso. Publicou diversas obras de cariz Político, de Memórias, de Ensaio e alguns livros em que concedeu Entrevistas a diversos jornalistas - recebeu diversos títulos Honoríficos e Doutoramentos «Honoris Causa» em Portugal e no Estrangeiro.

Capas de brochura com vincos nos cantos, uma pequena amolgadela à frente e na contracapa, junto da extremidade, com sinais de manuseamento, com leve desgaste das partes plastificadas e com leve sujidade. Lombada com um pequeno vinco em cima e com leve sujidade. Interior das capas de brochura com vincos nos cantos e alguns picos de acidez e sujidade. Miolo e extremidades levemente escurecidos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas no início e no final do livro com uma pequena amolgadela. Algumas páginas vincadas em cima e em baixo, nos cantos.

7,50€

50. SPÍNOLA (António Sebastião Ribeiro de) (ANTÓNIO DE SPÍNOLA) - PORTUGAL E O FUTURO: ANÁLISE DA CONJUNTURA NACIONAL. Editora Arcádia - Lisboa, 1974. 243, [4] pp. B. (I-L-1239)



1ª Edição - um grande sucesso de vendas, a obra **teve 5 Edições só em 1974** e teve uma reedição mais recente em 2003, com textos de Nuno de Carvalho, José Veiga Simão e José Loureiro dos Santos. Esta 1ª Edição terá tido uma tiragem de 100.000 exemplares, logo esgotada num mês, tendo sido publicado pelo editor Waldemar Paradela de Abreu com a chancela da Editora Arcádia, no dia 22 de Fevereiro de 1974.

A presente obra, dividida em 6 capítulos, defendia a tese de que a solução para a saída da Guerra Colonial, ao fim de 13 anos, seria Política e não Militar - uma das mais conhecidas obras do autor, teve um impacto enorme à época, **com o Marcello Caetano a pedir a demissão ao Presidente da República Américo Tomás**, que não aceitou a mesma, dizendo que "o caminho é ir até ao fim" e teve uma edição no Brasil, pela Editora Nova Fronteira, com introdução de Carlos Lacerda, tendo sido traduzida também para o Francês, Inglês, Espanhol, Italiano e Alemão no mesmo ano.

É de notar a curiosidade de ter sido **Natália Correia, à data Directora Literária na Editorial Arcádia, que se deslocou a Bissau para receber de António de Spínola o manuscrito do livro "Portugal e o Futuro."**

António de Spínola foi um Militar e Político Português, tendo sido o 14.º Presidente da República, o primeiro após o 25 de Abril de 1974 - frequentou o Colégio Militar, depois aos 18 anos entrou na Escola Politécnica de Lisboa, onde completou os Estudos Preparatórios Militares e, mais tarde, em 1930, ingressou na Escola do Exército, onde escolheu o Curso de Cavalaria, iniciando a sua paixão pelos cavalos que o acompanharia ao longo da vida, tendo até participado em várias Provas Hípicas.

Foi nomeado Governador Militar da Guiné-Bissau em 1968 e novamente em 1972 e, regressado a Portugal em 1973, foi convidado por Marcello Caetano para a pasta do Ultramar, mas recusou, por não aceitar a intransigência governamental face aos Territórios Ultramarinos - em Janeiro de 1974 toma posse como Vice-Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, na noite do 25 de Abril de 1974 foi nomeado Presidente da Junta de Salvação Nacional e a 15 de Maio de 1974 tomou posse como Presidente da República, cargo que ocupou por pouco tempo, tentando depois o Golpe de Estado de Direita da «Intentona» a 11 de Março de 1975, o qual falhou, levando ao seu exílio, primeiro em Espanha, depois no Brasil.

No exílio, fundou e foi Presidente do Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), uma organização Terrorista Portuguesa que levou a cabo uma vaga de atentados à Bomba a sedes de Partidos de Esquerda no início de 1976 e o atentado à Bomba que vitimou o candidato a Deputado Padre Max e uma estudante que o acompanhava - regressaria a Portugal em Agosto de 1976, sendo detido pela PSP à chegada a Lisboa, para ser interrogado sobre a sua ligação ao MDLP, e foi libertado 48 horas depois por "falta de matéria incriminatória," o que gerou Manifestações de vários Sindicatos e Movimentos e Partidos Políticos.

Capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior esquerdo (na contra-capas) e com vincos nos outros cantos, com pequenas faltas de papel, com desgaste junto da lombada e das margens, com pequenas faltas de papel, e com leve sujidade e picos de acidez. Lombada vincada, com leves marcas de tinta preta, do título do livro, e com algumas faltas de papel. Interior das capas de brochura com um vinco expressivo no canto superior esquerdo (na contra-capas) e com vincos nos outros cantos e com leves picos de acidez. Miolo e extremidades limpos, com ocasionais picos de acidez. Algumas páginas com vincos expressivos em cima e em baixo, nos cantos.

6€